UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

César Augusto Melão

O punk sob o olhar da mídia: um estudo léxico-discursivo

São Paulo

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

César Augusto Melão

O punk sob o olhar da mídia: um estudo léxico-discursivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil.

São Paulo

2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diósnio Machado Neto

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil (orientadora)

Para Helena, Mirian e
Eraldo.

Para Thais.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil pela orientação, estímulo e companheirismo no durante todo o desenvolvimento deste trabalho que, no início, parecia tão difícil de ser realizado.

Aos Profs. Drs. Diósnio Machado Neto e Elis de Almeida Cardoso, cujas leituras, observações e conselhos tiveram uma grande importância para o crescimento qualitativo desta dissertação.

À minha família, pelo apoio que me deram durante a realização deste trabalho e durante todas as etapas da minha vida.

À Thais dos Santos Luiz pelo apoio moral e afetivo, pelas leituras e por estar ao meu lado durante quase todo o árduo processo de elaboração e desenvolvimento desta dissertação.

Don't hate the media,
become the media.

Jello Biafra

RESUMO

A mídia de massa constitui um grupo detentor de um grande poder no âmbito discursivo, uma vez que esse grupo tem acesso e pode controlar as informações que vão a público. O movimento punk, por outro lado, representa diversas minorias na sociedade e sua principal ferramenta de divulgação de ideias é a arte, principalmente a música. O discurso punk, porém, tem um alcance bastante limitado em comparação com a mídia de massa. Tendo em mente essa assimetria de poder, analisamos, nesta dissertação, o discurso da mídia em relação ao punk brasileiro. Desde sua chegada ao Brasil, o punk é alvo de várias confusões, acusações e controvérsias. Sem o mesmo destaque que teve nos anos 1980, o movimento punk, hoje em dia, não tem muita expressividade na mídia de massa. Quando ele é veiculado, em geral, é em razão de algum episódio que envolva violência física ou crimes. Em novembro de 2011 um caso de briga entre punks e neonazistas acabou com um punk morto e um neonazista gravemente ferido. Esse acontecimento teve um destaque notável na mídia, diversos periódicos e programas televisivos abordaram o assunto e até dedicaram programas inteiros para falar sobre o assunto. Esse caso serviu como recorte metodológico para compormos nosso corpus. Selecionamos textos que abordam a vida do jovem assassinado, pois vários deles tratam não só o caso do assassinato, mas também o punk como um todo. Além disso, selecionamos alguns textos da fase inicial do movimento punk para termos uma base de como ele era visto naquela época. Tendo o corpus definido, fizemos um levantamento lexical e separamos as lexias em campos semânticos, utilizando as noções sobre Léxico encontradas em Barbosa (1978), Biderman (1978) e Pottier (1975 e 1985). Analisamos esses dados à luz da abordagem triangular proposta por van Dijk (2008), segundo a qual a produção de sentido deve ser entendida de acordo com os seguintes elementos: discurso, cognição e sociedade. Além disso, utilizamos o recurso metodológico do mesmo autor, chamado de quadrado ideológico (VAN DIJK, 2005) para situar e compreender criticamente as escolhas lexicais no discurso midiático. A partir das análises dos dados obtidos, concluímos que o punk, enquanto objeto do discurso da mídia de massa, adquire um caráter bastante negativo e estereotipado. O indivíduo punk é visto como um sujeito perigoso, ligado ao crime e a situações violentas, além de ser, segundo o estereótipo criado, preconceituoso e agressivo. Entendemos que diversas informações divulgadas pela mídia são manipuladas e manipuladoras. Segundo o pensamento de van Dijk, a manipulação ocorre quando um grupo com mais poder abusa de sua posição favorável para informar as pessoas de modo parcial, isso gera uma compreensão

incompleta do evento sobre o qual se fala no discurso. Apesar de não negarmos que o movimento punk manifeste-se de modo violento algumas vezes, notamos que ele, em muitos casos, é alvo de discursos manipuladores, o que gera um estereótipo majoritariamente negativo.

Palavras-chave: punk, mídia, léxico, discurso, poder

ABSTRACT

The mass media is a group which holds a great discursive power within itself, once it has access to information that becomes public and can control it. The punk movement, on the other hand, represents several minorities in society and its main tool for the dissemination of ideas is the art, especially music. The punk discourse, however, has a very limited range in comparison with the mass media one. Thinking about that power asymmetry, we analyzed, in this thesis, the media discourse in relation to Brazilian punk. Since its arrival in Brazil, the punk movement is the target of several confusions, accusations and controversies. Without the same prominence it had in the 1980s, the punk movement, today, does not have much expressiveness in the mass media. When it is reported, in general, is due to some incident involving physical violence or crimes. In November 2011 a case of fight between punks and neo-Nazis ended up with a punk killed and seriously injured a neo-Nazi. This event had a remarkable prominence in the media; various journals and television shows have discussed the issue and even devoted entire programs to talk about it. This case served as a methodological approach to compose our corpus. We have selected texts that discuss the life the young punk murdered because many of them talk not only about the murder case, but also about punk as a whole. In addition, we selected some texts of the early punk movement to have a base as he was seen at that time. Having defined the corpus, we did a survey and separate lexical semantic fields using notions about Lexicon found in Barbosa (1978), Biderman (1978) and Pottier (1975 and 1985). We analyze these data in the light of the triangular approach proposed by van Dijk (2008), according to which the production of meaning must be understood according to the following elements: discourse, cognition and society. Furthermore, we use the methodological resource by the same author, called the ideological square (van Dijk, 2005) to locate and critically understand the lexical choices in media discourse. From the analysis of the obtained data, we conclude that the punk, as an object of discourse of the mass media, acquires a very negative and stereotypical image. The punk individual is seen as a dangerous person, linked to crime and violent situations. He/she also is, according to the created stereotype, prejudiced and aggressive. We understand that various disclosures by the media are manipulated and manipulative. According to van Dijk thought, manipulation occurs when a group with more power abuses its comfortable position to inform people partially, so it generates an incomplete understanding of the event about which it speaks in the discourse. While not denying that the punk movement manifests itself

violently sometimes, we noticed that it, in many cases, is the target of manipulated speeches, which generates an overwhelmingly negative stereotype.

Keywords: punk, media, lexicon, discourse, power.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 1 da Revista Veja)....	80
Tabela 2 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 2 da Revista Veja)....	83
Tabela 3 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 3 da Revista Veja)....	86
Tabela 4 – lexias organizadas por campos semânticos (texto do Portal Globo.com).....	89
Tabela 5 – lexias organizadas por campos semânticos (texto do Diário de S. Paulo).....	91
Tabela 6 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 1 da Folha de S. Paulo)	93
Tabela 7 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 2 da Folha de S. Paulo)	96
Tabela 8 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 3 da Folha de S. Paulo)	98
Tabela 9 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 4 da Folha de S. Paulo)	101
Tabela 10 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 5 da Folha de S. Paulo)	104
Tabela 11 – Lexias dentro do quadrado ideológico.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O MOVIMENTO PUNK	23
1.1 PRÉ-HISTÓRIA DO MOVIMENTO PUNK	23
1.2 PRIMEIRA FASE – SURGIMENTO DO PUNK.....	24
1.3 SEGUNDA FASE – HARDCORE E POLÍTICA	25
1.4 TERCEIRA FASE – ANOS 90 ATÉ A ATUALIDADE.....	26
1.5 O MOVIMENTO NO BRASIL	26
1.6 ESTRUTURA DO PUNK.....	31
2. A CENA PUNK NA METRÓPOLE PAULISTA: STRAIGHT-EDGES E PUNKS FAZEM DE SÃO PAULO SEU ESPAÇO	40
3. O PUNK COMO OBJETO DO DISCURSO	46
3.1 NOÇÕES SOBRE O OLHAR NA OBRA DE MICHEL FOUCAULT.....	46
3.2 O OLHAR DISCURSIVO: CONSTRUÇÃO DE OBJETOS E CONCEITOS	48
3.3 PRESENÇA E AUSÊNCIA DO PUNK NO DISCURSO.....	53
3.4 O PUNK DOCUMENTADO.....	55
3.5 A BIOGÊNESE DO PUNK.....	56
4. O LÉXICO E OS ESTUDOS DISCURSIVOS.....	59
4.1 FUNDAMENTOS DO LÉXICO	59
4.2 A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	62
4.2.1 Origens da ACD	62
4.2.2 Ideologia e Hegemonia: elementos de luta, dominação e legitimação.....	63
4.2.3 Manipulação, cognição e a construção dos modelos mentais	68
4.2.4 Os gêneros do discurso e a construção da verdade.....	73
4.2.5 O quadrado ideológico	77
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS.....	80
6.1 APRESENTAÇÃO	80
6.2. ANÁLISES.....	82
6.2.1 Textos da Revista Veja.....	82
6.2.2 Texto do portal Globo.com: ‘Ele achou no movimento uma forma de se manifestar’, diz mãe de punk morto (Anexo E).....	91
6.2.3 Texto do Diário de S. Paulo: Punk encenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead (Anexo F)	93
6.2.4 Textos do Grupo Folha.....	95
6.3 CAMPOS SEMÂNTICOS DOS TEXTOS ANALISADOS.....	108
6.4 O LÉXICO NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA ACD.....	114
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXOS.....	130

INTRODUÇÃO

No ano de 1603 ou 1604 o poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare encenava sua recém-escrita peça *Measure for measure* (Medida por medida), comédia em que se encontram talvez os primeiros registros escritos sobre o termo *punk*. Em duas passagens da obra temos o seguinte:

MARIANA. Pardon, my lord; I will not show my face until my husband bid me.
 DUKE. What, are you married?
 MARIANA. No, my lord.
 DUKE. Are you a maid?
 MARIANA. No, my lord.
 DUKE. A widow, then?
 MARIANA. Neither, my lord.
 DUKE. Why, you are nothing then; neither maid, widow, nor wife.
 LUCIO. My lord, she may be a **punk**; for many of them are neither maid, widow, nor wife.
 [...]
 DUKE. Upon mine honour, thou shalt marry her.
 Thy slanders I forgive; and therewithal
 Remit thy other forfeits. Take him to prison;
 And see our pleasure herein executed.
 LUCIO. Marrying a **punk**, my lord, is pressing to death, whipping, and hanging. (SHAKESPEARE, 1999, p.75 e 85. Grifos nossos)¹

Àquela época o termo era coloquial e usado como um sinônimo de *prostitute* (prostituta) ou ainda para qualificar mulheres que tinham um comportamento considerado inadequado

¹ Mariana – Perdão, milorde, não vou mostrar o rosto até que meu marido o peça.

Duque – Ora, você é casada?

Mariana – Não, milorde.

Duque – Você é donzela?

Mariana – Não, milorde.

Duque – Viúva, então.

Mariana – Também não, milorde.

Duque – Mas você não é nada. Nem donzela, nem viúva, nem esposa?

Lúcio – Milorde, ela pode ser uma **prostituta**, porque muitas delas não são nem donzelas, nem viúvas, nem esposas.

[...]

Duque – Por minha honra, tu vais te casar com ela. Tuas calúnias eu perdoo e, além disso, dou por remidas tuas outras multas e penalidades. Carreguem o sujeito para a prisão, e vejam que esta nossa ordem para o matrimônio dele seja executada.

Lúcio – Casar com uma **meretriz**, milorde, é tortura por esmagamento até a morte, chibatadas e forca, tudo junto! (SHAKESPEARE, 2012, p. 119 e 120 – 133. Grifos nossos.).

quanto à sua sexualidade, algo equivalente à *rameira*. Tanto é que na obra de Shakespeare, punk soa como um insulto. Na primeira ocorrência do termo na obra, Mariana é acusada de ser *punk*, ou seja, prostituta ou meretriz, como é referida na segunda ocorrência. O contexto em que o termo aparece já é indicativo da carga semântica que ele possuía na época. Mariana, não queria retirar o véu e negou os títulos de esposa, viúva e donzela, isto é, negou os papéis que geralmente eram associados à mulher. O fato de a personagem não ser nada daquilo que lhe perguntaram, fez com que ela fosse rotulada como *punk*, não só uma prostituta, mas uma mulher que nega as posições que lhe são impostas. Tanto é verdade, que se casar com Mariana é um castigo pior do que um suplício para Lúcio.

Segundo o dicionário online dictionary.com, ainda no século XVI a palavra também servia para designar jovem homossexual do sexo masculino (sinônimo de *catamite*) o que foi mantido por muito tempo como gíria nas penitenciárias dos Estados Unidos. No século XVIII passou a ser usada como sinônimo de *hoodlum*, ou seja, um jovem rebelde, geralmente ligado à criminalidade.

Há ainda uma derivação de *spunk* (provavelmente derivado de uma forma antiga de *spark*). No século XVI e XVII esse termo era usado no campo da química significando madeira podre atacada por fungos e que poderia ser utilizada como mecha para acender fogo ou então algum material inflamável sem necessitar de chama. Dessa significação, mais tarde, o termo punk adquiriu o sentido de coisa podre, de baixa qualidade.

Nos países anglófonos, utiliza-se “punk” para se referir a qualquer tipo de delinquente, seja ele jovem, rebelde, ladrão, assassino etc. Sempre esteve ligado à criminalidade, como por exemplo, nos filmes de Clint Eastwood. Em *Perseguidor implacável* (1971), o personagem de Eastwood, Harry Callahan utiliza o termo punk para se referir a um delinquente, isso anos antes de o movimento punk surgir em Nova York.

Como observamos, os sentidos do termo punk são vários, mas há um traço de semelhança, a maioria desses sentidos é negativa. O poeta Carlos Drummond de Andrade sintetiza bem essa característica em sua crônica *João Brandão adere ao punk* publicada no *Jornal do Brasil* em 14/04/1993:

O punk é mais sério do que ousamos imaginar. Até seu nome impressiona. Que quer dizer punk? "Madeira podre, isca, mecha, fedelho", segundo os dicionários. Não quer dizer nada de unívoco. Pra mim, punk, londrino, quer dizer pum, em português coloquial. E é isso mesmo: um gás importuno, estrondoso, no salão de festa, na rua, no gabinete da autoridade. É um som altamente contestatório das conveniências, preconceitos e ideias congeladas.

A curta crônica de Drummond tem como personagem central João Brandão, um estudioso em busca de entender o punk como fenômeno social emergente na época, porém que se encontra em meio a essa pesquisa e não chegou a uma conclusão definitiva. O fato é que, assim como João Brandão percebe em seus estudos, o punk assumiu para si essa negatividade presente em sua semântica justamente porque pretende ser um incômodo para a sociedade em que vive e que diz que o oprime. Os primeiros grupos punks de que se tem notícia foram assim chamados por críticos musicais e pessoas ligadas à arte de uma forma geral pelo fato de aqueles garotos tocarem um som próprio de delinquentes e degenerados.

Sobre o movimento propriamente dito, gostaríamos de destacar três citações muito esclarecedoras sobre o modo como ele é visto interna e externamente:

A motivação por trás do punk é, quase que sem pensar, atribuída ao DIY hoje em dia. Isso significa “Do It Yourself” (*Faça você mesmo*). É algo subestimado no punk rock, mas é a base sobre a qual a cultura inteira foi construída. Escritores punks não estão em casa esperando que seus artigos sejam publicados, eles mesmos os publicam. Os fãs não estão esperando alguém lançar um disco de sua banda predileta, eles mesmos o lançam. Não estamos esperando um clube abrir e realizar shows que atendam ao público com menos de 21 anos, nós mesmos o abrimos. O punk nunca esperou a aprovação de ninguém para fazer algo por conta própria. DIY é a resposta para “por quê?” (SINKER, 2008, p. 9).

Nós criamos nossa própria música, nosso próprio estilo de vida, nossa própria comunidade e nossa própria cultura... Estamos construindo um movimento baseado no amor, agindo na esperança de que algum dia a paz possa ser finalmente alcançada. Podemos tropeçar em nossos esforços, mas lutaremos para prosseguir adiante. A liberdade é algo que podemos criar todo dia; cabe a todos nós fazer com que isso aconteça (O’HARA, 2005, p. 44).

Eles não são violentos, como os jovens que integram as gangs de blusões de couro e alfinetes espetados na pele que, quase todos os domingos, invadem a estação São Bento, do metrô, para espancar e roubar outros jovens – aqueles que vendem artesanato ali mesmo e que fogem tão logo chegam aqueles violentíssimos e sujos jovens desesperados: os punkers, representantes meio atrasados de um movimento que nasceu na Inglaterra, em meados dos anos 70, e que praticamente já morreu por lá.

Vamos falar deles também, a seu tempo: dos punk-sepultura, dos punk-de-vômitos, dos punk-moicanos, dos punk-do-terror, dos punk-satã, alguns dos quais já se organizaram em gangs de até 600 jovens, homens e mulheres pálidos e que andam sempre armados. Com correntes, estiletes, facas, canivetes, machados e às vezes até revólveres. Discípulos de Satã, o ídolo que veneram, eles não veem muita diferença entre Deus e o Diabo, entre Marx, Kennedy ou Hitler, entre Bem e Mal. Eles gostam de bater, só isso. Alguns, mais cruéis, roubam e espancam velhinhas – e acham muita graça nisso. (EMEDIATO, 1985, p. 32-33).

O abismo que há entre os dois primeiros trechos e o terceiro é o que motivou a realização desta pesquisa. Os três segmentos abordam um mesmo grupo urbano que existe no mundo desde meados de 1974, os punks. Talvez para quem não conheça esse movimento, esses trechos soem bastante confusos, pois, enquanto nos dois primeiros vemos uma caracterização positiva de pessoas que buscam criar uma identidade baseada no amor, respeito e autogestão, no terceiro vemos a narração de um grupo inconsequente e ignorante, com propensões criminosas, violentas e ameaçadoras.

Os dois primeiros trechos selecionados foram escritos por pessoas que têm um contato direto com o movimento punk. O primeiro foi retirado do livro *Não devemos nada a você* (2008), uma coletânea de entrevistas da revista Punk Planet de Chicago, Illinois, organizada por Daniel Sinker. O segundo pertence ao livro *A filosofia do punk – mais do que barulho* (2005) de Craig O'Hara e o último é um trecho do livro *Geração abandonada* (1985), do jornalista Luiz Fernando Emediato.

O livro de Emediato é resultado de uma série de crônicas do autor publicadas no jornal O Estado de S. Paulo e editadas na forma de livro, que ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo (chamado Prêmio Roquete Pinto) e foi um best-seller na época. Os outros dois citados são resultados de produções independentes. A revista de onde Sinker retirou as entrevistas que compõem seu livro é na verdade um *fanzine* que atingiu um sucesso razoável, porém permaneceu na esfera independente durante toda a sua existência. A obra de O'Hara foi inicialmente reproduzida em uma copiadora e grampeada à mão. Ou seja, as produções desses indivíduos pertencentes ao movimento punk têm um acesso muito mais limitado do que o best-seller de Emediato.

Esse fato levanta uma importante questão em nosso trabalho, a assimetria de poder existente entre dois discursos de diferentes grupos. De um lado existe o discurso dos punks (grupo com menos poder) e de outro existe o discurso da grande mídia institucionalizada (grupo com mais poder). O poder de penetração na sociedade de um e de outro é muito desigual devido alguns fatores, como, por exemplo, as intenções de cada um deles. Enquanto o punk tem por objetivo defender seus ideais e lutar contra aquilo que acredita ser uma ameaça às liberdades individuais, um dos objetivos claros e óbvios da grande mídia é, além de informar, vender. Esses são dados que não necessitam de muito aprofundamento para serem percebidos. Esses diferentes objetivos fazem com que o alcance do discurso punk seja muito menor do que o da mídia. Além disso, o punk é formado por minorias e por pessoas que defendem os interesses delas. E o fato de serem minorias já explica o porquê de não terem uma voz na sociedade. É importante dizer, porém, que ambos são ideológicos a sua maneira.

Por meio de observações empíricas de, pelo menos, 11 anos, notamos que em muitas das vezes que o movimento punk tem algum destaque na grande mídia, isso se deve ao fato de que ele está relacionado a algum tipo de violência ou escândalo.

Além das matérias que mostraremos e analisaremos aqui, podemos também lembrar uma das primeiras vezes que o punk apareceu em um programa de grande destaque na mídia, o *Fantástico*, da Rede Globo, que em fevereiro de 1983, divulgou uma matéria sobre o movimento punk no Brasil. Trata-se de uma matéria de difícil acesso referenciada no documentário *Botinada – a origem do punk no Brasil* (2004) de Gastão Moreira e também em uma pequena nota no jornal Folha de S. Paulo. Entramos em contato com a emissora responsável pela matéria, porém o material foi negado com a seguinte alegação: “lamentamos informar, mas não temos como ajudar você. A Central de Atendimento ao Telespectador não divulga as informações solicitadas e também não é fonte de consulta para trabalhos acadêmicos ou escolares” (informação pessoal)². Sabemos que se trata de um documento importante na história do punk brasileiro, pois é apontado como um dos principais fatores de dispersão do movimento pelos próprios integrantes dele.

Segundo os punks, após essa matéria ter sido veiculada, vários integrantes do movimento foram demitidos de seus empregos e as pessoas não queriam ter comércios próximos de pontos de encontro de punks. Um grupo de comerciantes das Grandes Galerias em São Paulo (a popular Galeria do Rock) chegou inclusive a fazer um abaixo assinado para retirar do local a primeira loja especializada em cultura punk no Brasil, a Punk Rock Discos.

É conhecido o caso, destacado também no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, de dois jovens supostamente punks que foram agredidos por um grupo de Skinheads dentro de um trem em São Paulo em 2007. Ambos foram obrigados a pular do trem em movimento, um deles morreu e o outro teve um braço amputado. Esse caso serviu como elo para a reportagem, que era maior, e que mostrava também um caso de um grupo de punks (identificados na matéria) que esfaqueou até a morte um jovem vendedor ambulante que não quis vender um pedaço de pizza com desconto.

Há também casos de repercussão internacional envolvendo grupos de punks. Em fevereiro deste ano, o coletivo e banda punk feminista russa chamada Pussy Riot realizou um ato de protesto dentro da Catedral de Cristo Salvador, uma igreja católica ortodoxa localizada em Moscou. O protesto era contra a nova candidatura do primeiro ministro russo Vladimir Putin. Três das integrantes da banda foram presas e estão atualmente em julgamento por vandalismo

² Rede Globo. Mensagem recebida por cesarmelao@gmail.com em 02 out. 2011.

motivado por ódio religioso. O caso ficou mundialmente conhecido. Parte da grande mídia mundial repudiou a atitude das garotas, boa parte do público, porém, declarou apoio à banda, principalmente através de protestos de rua e em redes sociais.

Esse histórico de associação do punk à violência na mídia iniciou-se desde seu nascimento e dura até os dias de hoje, como se pode ver. Alguém que tenha contato com o punk por meio dessas exposições na grande mídia, dificilmente enxergará neste movimento alguma daquelas características contidas nas citações de Sinker (2008) e de O'Hara (2005) que destacamos acima. É possível, portanto, percebermos um problema fundamental: o punk tem uma imagem para aqueles que se interessam por ele e vivem nesse meio e uma outra imagem para aqueles que não o conhecem e o fazem por meio da grande mídia.

Com a motivação de entender essa peculiaridade, construímos o objeto de nossa investigação, o discurso midiático sobre o punk. Como esse discurso é construído, que aspectos da realidade da cultura punk ele leva em conta e que imagem é construída para o enunciário desse discurso? Essa é nossa preocupação principal neste trabalho.

Em um primeiro momento fizemos um levantamento de textos jornalísticos que compreendem a fase inicial do movimento punk em São Paulo e incorporamos três deles em nossas análises de modo a termos uma base histórica sobre o modo como a mídia abordava o movimento punk na época. Após esse primeiro momento, partimos para a parte principal do nosso corpus.

No dia 3 de novembro de 2011 ocorreu um show da banda punk inglesa Cock Sparrer em São Paulo, capital. Antes do show, no bairro de Pinheiros, aconteceu uma briga entre punks e skinheads neonazistas na frente da casa de shows. O punk Johni Raoni Falcão Galanciak se envolveu na briga com skinheads, levou algumas facadas e morreu a caminho do hospital. O autor das facadas ficou em estado grave, depois de ter sido agredido por pessoas que estavam com Johni, mas sobreviveu. A notícia teve uma grande repercussão, serviu de tema para várias reportagens sobre o movimento punk brasileiro. Parte delas, então, constituiu o corpus desta pesquisa.

Acompanhamos o caso na grande mídia desde o começo, fizemos um levantamento dos textos que abordaram o caso em alguns periódicos e portais da internet que possuem um grande número de leitores.

Após termos contato com a notícia, esperamos até o final do ano para termos um número maior de textos sobre o caso, selecionamos alguns portais de notícia na internet de periódicos que possuem um número grande de leitores e que são formadores de opinião principalmente em São Paulo: Diário de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Globo.com, Revista Veja e Veja SP.

Nos mecanismos de busca desses portais, buscamos por Johni Raoni, não utilizamos o nome completo a fim de aperfeiçoar a busca e obter mais resultados. Seleccionamos os textos que tratam do assunto do assassinato e o utilizam para falar também do movimento punk como um todo. Desprezamos pequenas notas e atualizações, ou seja, a mesma notícia com um novo depoimento, por exemplo.

Uma outra etapa foi importante para estabelecermos uma estimativa percentual da quantidade de textos desses portais que associam o punk a algum tipo de violência, já que é esse o problema central que nos levou a elaborar esta pesquisa. Fizemos então uma busca pelo termo “punk” através dos mecanismos de busca desses portais de notícia. Não levamos em consideração textos que abordavam outros assuntos, mas que apareceram na busca por uma coincidência de nomes. Chegamos então a um total de 117 textos desses quatro portais de notícia. 66 desses textos associam o punk a alguma forma de violência, ou seja, 56,41%. Quando não estão associadas à violência, notamos que geralmente são notícias de algum evento, como shows de bandas punks de conhecimento do grande público.

Dentro do corpus selecionado, a estrutura linguística analisada foi o léxico e as escolhas lexicais feitas pelos enunciadores daqueles discursos, com base nos estudos de Biderman (1978), Barbosa (1978) e Pottier (1975 e 1985). Essas escolhas foram organizadas em campos semânticos, redes de significações comuns dentro de um conjunto vocabular. Por exemplo, em alguns textos do corpus é recorrente o uso de lexias que desqualificam o indivíduo punk, como: “agressivo”, “encrenqueiro”, “violento”, “sujo”, “que cospe no público”, etc. Esse grupo escolhas lexicais pode ser organizado em dois campos semânticos, enquanto as três primeiras ocorrências se enquadrariam em um campo que poderíamos chamar de “violência”, as duas últimas poderiam ser enquadradas em outro chamado de “escatologia”.

Para fazer uma discussão crítica a respeito dos conjuntos lexicais utilizamos a Análise Crítica de Discurso (ACD), uma linha da Análise do Discurso que se preocupa com “os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de *poder* e de *dominação* na sociedade” (VAN DIJK, 2008, p. 115). A ACD

é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político (VAN DIJK, 2008, p. 115).

Trata-se de uma investigação que localiza as relações assimétricas de poder no âmbito discursivo, a fim de revelá-las, estudá-las, entender suas formas de operação e atuação e discutir possíveis formas de superá-las ou mesmo resistir a elas.

A abordagem da ACD escolhida é orientada por um eixo apoiado em três dimensões da comunicação: social, cognitiva e discursiva.

Acreditamos que o discurso da grande mídia detém um poder muito maior do que o discurso punk, sendo assim, esses dois são discursos com um alcance social muito assimétrico. A mídia dispõe de diferentes meios e tecnologias para divulgar seu discurso, tornando-o muito mais difundido. O advento e desenvolvimento da internet tornou a informação muito mais democrática por um lado, porém, os grandes veículos de informação continuam tendo um poder muito grande, um dos motivos para isso é que se apropriaram desse meio de uma forma eficiente. Ou seja, hoje em dia os grandes periódicos com que trabalhamos aqui nesta pesquisa têm uma presença massiva em vários meios de comunicação, inclusive nos vários canais da internet. Isso permite com que a informação que eles produzem atinja um grande público a partir de vários locais. Portanto é inegável que a grande mídia detém grande poder de informação, nossa investigação nesta pesquisa é feita de modo a desvendar os possíveis abusos de poder cometidos contra um grupo urbano formado por minorias.

A fim de contribuir com a linha teórica com que trabalhamos, utilizamos a noção de poder encontrada na obra de Foucault (1987, 1993, 2001 e 2012) e na obra de Dreyfus e Rabinow (2010). Além disso, utilizamos o conceito de discurso, enunciado e ideologia contidos em Bakhtin (2010) e Voloshinov (1997).

Segundo a visão de Foucault, o poder não é algo que se exerce de cima para baixo, como por muito tempo foi defendido dentro dos estudos em Ciência Política. Ele se encontra nos menores detalhes do corpo social. Segundo o autor em seus estudos sobre o nascimento da prisão moderna, *Vigiar e punir* (1987), o poder moderno é aquele que disciplina em vez de simplesmente subjugar pela força bruta. Na visão do autor, a prisão moderna é uma das responsáveis pelo modo de operação do poder na sociedade atual. Ou seja, a prisão instituiu uma disciplina nos corpos dos condenados, através de uma nova distribuição de tempo e espaço. Essa distribuição se fez de modo a otimizar a vigilância e, conseqüentemente, o controle dos corpos.

Esse tipo de organização está presente não só em prisões, mas também em escolas, hospitais e outras instituições e é uma das responsáveis por tornar o poder descentralizado na sociedade moderna. Esse poder é exercido não somente em uma esfera não-discursiva, mas

também dentro do discurso e através dele. Aquele que detém o poder sobre determinado discurso tem também um maior poder de controle social e de informações.

Foucault, assim como a ACD, trabalha com a ideia de discurso como prática social, ou seja, o discurso não está somente associado à vida social, mas é também uma forma de atuação nela. Essa prática não foge à mecânica do poder, sendo assim ela está ligada a ele de uma forma orgânica, ou seja, um não existe sem o outro. Não há prática discursiva sem o exercício do poder e vice-versa. Desse modo, entendemos o discurso nesta pesquisa como (re)produtor de poder e de ideologias. Apesar de Foucault abandonar a noção de ideologia em função das dimensões que esse conceito adquiriu dentro do estruturalismo em sua época, nós o utilizaremos, levando em consideração sua concepção marxista adotada por Bakhtin e o Círculo (2010 e 1997) e desenvolvida por van Dijk (2000, 2008 e 2011).

Entendemos que todo discurso existe a partir de uma dimensão dialógica, ou seja, ele adquire sentido e passa a existir para seu enunciatário a partir de relações que estabelece com outros discursos. E todo discurso possui uma dimensão ideológica, isto é, defende um determinado ponto de vista visando a universalizar a verdade construída dentro dele. Sendo assim, as escolhas lexicais de um determinado texto não são aleatórias e vazias de sentido. Elas estão no texto, pois foram escolhidas pelo sujeito que enuncia o texto/discurso. O léxico de um determinado texto, então, direciona a leitura e, juntamente com outras dimensões discursivas (como sintaxe, escolhas de imagens, tamanho de fonte etc.), constrói certa imagem do enunciador e do objeto sobre o qual se fala. Essa é uma forma de se produzir poder através de um discurso ideológico. A visão de mundo apresentada dentro de um discurso é reforçada se quem o enuncia é um grupo de grande prestígio social. No nosso caso, os periódicos com que trabalhamos possuem grande circulação e são formadores de opinião, logo a verdade construída dentro do discurso desses periódicos é, geralmente, amplamente aceita pelo público leitor. Podemos, então, afirmar que o léxico de um dado texto/discurso tem uma dimensão política e ideológica e não pode fugir disso.

O léxico dos textos do nosso corpus também foi submetido a uma metodologia de análise. A fim de que nossa análise ficasse organizada de uma forma clara para o leitor, desenvolvemos uma metodologia baseada nas recorrências encontradas nos textos. Ou seja, em um primeiro momento, localizamos os principais campos semânticos deles. Dentro desses campos, selecionamos as lexias que faziam parte deles. Chegamos assim a três principais campos semânticos que foram recorrentes em todos os textos: 1) Violência (este foi subdividido em 4, pois se trata de um campo extenso e mais complexo), com os seguintes subitens preconceito, crime, agressividade/agressão e guerra; 2) caracterização do indivíduo e

3) caracterização do grupo. Dentro desses três campos, separamos as lexias e organizamos toda essa informação em uma tabela separando as lexias de cada texto. Chegamos assim a um grande mapeamento lexical dos textos do corpus e por fim prosseguimos para a discussão dessa informação de acordo com nosso referencial teórico.

A última etapa de análise consistiu em submeter essas informações coletadas ao que van Dijk chama de quadrado ideológico (2005), uma diretriz de análise de discursos polarizados e, portanto, ideológicos, que busca estudar a qualificação do *Nós* (o endogrupo) e a desqualificação do *Eles* (o exogrupo).

A estratégia global de auto-apresentação positiva e outro-apresentação negativa é bastante típica nesse relato tendencioso dos fatos em favor dos interesses próprios dos falantes e dos escritores, ao mesmo tempo culpando os oponentes e os Outros (imigrantes, terroristas, jovens etc.) por situações e eventos negativos (2008, p. 252).

Situaremos as escolhas lexicais dos enunciadores dentro da perspectiva ideológica do quadrado, selecionando lexias positivas para *Nós* e negativas para *Eles*, ou mesmo a omissão de lexias negativas para *Eles* e positivas para *Nós*.

É dessa perspectiva que analisaremos o discurso da mídia sobre o movimento punk, as disputas de poder que ocorrem no nível discursivo e o abuso que se faz desse poder ao se manipular determinadas informações.

1. O MOVIMENTO PUNK

1.1 Pré-história do movimento Punk

O rock é um estilo musical surgido na década de 1950 nos Estados Unidos. Influenciado pelo jazz, boogie woogie, country e blues, representa uma grande revolução musical e comportamental, sendo mais um estilo tocado predominantemente pelos excluídos, negros e trabalhadores da classe mais baixa da sociedade. É uma música mais acelerada que os estilos musicais antecessores e as letras geralmente tratam de assuntos cotidianos e dificuldades das camadas mais pobres da sociedade. A simplicidade do rock atraiu os jovens da época e por meio dele a voz da juventude passa a ser manifestada nas canções. Os mais conservadores não aprovaram nem um pouco o rock e as atitudes geradas por ele. Mas, o rock viria à tona em todo o mundo mais tarde, em 1956 com Elvis Presley. A partir daí firmou-se como um estilo rebelde que apresentava uma ruptura musical, por ser original e diferente daquilo que era produzido até então, e social, por ser uma forma de arte feita pelos jovens pobres que queriam expressar seus sentimentos através da música e comportamento. Ainda que tenha sido uma revolução cultural nos anos cinquenta, no final dos anos sessenta e no início dos 1970, o rock havia envelhecido com os fãs e se tornado algo excessivamente comercial e impraticável.

Infelizmente, seja qual for o bem que essa música tenha causado ao glorificar a liberdade e desdenhar a hipocrisia social, ela teve o mesmo destino das primeiras e últimas formas de rock: diluição comercial/exaustão criativa, cooptação e domínio pelas forças do *mainstream*. O rock se tornou mercadoria, uma música comum promovida e embalada pelos gigantes corporativos, ou um hedonismo ritual, superficial (O'HARA, 2005 p.30).

O que qualquer jovem poderia fazer na garagem de casa não existia mais, ou seja, as chamadas bandas de garagem já não eram mais tão populares, a demanda naquele momento era um rock mais elaborado e complexo. Bandas como *Pink Floyd*, *Beatles* (após o álbum *Sgt. Peppers*), *Led Zeppelin*, *Yes*, *Genesis*, *Emerson Lake and Palmer*, entre outras, levaram o rock a um nível técnico muito superior ao proposto nos seus primórdios.

Nessa mesma época, no subúrbio de Nova York, um artista chamado Andy Warhol começou a ganhar certo destaque. A sua chamada *pop art* influenciou e agradou muitas pessoas na cidade e principalmente em Londres. O aspecto relevante de sua obra é que ela influenciou músicos e outros artistas fora do cenário musical mais evidente na mídia, como por exemplo, *MC5*, *Stooges*, Lou Reed e o *Velvet Underground*, David Bowie, *New York*

Dolls e outros que eram contrários aos ideais hippies, pois, enquanto os hippies pregavam o protesto pacífico e amoroso, bandas como *MC5* e *Stooges* (bandas chamadas de pré-punk) tinham uma postura muito mais violenta nos palcos e nas canções.

1.2 Primeira fase – surgimento do Punk

A próxima grande revolução no cenário artístico musical ocorreu no ano de 1974 com o surgimento da primeira banda punk, os *Ramones*, de Nova York. Apesar de o surgimento do punk ser muito controverso na bibliografia especializada, sendo ora atribuído aos Estados Unidos, ora à Inglaterra, adota-se neste trabalho a teoria de que o punk como movimento musical e artístico surgiu em Nova York. Alguns autores alegam que o punk surgiu na Inglaterra com o grande destaque dos *Sex Pistols*, formados em 1975, porém cronologicamente os *Ramones* são anteriores e já tocavam o que era chamado de punk rock.

Em 1974 os *Ramones* introduziram uma temática completamente nova no cenário musical. A banda começou apresentando-se em pequenas casas de shows, como o CBGB's, em Nova York.

O Punk então teria chegado à Inglaterra por meio da mídia, de um produtor chamado Malcom McLaren e dos *Ramones*. A primeira e principal banda daquele país naquele momento era a *Sex Pistols*, que, além do visual muito poluído, chamava atenção pela agressividade das letras das canções e dos membros da banda. Nas apresentações, quase sempre aconteciam brigas na plateia, quando não era um dos próprios integrantes da banda que a provocava. Chamaram mais atenção ainda em 1977 (ano em que o Punk teve reconhecimento mundial), quando lançaram o single *God Save the Queen*, canção que dizia que a rainha adotava um regime fascista, naquele mesmo ano aconteceria o jubileu de prata da rainha Elizabeth. Isso lhes concedeu um grande destaque na mídia, ainda que a maior parte da população inglesa tenha desaprovado uma canção que zombava do hino nacional e da realeza.

Ainda na Inglaterra, a banda recém-formada *The Clash* mantinha-se ativa e tinha uma forte posição política de esquerda, contra o racismo (tocaram no festival *Rock Against Racism* na Inglaterra), apoiavam movimentos de caráter marxista e eram completamente libertários, traços comprovados nas letras de suas canções, como *White riot*, que coloca em foco a luta de classes que ocorria na Inglaterra, dizendo que os brancos deveriam seguir o exemplo dos negros (imigrantes jamaicanos que estavam no país em condições precárias) e tomar alguma atitude contra as injustiças, já que passavam por problemas similares.

O Punk então estava introduzido no cenário artístico e musical. “O objetivo desses punks era expressar a fúria de uma maneira áspera e original.” (O’HARA, 2005 p.32). A situação gerada pelos fatores sociais como desemprego, preconceito, entre outros e também a situação musical do rock foi o que desencadeou o surgimento do Punk como movimento musical e artístico e posteriormente social.

1.3 Segunda fase – hardcore e política

Apesar de a mídia não dar mais tanta atenção e ter dito que o Punk era algo vazio e passageiro (cf. O’HARA, 2005), ele nunca parou de produzir. Porém o movimento passava por transformações no final da década de setenta. Um importante fator introduzido pelo ideal punk é o chamado “faça você mesmo” ou DIY (abreviação de *Do It Yourself*). Os punks montavam suas próprias bandas, organizavam seus shows, faziam e distribuíam fanzines (junção das palavras *fan* e *magazine*, ou seja, “revista de fãs”), faziam e vendiam as camisetas de suas bandas, práticas que duram até a atualidade e que foram fundamentais para compor a essência do movimento.

Com diversas bandas surgindo, algumas modificaram o punk rock, tornando-o mais agressivo e rápido. Várias delas aderiram a essa transformação, sendo que as primeiras a fazerem isso foram as americanas. Esse tipo de música ficou sendo conhecido como hardcore, que nada mais era do que o punk rock em ritmo mais acelerado e cantado com mais agressividade (chegando até a ser gritado em alguns casos). Bandas como *Bad Brains* (formada em 1979 somente por negros, que posteriormente implementou uma fusão com outro tipo de música com caráter revolucionário, o reggae), *Dead Kennedys*, *Minor Threat*, *Bad Religion*, *Circle Jerks*, *Black Flag*, foram algumas das que iniciaram o hardcore.

Também na Inglaterra o Punk sofreu essa mudança onde, além do hardcore, os punks adotaram um visual ainda mais carregado, como o corte de cabelo moicano, acessórios como correntes, coturnos, pulseiras, arrebites nas jaquetas, tatuagens etc.

Desde o início, o Punk era rebelde, porém em sua maioria não era politizado ou engajado. Nessa nova fase, então, a política começa a aparecer com muito mais força. Era muito comum as letras das canções conterem posições políticas libertárias. O anarquismo, que antes era tratado como algo apenas para chocar, agora era incorporado pelo movimento. Diversos punks tornaram-se adeptos do anarquismo. “Bandas como *Crass*, *Conflict* e *Discharge*, no Reino Unido, *The Ex* e *BGK*, na Holanda, *MDC* e *Dead Kennedys* nos EUA, transformaram

muitos punks em pensadores rebeldes, em vez de simples roqueiros” (O’HARA, 2005, p.74). Em razão desses fatos, vários punks faziam parte de movimentos anarquistas, de ONGs que defendem o meio ambiente, direitos dos animais etc. Surgiram diversas bandas compostas somente por mulheres, em geral feministas que trouxeram uma importante postura antissexista para o movimento.

1.4 Terceira fase – anos 90 até a atualidade

Após o grande engajamento que ocorreu dentro do movimento punk ao longo da década de 1980 e início da década de 1990, houve uma maior diversidade por parte das bandas e dos que pertenciam ao movimento. É uma fase marcada pelo aparecimento de bandas de todos os tipos. Assim como um produto em qualquer sociedade capitalista, o Punk também foi comercializado. Bandas como *The Offspring*, *Green Day*, *Pennywise*, *NOFX*, *Rancid* e outras acabaram ganhando um grande destaque na mídia e o punk foi, de certa forma, popularizado, o que é visto de forma negativa por algumas pessoas, porém não é um consenso entre os punks. Muitas dessas bandas e de outras antigas foram alvos da mídia, algumas modificaram totalmente o estilo para se encaixar no gosto da maioria das pessoas, outras assinaram contratos com grandes gravadoras, saíram delas, extinguíram-se, porém muitas permaneceram com sua postura engajada e contracultural. O mais importante foi o fato de as bandas diversificarem os temas das músicas, uma vez que o engajamento político já havia sido estabelecido, bem como todo o ideário punk.

1.5 O movimento no Brasil

A juventude brasileira dos anos 1950 ouvia bandas de rock americanas e dançavam ao som daquela música. Grupos de jovens de classe média ligados pelo gosto musical juntavam-se para correr de carro durante as madrugadas na Rua Augusta. Esse era o tipo de diversão daquelas pessoas influenciadas pelo rock nos anos cinquenta. Já por volta de 1956, surgiam as primeiras versões de rock nacional com a chamada Jovem Guarda. Artistas como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, Renato e seus Blue Caps faziam rock cantando em português, muitas vezes as músicas eram versões de canções americanas ou britânicas de bandas já bem conhecidas. Algumas letras tinham tom subversivo, como *É proibido fumar*, *Festa de arromba* e *Quero que tudo vá para o inferno*, de Roberto Carlos. Diferentemente do

que ocorreu nos Estados Unidos, onde o rock tinha suas raízes na música negra e nas classes sociais mais baixas como uma forma de protesto e de manifestação artística, o rock no Brasil era feito pela classe média como forma de entretenimento e de ganhar dinheiro (ESSINGER, 1999).

No final da década de 1960, surgia então o movimento chamado Tropicalismo, influenciado por movimentos de vanguarda, pelo concretismo e pela antropofagia. Manifestado principalmente no meio musical, o Tropicalismo propunha liberdade de criação, sempre tocando a música brasileira, como a bossa-nova, samba, baião etc. A linguagem da cultura pop foi incorporada juntamente com as guitarras elétricas. Os Mutantes foram uma das primeiras bandas a utilizar esses instrumentos nesse meio, porém sempre a música tipicamente brasileira estava presente. O punk, no Brasil, constituiu-se como uma antítese desse movimento, o que não quer dizer que isso foi algo proposital e pensado desde o início. Apesar de ser também um movimento contestador, o punk tinha aspectos bastante contrários aos do Tropicalismo, como por exemplo, a indumentária, a sonoridade e o modo de composição como um todo.

O Punk foi responsável por inúmeras matérias em jornais, revistas e telejornais. Algumas bandas, como Banda do Lixo, Joelho de Porco e Língua de Trapo, começaram então a utilizar uma estética punk, principalmente na parte visual, e adotavam atitudes caricatas de acordo com aquilo que achavam que era inerente ao movimento punk. Entretanto não compartilhavam com o punk o ideal de contestação social (ESSINGER, 1999).

Um dos grandes responsáveis pela propagação do Punk no Brasil foi Kid Vinil, músico e radialista que tinha um programa na rádio Excelsior que tocava bandas punks da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Em 1977, em São Paulo, um grupo de jovens da periferia (principalmente do bairro Vila Carolina na zona norte) ouvia rock e havia descoberto o Punk, muito mais próximo de sua realidade do que o rock, por tratar de temas sociais e de problemas das classes menos favorecidas. Esse grupo forma então uma banda própria para contestar contra os problemas que eles mesmos sofriam aqui no Brasil, na cidade de São Paulo. Formou-se então a primeira banda punk do Brasil, a *N.A.I (Nós Acorrentados no Inferno)*, que logo mudou o nome para *Restos de Nada*. Posteriormente formou-se também a banda *AI-5*, que tocou, juntamente com o *Restos de Nada*, no primeiro show punk do Brasil, que ocorreu num porão de uma padaria em construção no Jardim Colorado, próximo de onde morava Kid Vinil.

Outro fato marcante para o Punk brasileiro foi a abertura da loja Punk Rock Discos de Fábio Sampaio (que formaria a banda Olho Seco), onde muitos punks compravam seus

discos. Surgiram então muitas bandas com a proposta e a estética punk, como *Cólera*, *Olho Seco*, *Ratos de Porão*, *Inocentes*, *M-19*, *Lixomania*, *Fogo Cruzado*, entre outras. Surgiam também fanzines nacionais, como *Factor-Zero*, *SP Punk*, *Atentado*, *Espectro do Caos* etc. A partir daí pode-se dizer que o Punk começou a se estabelecer como movimento no Brasil, havendo, inclusive, uma grande troca de informações entre punks do Brasil e estrangeiros. É preciso dizer também que ainda se vivia numa ditadura e muitos dos eventos que envolviam o movimento tinham um fim violento em confrontos com a polícia, pois o Punk era visto como algum tipo de ameaça aos ideais conservadores da ditadura militar. Apesar de ser um movimento que prega a liberdade acima de tudo, havia (como há até hoje) aqueles que iniciavam brigas dentro ou fora do movimento pelos motivos mais banais. Por exemplo, punks de São Paulo e punks do ABC tinham várias divergências, muitas delas não eram muito bem explicadas, e brigas iniciavam-se por ignorância. Muitas vezes o movimento adquiria uma característica de gangue sem nenhum propósito, devido à falta de informação por parte dos que integravam o grupo.

O lançamento do álbum *Grito Suburbano*, em 1981, foi um marco para o punk no Brasil por ser o primeiro álbum punk nacional. Tratava-se de uma coletânea das bandas *Olho Seco*, *Inocentes* e *Cólera*.

O show mais importante da história do Punk no Brasil foi o chamado “O Começo do Fim do Mundo” realizado em 1982, com duração de dois dias, no Sesc Pompéia, em São Paulo e do qual participaram vinte bandas. Nesse show o movimento se estabeleceu deixando um pouco de lado os conflitos internos, uma vez que juntou punks do ABC e de São Paulo. Porém, como era de se esperar, o segundo dia acabou em conflito com a polícia. Apesar disso não houve brigas entre os punks e um álbum ao vivo foi gravado, contendo uma canção de cada banda que tocou.

Após esse show as atenções da mídia se voltaram para o punk, muitos veículos publicaram notícias sobre o evento e sobre o movimento de modo geral. Uma reportagem feita pelo Fantástico na Rede Globo se dedicou a mostrar em que consistia o punk no mundo e no Brasil especificamente.

A partir disso, o movimento no Brasil sofreria cada vez mais com a incompreensão e com a intolerância, seja dentro do próprio meio punk, seja fora dele. Outro fato marcante na relação do punk com a mídia foi a publicação de uma série de crônicas no jornal O Estado de São Paulo chamada “Geração Abandonada” (que posteriormente foram publicadas em forma de livro), escrita por Luiz Fernando Emediato. A seguir o leitor pode observar um trecho de

uma crônica, retirado do documentário *Botinada – A origem do Punk no Brasil* (MOREIRA, 2006).

Discípulos de satã, o ídolo que veneram, eles não vêem muita diferença entre Deus e o Diabo, entre Marx, Kennedy ou Hitler, entre o Bem e o Mal. Eles gostam de bater, só isso. Alguns mais cruéis roubam e espancam velhinhas – e acham muita graça nisso.

[...]

Os punkers odeiam álcool e drogas, embora gostem de sexo. Eles preferem beber leite com limão – e muitas vezes, depois que bebem esta mistura, provocam vômitos em si mesmos e vomitam o leite coagulado na cara de suas vítimas.

Apesar de existirem muitos conflitos dentro do próprio punk e de alguns integrantes serem mesmo violentos, não se tem notícia de que punks tenham tido atitudes desse tipo. Além disso não há sentido algum em dizer que os punks odeiam álcool e drogas. Alguns eram (e são) preocupados com os ideais do movimento e buscavam um modo para que aqueles que não conhecessem passassem a conhecer o Punk, como é o caso de Clemente da banda *Inocentes*, que escreveu uma resposta à crônica do Estado de São Paulo. Nesta resposta o músico manifesta sua indignação bem como a dos punks em geral, não negando que haja violência no punk, porém que é uma característica de pequenos grupos isolados que não representam o movimento como um todo. Clemente também fala sobre a interação do movimento de São Paulo com o resto do mundo na tentativa de mostrar que o punk não é uma moda passageira tampouco um movimento desestruturado:

E aproveito o momento propício para lhes dizer que não estamos atrasados e que surgimos quase ao mesmo tempo em que surgiu o movimento Punk na Inglaterra, e que este ainda não morreu e sim cresceu, tanto é que mantemos correspondência, não só com Punks da Inglaterra, mas também com Punks de muitos lugares da Europa como a Finlândia, Itália, Suécia, Alemanha, Espanha, Portugal e até com os Estados Unidos, e o que morreu, realmente, foi a tentativa de transformar o Punk em mais uma moda passageira.

Em 1983, o movimento enfraqueceu-se e os motivos disso são controversos e dispersos. O Punk era caricaturado em novelas, como *Eu Prometo*, da Rede Globo, em que Máximo Corsini fazia papel de um punk. A popularização do Punk deu-se em outros meios artísticos também, como a música de Gilberto Gil *Punk da periferia* e até a crônica assinada por Carlos Drummond de Andrade, chamada *João Brandão adere ao Punk*, que citamos no início. A

popularização do punk não é considerada algo ruim, só o é quando a sua caracterização é feita de modo unilateral, como por exemplo, mostrando somente fatos negativos, como a violência.

Podemos dizer que nessa fase inicial, do ponto de vista do destaque midiático, o punk formou-se anonimamente, mas experimentou uma fama inesperada com uma presença massiva na mídia, tendo posteriormente saído de circulação durante algum tempo.

Em meados dos anos 1980 surgiu uma grande onda do rock nacional do qual faziam e fazem parte bandas como Titãs, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, IRA!, Legião Urbana, Ultraje a Rigor, entre outras. Boa parte dessas bandas teve uma forte influência punk em sua sonoridade no início de suas carreiras.

Nessa época várias bandas punks que haviam encerrado as atividades retornaram com uma reformulação, como é o caso dos Inocentes, que trouxe uma proposta de fusão musical com o funk e com o que foi chamado de pós-punk. Outro caso similar é o dos Ratos de Porão, grupo que mudou sua formação e incorporou o heavy metal e ritmos derivados em seu estilo.

Fora da música, o movimento punk também apresentou algumas mudanças. Já não havia mais brigas entre gangues de punks, aliás, as gangues foram acabando e sendo desencorajadas dentro do movimento, pelo fato de ser algo que vai de encontro às propostas dele. Apesar disso, havia alguns conflitos entre tribos urbanas diferentes, como por exemplo, entre punks e headbangers (aqueles que ouvem heavy metal), punks e carecas do ABC ou do subúrbio (grupo com fortes tendências neonazistas) (ESSINGER, 1999).

Entre os marcos importantes do punk no Brasil, citamos a criação do coletivo Verdurada, que é responsável pelo evento de mesmo nome que ocorre bimestralmente em São Paulo. A iniciativa possui 15 anos e é feita de forma totalmente independente. A Verdurada consiste em um evento que reúne shows de bandas punks, palestras sobre assuntos variados (política e meio ambiente, por exemplo), oficinas, debates, exposições e um jantar vegetariano ao final dia. O evento possui esse nome devido ao seu caráter vegetariano, já que é organizado pelo grupo straight-edge. Outro fato que merece ser citado é a criação da casa de shows Hangar 110, em 1998, no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Esse espaço é destinado exclusivamente a bandas independentes e oferece seus espetáculos a preços baixos, comparados aos shows em outros locais. Esses são alguns exemplos de como o movimento se organiza e age em alguns contextos, esse tipo de ação geralmente não é divulgado na grande mídia. Veremos no capítulo das análises quais são as prioridades do discurso da imprensa quando o punk é abordado.

Dos anos 1980 até os dias de hoje o punk passou por diversas transformações e, com a democratização da informação trazida pela internet, o crescimento de adeptos desse

movimento é notável. O crescimento pode ser avaliado a partir de vários pontos de vista, por um lado traz mais força e produz mais eventos culturais relacionados ao punk de um modo geral. Por outro lado, indivíduos alheios àquilo que o movimento defende acabam se identificando como punks e contribuem para a construção de uma imagem errônea.

1.6 Estrutura do punk

Um dos traços fundamentais do Punk é a liberdade em todos os sentidos, inclusive de criação, o que impede de enquadrar o movimento em um padrão. O Punk, apesar de ser um movimento, não se baseia em regras que devem ser seguidas por todos os seus membros, portanto, a descrição que aqui se fará do movimento consiste apenas no agrupamento de traços mais comuns.

Primeiramente, falemos sobre a música, sua principal manifestação. Apesar de a música punk reunir diversos estilos, entende-se que os principais e mais característicos são o punk rock e o hardcore, gêneros que o originaram o Punk. Uma banda punk varia quanto ao número de integrantes. Comumente é composta por três, quatro ou cinco integrantes (esses números podem mudar conforme a banda). Geralmente os instrumentos são guitarra (algumas bandas usam duas, sendo uma solo e outra base), baixo elétrico, bateria e voz. As canções são compostas geralmente por três ou quatro notas que fazem uma base sonora e algumas vezes a sequência de notas altera-se no refrão. O baixo acompanha a guitarra, apresentando poucas vezes alguma modificação. A bateria marca o ritmo acelerado da música e é tocada de uma forma simples, lembrando a técnica utilizada no rock dos anos 1950, porém ela se sobressai mais, tendo um papel mais importante na música punk. O vocalista geralmente não apresenta qualquer preocupação com afinação e tom de voz.

O hardcore é uma variação do punk rock, sendo muito similar a ele. Como já foi dito anteriormente, esse estilo musical surgiu nos anos oitenta no meio punk americano. Trata-se de um punk rock tocado mais rapidamente e com mais agressividade. Tudo o que foi dito sobre o punk rock vale também para o hardcore, porém acrescenta-se a ele a agressividade que é manifestada na voz, pois a letra é gritada, e na velocidade com que as canções são tocadas. De modo geral a música punk possui poucos solos de instrumentos e Quando existem, são curtos e simples.

Apesar de qualquer tipo de assunto ser abordado, as letras das músicas tendem a ter um tom de protesto, que põem em foco a opressão exercida pela sociedade, bem como as relações

de poder que existem nos mais variados contextos sociais. O Punk nasceu como um movimento de contestação e questionamento do que é socialmente aceito e bem visto. Existe para questionar valores da sociedade capitalista moderna e tudo aquilo que diz respeito a eles. Por isso, as letras caminham nessa direção, sendo a música a principal ferramenta de contestação punk.

Em matéria de estruturação das letras da música punk, pode-se dizer que são constituídas de frases curtas para serem cantadas rapidamente, algumas vezes gritadas. O esquema de rimas varia muito de banda para banda, e muitas vezes não há rima. A música acaba adquirindo, assim, um tom panfletário, contendo gritos de rebeldia contra determinado assunto. Por se tratar de uma música rápida, simples e direta, o desdobramento argumentativo não é elaborado (salvo em alguns contextos). Os elementos de coesão não constituem parte fundamental nos textos, o que os torna, às vezes, “frouxos” do ponto de vista da estruturação textual como um todo (forma e conteúdo), inclusive prejudicando a coerência. É possível, porém, afirmar que a fibra com que são manifestadas as ideias das letras gera uma força, juntamente com o elemento instrumental, que torna a música punk um forte veículo por meio do qual se pode expressar a rebeldia e questionar valores socialmente impostos.

Tome-se como exemplo, o movimento punk no Brasil. Ele chegou ao país por meio da mídia e por meio de pessoas interessadas em algo novo e diferente do que estava em evidência no meio musical, artístico e político. O Punk americano e europeu era uma resposta ao rock progressivo (super-produzido), musicalmente falando, e uma resposta aos valores sociais e à situação de desemprego (na Inglaterra) vivida pelos cidadãos das classes baixas, socialmente falando. No Brasil, o Punk veio como uma resposta à realidade social e política (ditadura militar) e também à música brasileira produzida na época, pois a música brasileira e o punk são antagônicos em suas expressões.

O principal modo de mostrar sua música são os shows ao vivo. O caráter de contestação e liberdade do rock é mantido nas apresentações ao vivo de muitas bandas punks. É comum ver em vídeo apresentações de bandas de rock nos anos 1950 em que a plateia ficava em êxtase ao assistir ao show. Em geral as bandas se apresentavam em teatros ou em algum tipo de estabelecimento próprio para shows. A banda ficava em um palco e a plateia na frente dele em pé.

No início da fase que se chamou de pré-punk, os shows das bandas começaram a se modificar um pouco, passando a ser realizados em pequenos bares ou casas de shows. Pode-se dizer que o quadro geral de um show punk, como ele é concebido até hoje, surgiu no início dos anos 1980, nos Estados Unidos, com a cena hardcore. Eram também realizados em

pequenas casas de shows, bares, teatros, normalmente em locais com condições precárias. A grande diferença entre esse tipo de show e dos anteriores é que a interação entre público e banda ficou bastante forte, a ponto de pessoas da plateia subirem ao palco junto com a banda.

Geralmente as portas do local em que ocorre o show punk abrem bem antes de a apresentação começar. O público entra e até o início do show tocam-se músicas de bandas punks em volume alto. O local do show muitas vezes é fechado para o som não incomodar ninguém fora do local. A banda então entra no palco, para o qual a plateia se volta (muitos ficam sentados até o show começar). O que ocorre durante a apresentação é uma simultaneidade de ações que provocam um certo caos aparente.

O público dança o *pogo* (termo trazido pelo baixista dos Sex Pistols, Sid Vicious), uma dança individual em que o indivíduo se debate, balançando braços e pernas. Apesar de a intenção não ser acertar terceiros, o choque é inevitável. O *pogo*, por sua vez, forma um fenômeno maior, é parte de um todo, que é a roda punk (às vezes chamado genericamente de “bate-cabeça”), conhecido em inglês como *mosh pit* ou *slam dance*. Trata-se de várias pessoas “dançando” música punk juntas, que acabam formando uma área onde os interessados nessa prática se manifestam, sendo esse lugar da platéia exclusivo para isso. Portanto, quem não quer participar dessa “dança”, fica fora, apenas assistindo ao show. Em alguns locais, as pessoas na roda punk chocam-se caoticamente, porém, em outros, elas literalmente formam uma roda onde os indivíduos giram todos para um mesmo lado, constituindo uma grande espiral humana.

Outro fenômeno que ocorre durante uma apresentação de banda punk é o *stage diving* (mergulho do palco, em tradução livre), que, no Brasil, é comumente chamado de *mosh* também. Um indivíduo da platéia sobe ao palco (no meio de uma música) e joga-se na multidão. Geralmente ele se joga na área em que é praticada a roda punk. Os que “dançam”, quando percebem que haverá um *stage diving*, normalmente param para segurar o praticante em sua queda, mantendo-o, muitas vezes, sustentado durante algum tempo.

As barreiras que existem em outros tipos de concertos são quebradas em um show punk, pois a banda torna-se parte do público e vice-versa. É claro que algumas bandas punks, por serem mais conhecidas, impõem a necessidade de enquadrar o show em um molde mais tradicional, ou seja, com seguranças que contêm aqueles que querem subir ao palco, e com outros mecanismos para que não se perca o controle. Isso usualmente ocorre em grandes festivais em que não participam só bandas punks ou então em shows de bandas internacionais de maior popularidade. Mas, mesmo nesses casos, a segurança fica restrita ao palco, e a plateia pratica a roda punk.

Tudo isso torna o show punk um lugar de livre expressão, seja verbal, seja corporal. Por mais caótico e descontrolado que o ambiente pareça (pela música e pelas manifestações do corpo), há sempre o respeito mútuo e o respeito pelas individualidades de cada um dos presentes no local. É possível afirmar que essa prática é também uma forma de contestação, já que ela vai ao encontro dos ideais punks de rompimento de padrões.

É verdade que os estilos tradicionais de vestimenta e da música punk rock são muitas vezes ofensivos e chocantes para o público comum, mas é um erro pensar no punk como um movimento guiado pelas aparências. [...] Os punks evoluíram bastante para preferir a substância em vez do estilo, um fato sempre ignorado ou distorcido pelas representações da mídia. Não basta parecer diferente do normal, é importante tornar-se, conscientemente, senhor de si (O'HARA, 2005. p.41).

A indumentária e a aparência como um todo são elementos importantes e caracterizadores do movimento punk, porém não se deve pensar nisso como uma regra a ser seguida pelos seus membros. Existem muitos punks que podem ser enquadrados nos padrões socialmente aceitos, mas ainda assim não deixam de contribuir com os ideais. O fato de o movimento ser contestatório fez com que se adotasse um tipo de aparência chocante totalmente fora dos padrões.

Os artistas de bandas da fase pré-punk já utilizavam vestimentas fora do comum. Um exemplo são os *New York Dolls*, banda formada por homens que se apresentavam vestidos com roupas femininas. Já havia então a vontade de ir contra os demais, mas o estilo punk propriamente dito foi se firmar com a simplicidade dos *Ramones*, ou seja, calças jeans rasgadas, jaquetas de couro, tênis baratos e surrados, camisetas sem estampas, geralmente velhas e rasgadas também. Esse era o estilo do punk americano, e foi mantido também na cena hardcore, mas com mais simplicidade ainda. A variante inglesa do movimento era adepta de um visual mais sujo e carregado, roupas rasgadas com peças sobrepostas, com alfinetes e cabelos arrepiados e coloridos. O corte de cabelo estilo moicano também ficou popular no meio punk. Acredita-se que a primeira pessoa a usá-lo foi Wendy O. Williams, vocalista da banda *Plasmatics*. A partir daí, os punks passaram a utilizar esses tipos de adereços e cabelos como forma de protesto compondo um visual que se transformou em um segmento de moda em Londres e posteriormente em outras metrópoles.

No Brasil, o visual inglês mais poluído ficou mais popular, apesar de os primeiros punks não terem dinheiro para comprar todos os tipos de roupa. O que reinava era a criatividade,

calças rasgadas, camisetas velhas, alfinetes (usados também para perfurar a bochecha). Coturnos também eram comuns.

Até os dias de hoje muitos punks apresentam esse tipo de característica. Com a popularização das tatuagens e piercings, esses elementos foram também incorporados à cultura punk. A indústria da moda se apropriou de vários elementos da realidade punk e, descontextualizando-os, transformou-os em objetos comerciais, criando uma moda que é muitas vezes tida como alternativa por ser diferente do que é mais comum. Com isso esses traços autênticos acabam perdendo sua função inicial, tornando-se algo “incomum”, mas ainda assim bem aceito na sociedade. Mas “a coisa mais importante – e talvez mais radical – para os punks é assumir responsabilidades” (O’HARA, 2005 p.42) e não quebrar padrões apenas no nível das aparências.

O movimento punk tornou-se engajadamente politizado na sua segunda fase, no início dos anos 1980. Foi um movimento contracultural, de contestação social e artística de forma geral e uma resposta violenta e chocante para tudo aquilo que ocorria na época. Em todos os contextos em que apareceu, ele teve esse caráter.

Uma das ideias mais difundidas até hoje no meio punk é o Anarquismo. Não aquele cantado pelos *Sex Pistols* na música *Anarchy in the UK* (somente para chocar uma elite conservadora inglesa), mas sim um ideário que tem bases filosóficas fundamentadas no Anarquismo. Esta idéia foi incorporada ao movimento, pois tanto anarquistas quanto punks queriam romper com a opressão que existe numa sociedade tipicamente capitalista. Por essa razão, o Punk se identifica com o Anarquismo, mas “isso não quer dizer que todos os punks sejam versados em história e teoria do anarquismo[...]” (O’HARA, 2005. p. 74). É verdade que nem todos os punks são anarquistas, mas houve a criação de um movimento anarco-punk nos anos 1980 que é forte até hoje em diversos países e que, é, muitas vezes, controverso e alvo de muitas confusões. Porém é importante saber que ele existe e atua.

O ideário anarquista surgiu da própria natureza do movimento, a partir de bandas que tinham e têm forte engajamento político, seja nas letras, seja na atuação propriamente dita. Bandas notáveis podem ser aqui citadas nesse sentido: *The Clash*, *Dead Kennedys*, *Bad Religion*, *Crass*, *Minor Threat*, *Black Flag*. No Brasil podem ser citadas: *Cólera*, *Inocentes*, *Ratos de Porão*, *Garotos Podres*, *Mukeka di Rato*, *Replicantes*, entre outras. O tema da liberdade sempre esteve em evidência no discurso dessas bandas, o que foi, e ainda é, um agente transformador na cena punk de vários locais.

Além disso, há também subculturas dentro do Punk, como é o caso da cena *straight-edge*, surgida nos Estados Unidos e composta por pessoas que rejeitam qualquer tipo de drogas e

não comem carne. O idealizador (mesmo que involuntário) foi o vocalista da banda Minor Threat por já ter essa postura e entender que ela minimiza o impacto negativo do ser humano no meio ambiente, na sociedade e no próprio corpo, como no caso do não uso de drogas. O nome *straight-edge* veio de uma música da banda que defendia esses ideais. “O movimento foi uma reação à constante pressão de grupos sobre o indivíduo, no sentido de adotar determinados comportamentos” (O’HARA, 2005. p.149). Existe até uma ala mais radical que não come nenhum produto derivado de animais.

Não há como negar que o sexismo existe dentro da comunidade punk, mas isso ocorre num nível menor do que na sociedade em geral e, mais importante, é desencorajado e condenado por muitos participantes ativos, ao contrário do que ocorre na sociedade comum, onde ele é raramente condenado ou mesmo discutido, a não ser pelas feministas (O’HARA, 2005. p.104).

Desde o início, as mulheres estiveram presentes no movimento punk, participando até de bandas. Mas o Punk sempre foi composto predominantemente por homens e, muitas vezes, esses indivíduos entravam nesse meio sem conhecê-lo bem, trazendo valores próprios da sociedade consigo, como o machismo. No início dos anos noventa, o número de mulheres crescia constantemente dentro do meio punk e as discussões de gênero sempre estiveram presentes no movimento em diversos contextos. Nesse período, as mulheres utilizaram a abertura proporcionada pelo Punk para se manifestar em relação ao feminismo e repudiar o sexismo. Cada vez mais bandas formadas exclusivamente por mulheres apareciam na cena punk, o que originou um movimento menor chamado *Riot Grrrl* (que era fanzine, editora e distribuidora) em que a voz feminina era manifestada e a igualdade de direitos dos sexos exaltada. “Tanto homens como as mulheres do movimento punk percebem os problemas que as mulheres enfrentam no mundo, por isso tentam evitar que esses problemas da cultura comum se repitam dentro da cena” (O’HARA, 2005. p.108). Desse modo foi se estabelecendo um lugar para o feminismo dentro do movimento punk que, por ser um movimento libertário, passou a acatar e defender os ideais anti-sexistas, enxergando-os como fundamentais para que ocorram transformações positivas na cultura atual.

O faça você mesmo (*Do it yourself* – DIY, em inglês) é provavelmente o elemento mais importante e autêntico criado pelo movimento punk. É a linha de ação que condensa todo o ideário punk. Tomando como base tudo o que já foi dito sobre o Punk, é possível já traçar um perfil do movimento e entendê-lo como uma contracultura em essência. Seria, portanto, contraditório que uma banda punk assinasse contratos com grandes corporações da indústria

da música para que essas pudessem lucrar por meio da cultura punk. Esse é um fator polêmico, gerador de muitas discussões, pois, por um lado, algumas bandas aceitaram entrar em gravadoras, mas sem, no entanto, modificar seu som; de outro lado estão bandas que se mantêm ou se mantiveram fiéis à política anti-corporativista do Punk. E há aquelas dissidentes, isto é, aquelas que se enquadram nos moldes da indústria cultural, assinando com gravadoras e modificando seu tipo de som para uma forma aceitável para o mercado, geralmente repudiada por todos os punks.

O *faça você mesmo* é um conceito que nasce com o Punk desde o início da cena em Nova York e Londres quando as bandas gravaram discos com pouquíssimo dinheiro, por falta de verba da própria banda e por não quererem (e não poderem) ser apenas mais uma banda de rock da moda. Um exemplo dessa primeira geração são os Ramones, que entraram para a história gravando seu primeiro álbum, muito conceituado no meio punk (e algumas vezes fora dele), usando cerca de seis mil dólares (quantia ínfima perto das centenas de milhares usadas por bandas de rock progressivo da época, por exemplo). Quantia conseguida graças a shows e à venda de camisetas que, naquela época, eram pintadas à mão para serem vendidas nos shows. Naquele contexto nascia o conceito do *faça você mesmo*. Desde então as bandas e os punks adotaram essa postura, por falta de verba e por não acharem que seja coerente cantar e protestar contra as opressões de uma sociedade capitalista e ao mesmo tempo fazer parte de suas engrenagens. É claro que os punks não vivem em comunidades anarquistas, alheios ao capitalismo, porém buscam evitar práticas associadas a ele.

Para entender como funciona essa política na prática, é interessante prestar atenção às ações do movimento punk. Geralmente, os álbuns das bandas punks são vendidos a um preço baixo (a não ser em casos de bandas que pertencem a gravadoras e quando há crise no mercado fonográfico) e muitas gravam de forma independente. Atualmente a maioria das bandas se promove por meio da internet, disponibilizando suas músicas gratuitamente para download na rede. Quando não é a própria banda que faz isso, algum fã o faz e raramente a banda desaprova. Isso permite o compartilhamento de cultura gratuitamente, traço que faz parte da cultura punk. Muitos grupos criam fanzines para divulgar informações de todo o tipo. Para fazê-lo utilizam normalmente o sistema de fotocópias e vendem-nas por preços baixos. Muitos artistas também fazem as camisetas das próprias bandas. Todo esse material produzido de forma independente pode ser encontrado em shows para venda e algumas vezes fazem inclusive distribuição gratuita.

Há casos de bandas que fazem os próprios instrumentos, como acontece com a banda *Devotos* de Recife – PE cujo guitarrista fabricou sua própria guitarra e os próprios amplificadores para ensaiarem as músicas e tocarem nos shows.

Os shows punks são também organizados pelos próprios integrantes das bandas ou alguém que seja influente na cena independente. Por essa razão, os ingressos são baratos. Geralmente as lojas montadas pelos punks vendem discos a preços mais acessíveis, como é o caso da Punk Rock discos, fundada nos anos oitenta por Fábio Sampaio, vocalista da banda *Olho Seco*.

Com base nas características genéricas do punk mostradas até agora é possível configurar agora o sujeito do discurso punk, isto é, o seu enunciador e o seu enunciatário (o co-enunciador) e definir o discurso ao qual o discurso punk responde. Dessa forma ficará explicitada a natureza responsiva e, por isso, dialógica não só do grande texto que acaba de ser apresentado, mas especialmente, das canções que serão analisadas a seguir, no contexto desse texto.

Então, na tentativa de configurar especificamente o sujeito do discurso punk, cabe perguntar agora: quem é o enunciador punk e quem é o seu enunciatário? Em relação ao primeiro, Greg Graffin diz, em seu *A punk manifesto* (1998), “Everyone has the potential to be punk. It is much harder for someone who comes from a placid, un-challenging, ignorant upbringing, because they don't see the value in questioning or provoking the institutions that gave them such tranquility”³. Ou seja, não é preciso ter pré-requisitos, como idade, sexo, classe social, e outros, para ser punk. É necessário enxergar os problemas que revelam a estrutura social atual e ter vontade de modificar essa situação para que não haja mais injustiças, para que uma igualdade (real) de oportunidades seja alcançada. “They adhere to unwritten universal principles of human emotion, obvious to anyone, and shun elitist codes of behavior, or secret agendas. They embody the hope of the future, and reveal the flaws of the past.”⁴

Esse então é o caráter do indivíduo do movimento punk. Punk não é “ganguismo” ou moda. Trata-se de uma postura contrária à opressão e limitação do ser. Aqueles que se

³ Todos têm o potencial para serem punks. É muito mais difícil para alguém que vem de uma criação plácida, não desafiadora, ignorante, pois não veem o valor em questionar ou desafiar as instituições que lhes deram tal tranquilidade. (Tradução nossa)

⁴ Eles aderem a axiomas universais não escritos da emoção humana, óbvios para qualquer um, e afastam-se de códigos de comportamento elitistas, ou ordens secretas. Eles incorporam a esperança do futuro e revelam as falhas do passado. (Tradução nossa)

travestem de punks e gritam frases vazias ou, então, os que estão em constante situação de violência física com outros grupos ou pessoas não são punks propriamente, mas sim pessoas influenciadas por afirmações de senso comum e provocadas por grande desinformação.

Então os alvos mais comuns do Punk são empresas, governos, polícia, políticos (também a esquerda intelectual), burocracia e todo tipo de instituição que promove a coerção do indivíduo, coibindo seus direitos de ir e vir em nome do poder. Na cena musical, os punks são contrários à música feita nos moldes padronizados por essas instituições, ou seja, a música como forma de lucro. Em síntese, a figura do punk é a de um ser pensante e atuante contra as formas de poder e a exclusão social.

2. A CENA PUNK NA METRÓPOLE PAULISTA: STRAIGHT-EDGES E PUNKS FAZEM DE SÃO PAULO SEU ESPAÇO

Palco de grandes transformações do punk, a grande São Paulo abriga o movimento desde seus primórdios. Mesmo com todas as controvérsias que o acompanham, o movimento existe até hoje e se manifesta nas mais diferentes formas. Nascido como movimento cultural, principalmente no meio musical, o punk rompeu as barreiras da música para se tornar um estilo de vida e um posicionamento do indivíduo perante o mundo que o rodeia.

Assim como muitos punks em diversos países da Europa se organizam em *squats*⁵, aqui no Brasil, especificamente na grande São Paulo, os punks também se apropriam do espaço urbano de maneiras variadas.

Atualmente, um dos grupos mais ativos dentro do movimento punk, o straight-edge é um segmento surgido em Washington, D.C., EUA. Em 1981, a banda Minor Threat lançou uma música intitulada straight-edge, cuja letra, composta pelo vocalista Ian MacKaye, apresentava o posicionamento do autor e da própria banda diante da cena hardcore que estava em ascensão naquele contexto. A canção mostra uma explícita crítica ao uso de drogas e comportamento autodestrutivo, características que foram muito associadas ao punk, principalmente em seu início. Tanto essa canção quanto a postura da banda influenciaram o comportamento dos jovens que frequentavam eventos punks. Uma parte do público desses eventos que se identificava com aquele posicionamento passou a se autodenominar straight-edge.

Straight-edge tornou-se um estilo de vida bastante ligado à cultura punk, já que nasceu dentro dela. Os adeptos desse segmento não utilizam nenhum tipo de droga e ao longo do tempo passaram a incentivar e adotar uma dieta vegetariana, que posteriormente muitos transformaram em vegan (além de não se consumir carne, não se consome nenhum produto de origem animal, como ovos, leite, mel, lã etc). Esse comportamento, que vai além da música, tem um fundamento em ideais punks de respeito às diferenças, igualdade, liberdade, faça você mesmo etc. Sendo assim, não basta somente ser vegan e não consumir carne, ovos, queijo e seus derivados. Esses indivíduos também não consomem produtos de empresas que realizam testes em animais, mesmo que o produto em si não contenha nada de origem animal.

O posicionamento desse grupo pode até parecer bastante contrastante com a postura niilista do punk dos anos 1970, mas a década seguinte foi de grandes transformações no movimento.

⁵ *Squat* é um termo em inglês para se referir a construções abandonadas que são ocupadas por um determinado grupo. É prática comum entre os punks na Europa que, nesses espaços, se organizam em uma auto-gestão para promover eventos culturais diversos.

Em 1980, a crítica política ganhou mais força, outros grupos começaram a crescer e se misturar ao punk, motivo de algumas confusões, mas também de discussão e amadurecimento (O'HARA, 2005).

No Brasil, apesar de a mídia mostrar a força do movimento punk apenas em seu início (década de 1980), até pelo caráter de novidade, ele nunca deixou de existir. Na década de 1990, uma nova onda de bandas, fãs e adeptos do movimento punk começa a surgir, contexto em que a cultura straight-edge ganha força no Brasil, principalmente em São Paulo (SOUZA, 2007).

Esse estilo de vida leva os straight-edges a frequentarem determinados locais. Segundo Souza (2007), em seu estudo etnográfico sobre a cultura straight-edge, existem duas formas de esses indivíduos se relacionarem com o meio urbano em que vivem:

a primeira é quando ocupam um estabelecimento como suporte físico, impondo-lhe, enquanto dura a atividade ou manifestação, todos os sinais de seu sistema de valores: a produção e o gerenciamento do evento ficam totalmente a cargo do grupo. A segunda se estabelece quando se utilizam de uma organização já existente, com suas regras próprias, fazendo porém com que ela sirva, em parte, a seus propósitos (p. 30).

Veremos mais a frente que esse caráter não se aplica somente a esse grupo, mas aos punks em geral. Podemos citar como exemplos da primeira forma de relação os eventos (de mesmo nome) organizados pelo coletivo Verdurada e o restaurante Vegacy. As verduradas possuem esse nome para se diferenciar de churrascadas ou cervejadas. O evento ocorre bimestralmente em São Paulo desde 1996 e durante muitos anos foi realizado em um galpão alugado ao lado do metrô Jabaquara. Após alguns eventos em locais diferentes, atualmente o evento é realizado à Rua Nestor Pestana no centro da cidade. Essa mudança foi feita, pois o galpão do Jabaquara foi fechado pelo governo do estado após se descobrir que a pessoa que gerenciava o dinheiro arrecadado com aluguel local desviava verba em benefício próprio. Como se tratava de um centro de treinamento do Resgate Civil Voluntário, o desvio de verba lesava todos os envolvidos com o local. É importante ressaltar que essa conduta vai contra os ideais dos straight-edges e frequentadores das verduradas, o que tornou a mudança de local inevitável.

A organização do evento é feita pela comunidade punk straight-edge, segundo consta no próprio site⁶. A estrutura do evento conta com shows de bandas das vertentes musicais relacionadas ao punk rock, palestras sobre assuntos políticos, oficinas, debates, exposição de vídeos e de arte, sendo que ao final do evento é servido um jantar totalmente vegetariano

⁶ www.verdurada.org

gratuitamente. Os objetivos manifestados pelo grupo são principalmente dois, primeiro mostrar que é possível fazer eventos com sucesso sem o patrocínio de grandes empresas e sem divulgação paga na grande mídia, e também levar cultura ao público que frequenta o evento.

Nos eventos existe uma série de regras como não consumir nenhum tipo de droga (como se lê em todos os cartazes de divulgação), nem produtos de origem animal dentro do local. Além disso, o horário limite para o final é 23h30 para que as pessoas possam voltar de lá utilizando transporte público. O lucro de cada evento é revertido para alguma causa que os organizadores e adeptos julgam justa, sendo que a última doação foi para as pessoas desalojadas pela ação de desocupação do bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos, no início de 2012.

Outro caso de utilização do espaço urbano por esse grupo é o restaurante Vegacy, localizado na Rua Augusta, próximo à região da Avenida Paulista. Seu nome vem da junção das palavras inglesas vegetarian e legacy (algo como “legado vegetariano”). O restaurante é um dos mais conhecidos dentre os que vendem comida vegetariana pela variedade de produtos que oferece, sendo que grande parte deles é vegan. Por ser um local gerenciado não só por vegans, mas por straight-edges, não se vendem bebidas alcoólicas ou cigarros.

O Vegacy é ponto de encontro de muitos straight-edges, vegans, punks ou mesmo pessoas não pertencentes a nenhuma dessas denominações, já que nos dias de semana à tarde ele funciona como restaurante self-service, o que atrai funcionários de várias empresas e estabelecimentos da região. A integração do local é grande, inclusive algumas bandas punks (principalmente quando os integrantes são straight-edges) nacionais e internacionais frequentam o restaurante quando tocam em São Paulo.

Ainda na Rua Augusta, próximo ao centro da cidade, existe a sorveteria Soroko. Baseando-se em uma primeira impressão qualquer um diria que é uma sorveteria de bairro que serve sorvetes por quilo, como muitas outras. Porém, ao entrar na sorveteria é possível perceber algumas peculiaridades, como por exemplo, parte do seu público é composta por pessoas tatuadas e com vestimentas não tão comuns, ou seja, straight-edges vegans. Essa sorveteria se tornou um ponto de encontro dessas pessoas por ser uma das pouquíssimas sorveterias que serve alguns sabores de sorvetes sem leite de origem animal, utilizando leite de soja em sua composição. O maior atrativo, além da utilização da soja, é a grande variedade de sabores.

A princípio os sorvetes à base de leite de soja não existiam no estabelecimento. Uma cliente que consumia açaí comentou com a dona da sorveteria que gostaria de consumir sorvete, porém não consumia leite, pois era vegan. A proprietária interessou-se pela ideia e pediu um tempo para preparar um sorvete à base de leite de soja. A cliente voltou,

experimentou o produto e passou a divulgar para outras pessoas com o mesmo interesse e a frequência de straight-edges na região da Rua Augusta ajudou a atrair esse público (SOUZA, 2007).

Ao longo do tempo, o local, que era apenas uma sorveteria se tornou um espaço de convívio de diversos grupos, proporcionando uma troca de experiências. A frequência de straight-edges foi tão crescente na sorveteria que é possível ver cartazes e panfletos de shows de bandas punks nas paredes e nos balcões. Esse é um caso de apropriação de um espaço que não era voltado necessariamente para esse público, que foi atraído pela afinidade pelo tipo de produto oferecido, por ser algo dificilmente encontrado em outros estabelecimentos.

Lembremos que esses espaços citados não são exclusivos dos straight-edges. Nem mesmo os eventos do coletivo Verdurada, que são organizados e voltados para esse público, são exclusivos deles. Esses locais também são frequentados por punks em geral ou mesmo por simpatizantes.

Existe em São Paulo um time de futebol de várzea chamado Autônomos Futebol Clube, fundado em 2006, com sede no bairro da Lapa, cuja criação foi de iniciativa de punks que queriam levar seu ideal libertário à população por meio do futebol. Com o passar do tempo, o time foi sendo composto não apenas por punks, mas por todo tipo de pessoa que tenha ideias e princípios defendidos pelo time, entre eles: autogestão, autonomia, democracia direta, horizontalidade, liberdade. Utilizam em seu uniforme as cores preta e vermelha, cores do anarcossindicalismo.

O objetivo desse time é resgatar a cultura do futebol de várzea, livre das grandes corporações que se encontram no futebol profissional. Querem também quebrar o estereótipo de atividade burguesa, criado pelos próprios anarquistas e comunistas na época em que o esporte chegou ao Brasil, já que o “futebol pode ser, sim, uma ferramenta de intervenção social para construir um mundo diferente”⁷.

O time é aberto para qualquer pessoa que queira participar dele e com o crescente interesse de mulheres em participar, montou-se também um time feminino de futsal. Esse crescimento levou os integrantes do time a tomarem conhecimento de que havia outros times com propósitos bastante similares em outros países. Tanto é que em 2008 tiveram o primeiro contato com um time estrangeiro, o Easton Cowboys & Cowgirls de Bristol, da Inglaterra que visitou o Brasil e participou de uma partida com o Autônomos FC. Em 2010 o time foi à Europa para participar de campeonatos envolvendo vários times amadores similares.

⁷ Fonte: <http://mafalda.sarava.org/content/vamo-auto>

A sede do time na Lapa é chamada de Casa Mafalda e é também um espaço de interação de diversos grupos, entre eles os punks. O local serve como espaço de convívio do time, promove eventos culturais variados e é aberto à população. Muitas vezes bandas punks são chamadas para fazer shows na casa, que apesar de ter entrada franca, é sugerida uma colaboração de R\$ 5. Além de shows também são realizadas festas, palestras com temas políticos, exhibições de filmes diversos e de jogos de futebol que marcaram época.

A Casa da Lagartixa Preta, situada no bairro Casa Branca, em Santo André, grande São Paulo é, como os outros espaços que citamos aqui, uma autogestão do grupo coletivo Ativismo ABC, grupo que atua no ABC paulista. Esse é mais um caso de iniciativa não necessariamente criada e voltada para punks, mas que funciona como um espaço para esse grupo também.

A casa era um local abandonado que foi alugado pelo grupo e transformado em espaço cultural em 2004. Lá existe horta, biblioteca, sala de vídeo e espaço para cursos e outros eventos. Um desses eventos é um jantar em que se serve pizza vegan. Ocorre sempre no primeiro sábado de cada mês e atrai públicos bastante heterogêneos, entre eles punks e straight-edges.

Outro espaço dedicado quase que exclusivamente à música punk, é a casa de shows Hangar 110. Funciona desde 1998 no bairro do Bom Retiro em São Paulo e tem como principal objetivo servir de espaço para apresentações de bandas independentes, principalmente do cenário punk. O responsável pelo local, Marco Badin (conhecido como Alemão), é um integrante do movimento punk de São Paulo dos anos 1980 e sua proposta foi abrir uma casa de shows com preços populares para o mercado independente.

Aos domingos, a casa realiza uma espécie de competição, chamada de Skema 110, que serve também de incentivo e contribui para bandas iniciantes mostrarem seu trabalho. As bandas interessadas enviam seu material para a casa de shows e têm a oportunidade de participar de um evento com algumas outras bandas. O público vota na que mais o agrada e a banda vencedora ganha espaço para abrir shows de bandas já consagradas, nacionais ou internacionais. Desde sua abertura até os dias de hoje, o Hangar 110 é um importante marco para o movimento punk e para a música independente como um todo sendo que grande parte das bandas punks do Brasil e muitas de várias partes do mundo já passaram por lá.

O mapeamento do movimento punk hoje atual na grande São Paulo foi feito a fim de entender o contexto em que ocorreu o caso de violência, que é o foco de nossa pesquisa. Nosso objetivo é entender a dinâmica desse movimento para que possamos estabelecer um contraponto entre as manifestações violentas do punk expostas na mídia e modos de

organização que nada têm de violentos, buscando compreender por que o punk é associado única e constantemente à violência quando aparece na mídia, quando em muitos casos ele é um movimento que se diz pacífico e libertário. Sem negar a existência de violência no punk, questionamos o estereótipo que o movimento adquiriu com o tempo, discussão que será feita a seguir no capítulo sobre a formação dos discursos sobre o punk e também na análise do corpus.

3. O PUNK COMO OBJETO DO DISCURSO

Segundo Foucault (2011, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Entendemos aqui, assim como o autor, que o discurso é uma prática que assegura o poder de determinados grupos em determinado espaço e tempo. Ter o controle sobre o discurso é ter o poder de formar conceitos de verdade sobre os objetos desse discurso. Desse modo o conceito de “punk” é moldado de diversas formas dependendo da esfera discursiva onde ele circula.

O poder produzido pelo discurso e também pelo seu controle é o que motiva nossa discussão, pois a presença pouco significativa do punk no discurso acadêmico científico é um fator importante para nossa pesquisa. Certos movimentos musicais são amplamente tratados, discutidos, estudados por várias áreas, tais como musicologia, antropologia, sociologia, linguística, semiótica. Quando pensamos em música popular, gênero em que o punk se enquadraria, podemos encontrar uma vasta bibliografia sobre diversos gêneros, como samba, choro, baião, bossa-nova, MPB, entre outros; e também sobre movimentos musicais, por exemplo, a bossa-nova, o tropicalismo, a jovem-guarda e até mesmo o que ficou conhecido como “rock brasileiro” nos anos 1980. O mesmo não acontece com o punk. Quando procuramos pesquisas sobre este movimento percebemos que estamos diante de um vácuo discursivo.

Para entender como se dá a formação de objetos, conceitos e noções de verdade dentro de uma esfera discursiva, vamos recorrer a autores que se dedicaram a estudar o discurso e o poder, principalmente Bakhtin/Volochinov (1997) e Foucault (1989, 1993, 2008, 2011, 2012). A partir desse percurso, procuraremos entender o punk como um objeto construído por vários discursos em algumas esferas, ainda que ele seja um objeto ausente.

3.1 Noções sobre o olhar na obra de Michel Foucault

O olhar ocupa um lugar de fundamental importância na obra de Michel Foucault. Em todas as fases de sua obra, seja arqueologia, genealogia ou ética, o olhar é uma ideia bastante utilizada pelo autor em seus estudos. Ora o olhar é utilizado de modo mais abstrato e subjetivo, como, por exemplo, na fase arqueológica de seu trabalho (e o que mais nos interessa aqui), em que o autor ressalta a importância do olhar no discurso para a construção

de objetos, conceitos e enunciados; ora o olhar é concreto, como observamos nos seus estudos sobre o poder. Segundo o autor, “a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegeia” (1993, p. 210).

O olhar promove mudanças significativas nos discursos e consequentemente nas práticas sociais não discursivas. Dependendo do ângulo do qual se olha um determinado objeto, o conceito desse objeto vai sofrer mutações ao longo do tempo. Na fase arqueológica, o autor procura evidenciar como as ciências humanas e os objetos de seu discurso são construídos. E a mudança discursiva acaba por produzir mudanças nas relações humanas, ou seja, relações de poder, uma vez que o olhar é entendido em sua obra como uma forte ferramenta de poder.

Entender o lugar do olhar na obra de Foucault é uma tarefa complexa, pois não se trata de uma categoria de análise, nem de um conceito bem definido. Ele surge como um instrumento do poder dentro das práticas discursivas. Esse instrumento, porém, não é pensado como tal, ou seja, o olhar não é algo construído meticulosamente com um objetivo claro. Nossa intenção, portanto, não é fazer um estudo aprofundado do olhar na obra do autor, pois acabaríamos por nos desviar do objetivo de nossa pesquisa. Trouxemos essa noção, pois entendemos que os diferentes olhares dirigidos ao punk podem transformá-lo significativamente.

Na obra *O nascimento da clínica* (2008), por exemplo, vemos como o olhar médico teve fundamental importância para que a medicina clássica passasse por rupturas e se firmasse como uma nova ciência com novas práticas. Por meio de uma análise de discurso, Foucault nos mostra que o olhar médico redefiniu suas prioridades, transformando as práticas discursivas e não-discursivas.

Em sua fase genealógica, a incidência do poder na relação entre os sujeitos se torna crucial nas pesquisas de Foucault. Tomemos como exemplo a obra *Vigiar e punir* (1989), em que o olhar se faz presente já no título. A mudança nos modelos punitivos que ocorreram da era clássica para a era moderna tornaram o poder mais pulverizado e menos concentrado na figura de um soberano. Essa mudança se deu graças a mudanças no olhar de ciências como o Direito, a Criminologia, a Psicologia, a Psiquiatria, entre outras. A disciplina passou a ser vista como mais útil do que um castigo corporal explícito e violento. “Na verdade, tais modificações se fazem concomitantes ao deslocamento do objeto da ação punitiva. Redução de intensidade? Talvez. Mudança de objetivo, certamente” (FOUCAULT, 1989, p. 20). “Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores [...]” (p. 16). Outros olhares se apropriaram do espaço do castigo

dos condenados, o que transformou completamente o modo de punir aqueles que de alguma forma desviavam sua conduta.

Apesar de o autor trabalhar com sistemas de pensamento e analisar discursos que compreendem grandes períodos históricos, suas ideias nos são úteis se as pensarmos de acordo com nosso corpus. Podemos transformar a perspectiva do autor em métodos mais práticos de análise, por essa razão trazemos a noção de olhar para o nosso trabalho. Utilizamos algumas ideias do autor a fim de enriquecer nossa análise do discurso da mídia. Discurso esse que direciona um olhar particular para o punk quanto indivíduo e movimento, transformando seu conceito e as relações dos indivíduos desse movimento com o espaço que ocupam.

3.2 O olhar discursivo: construção de objetos e conceitos

A análise do discurso é o modelo teórico-metodológico utilizado por Foucault em toda sua obra, sofrendo, porém, alterações ao longo dela. Na fase inicial uma das preocupações de Foucault é entender de forma crítica a formação e a constituição das ciências humanas, dos sistemas de pensamento e do conceito de verdade. Para ele, a inteligibilidade desses conceitos é atribuída a regras do discurso, ou seja, àquilo que pode ser entendido como condições de produção dentro de uma determinada *epistème*, aquilo que pode ser dito e aquilo que não pode em um dado espaço-tempo, de modo que o discurso é um dos elementos principais de sua obra nessa fase.

O discurso para Foucault é similar ao que é para Bakhtin. Em primeiro lugar, o discurso constitui e constrói a sociedade em várias dimensões, ou seja, ele constitui e constrói os objetos de conhecimento, as formas sociais do “eu”, os sujeitos, as estruturas conceituais, as relações sociais. Em segundo lugar, as práticas discursivas sociais ou institucionais são interdependentes, isto é, os textos sempre recorrem a outros textos que podem ser contemporâneos ou anteriores do ponto de vista histórico e transformam-se de acordo com o tempo e com o espaço em que se encontram. Essa é a propriedade discursiva que Bakhtin chama de dialogismo e que foi referida parcialmente também como intertextualidade por Julia Kristeva (1986a). A partir disso é possível afirmar que qualquer prática discursiva é gerada a partir de combinações de outras e também é definida por suas relações com outras.

Práticas discursivas e não-discursivas compõem o que Foucault chama de formação discursiva, que se trata de regras de formação para um conjunto particular de enunciados que

pertencem a ela e, mais especificamente, de regras para a formação de objetos, de regras para a formação de modalidades enunciativas e posições do sujeito, de regras para a formação de conceitos e de regras para a formação de estratégias (FOUCAULT, 2012, p. 38-48). O processo de articulação desses elementos discursivos e não-discursivos torna o discurso uma prática social. Particularmente duas dessas regras de formação nos interessam mais. São elas: regras para formação de objetos e regras para formação de conceitos. Dentro de nossa proposta, o punk é um objeto de diferentes discursos, e os enunciados elaborados sobre ele formam diferentes conceitos dependendo de onde esses enunciados são produzidos.

A formação dos objetos dentro do discurso se dá a partir do próprio discurso, o que significa dizer que os objetos não existem independentemente do discurso e não são simplesmente referidos ou discutidos dentro dele. Os objetos são constituídos e transformados dentro de uma formação discursiva particular. Os objetos a que Foucault se refere são elementos que os diferentes tipos de saber reconhecem dentro de seu campo de interesse, porém é possível estender o sentido de objetos para além dos sistemas de pensamento organizados formalmente. Podemos, por exemplo, transportar esse sentido para os elementos da vida cotidiana, para o discurso da mídia, entre outros. Assim como na obra *História da loucura na idade clássica* (FOUCAULT, 2010) a doença mental foi estudada pelo autor como um objeto do discurso da medicina psiquiátrica, podemos também, a partir do mesmo processo, entender que o punk como movimento social e como identidade individual é um objeto dentro do discurso midiático, centro de nossa investigação.

Foucault afirma que “a doença mental foi constituída pelo conjunto daquilo que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam [...]” (DREYFUS e RABINOW, 2010, p. 81). Ou seja, um objeto resulta de tudo aquilo que se enuncia sobre ele em um determinado tempo-espço. Não teremos condições, obviamente, de fazer um levantamento tão vasto neste trabalho, mas a ideia de tratar o punk como objeto do discurso da mídia ainda é valiosa para nós.

Os objetos devem ser vistos como elementos que são transformados dentro das formações discursivas, pois dentro do pensamento foucaultiano “a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto.” (FOUCAULT, 2008, p. 37). Entendemos, então, que o discurso tem uma relação ativa com a realidade, uma vez que a linguagem a significa e a constrói, do mesmo modo que é construída e significada pela realidade; trata-se de uma relação de reciprocidade.

Para a realização de uma análise discursiva, é interessante entender como se formam os conceitos dentro de uma dada formação discursiva. Foucault defende a ideia de que os conceitos são compostos por uma série de categorias, tipos e elementos que um determinado campo do saber utiliza como aparatos para tratar de seus objetos de interesse. O autor cita como exemplos o sujeito, o predicado, os verbos, as palavras como conceitos da gramática que se prestam à compreensão de seus objetos, como, por exemplo, a sintaxe (FOUCAULT, 2008, p. 62-71). No entanto, uma formação discursiva não define um conjunto unívoco de conceitos estáveis e relações bem delimitadas entre eles. Dentro dessa formação os conceitos se transformam, eles surgem e circulam de acordo com a organização dos campos enunciativos.

Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros [...] É esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual. (FOUCAULT, 2008, p. 65-66).

As relações a que Foucault se refere, que são investigadas em diversas disciplinas, inclusive na análise do discurso, são intra e intertextuais, assim como interdiscursivas. As relações interdiscursivas podem ser diferenciadas conforme pertençam ao que o autor chama de campos de presença, concomitância ou memória. Os campos de presença são

todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados, discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados ou excluídos (2008, p. 63).

Os campos de concomitância tratam “dos enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados” (2008, p. 64). E, por fim, o domínio da memória é entendido como aqueles “enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (2008, p.64). Foucault afirma que “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (2008, p.111). Essa relação entre enunciados garante a formação dos conceitos.

Além dessas duas regras de formações discursivas que tratamos aqui, temos que levar em consideração quem produz o discurso a ser analisado. Traremos para o nosso trabalho o princípio de Foucault que localiza os efeitos da prática discursiva sobre a identidade social, ou seja, as práticas transformam os sujeitos. Por outro lado, desconsideraremos o princípio do autor que entende o sujeito como um efeito das formações discursivas e que torna difícil a possibilidade de os indivíduos serem ativos socialmente. Foucault sugere a possibilidade da resistência, que ocorre a partir de uma consciência ética do sujeito sobre sua condição, porém a resistência não é externa ao exercício do poder, ela se faz dentro dele. O autor “certamente insiste que o poder necessariamente acarreta resistência, mas ele dá a impressão de que a resistência é geralmente contida pelo poder e não apresenta ameaça.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.83). A discussão do conceito de resistência pode até trazer bons resultados, porém, adotamos aqui a posição dialética defendida pela Análise Crítica do Discurso que vê o indivíduo como um elemento que tem sim uma posição passiva, podendo ser transformado pelas práticas discursivas, porém que tem também uma posição ativa e um potencial transformador da realidade por meio da prática discursiva. Este posicionamento encontrado na ACD nos parece mais interessante e mais frutífero para nosso trabalho.

Em *A ordem do discurso* (2011), Foucault diz que o discurso não é apenas um local onde se reproduzem as lutas por poder, mas sim o local onde essas lutas ocorrem e se transformam, fazendo com que o discurso seja uma ferramenta de poder. Esse posicionamento é similar ao que o Círculo de Bakhtin (1997) teoriza sobre o signo, sendo este considerado a arena de luta de classes.

Volochinov (1997) é responsável pela principal discussão a esse respeito em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Não vamos utilizar a visão puramente marxista de luta de classes especificamente, mas essa ideia é bastante rica se pensarmos em termos de lutas entre grupos sociais. A partir disso questionamos: falar sobre o punk e construir seu conceito a partir da transformação dele em um objeto do discurso traz que tipo de entendimento para o interlocutor desse discurso? E mais importante: qual é o discurso com maior alcance social, o discurso do punk ou sobre o punk?

Todo discurso dialoga com outro para se constituir e ter seu valor de verdade. O dialogismo é um princípio de todo enunciado no processo de comunicação, entendida em sentido amplo. Trata-se de um fenômeno natural próprio a todo discurso. As relações dialógicas se dão no processo comunicativo, ou seja, são as relações de sentidos estabelecidas entre dois ou mais enunciados. Qualquer objeto do mundo real ou ideal chega aos sujeitos através de discursos que contêm ideias gerais, diferentes pontos de vista, apreciações. Então

esse objeto é conhecido, já previamente moldado pelo discurso alheio. Por essa razão o discurso que tem como foco qualquer objeto não fala da realidade em si, mas sim dos discursos relacionados a esse objeto. Todo enunciado constitui-se a partir de outro, é uma réplica a outro enunciado, existem nele, pelo menos duas vozes em conflito, mesmo que não se manifestem explicitamente no discurso.

Nesse sentido as esferas discursivas (discurso punk e discurso midiático) que trazemos para esta discussão dialogam entre si e trazem, cada uma delas, uma construção ideal sobre o punk propriamente dito, ambas conferem um valor de verdade aos seus discursos. Existe, entre essas duas esferas, uma tensão, isto é, uma luta por poder no âmbito da linguagem. O poder é exercido de forma mais eficiente por meio de práticas discursivas institucionalizadas, porém não é apenas de cima para baixo que ele se exerce, ele existe também em um nível microfísico, descentralizado, (FOUCAULT, 1997), o que implica em relações de poder assimétricas, ou seja, o grupo que possui mais poder detém um status mais confiável em determinados contextos.

O discurso, entendido aqui como prática social reflete relações de poder, assim como é produtor de poder que, na obra de Foucault, não deve ser entendido como um elemento repressor apenas:

Ora, me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Quando se define os efeitos de poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. [...] Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder [...] Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? (FOUCAULT, 1993, p. 7 e 8).

Portanto o poder não é apenas aquele que diz não, é também o que diz sim, ele é produtor, pois opera na produção de saberes, prazeres, discursos etc. Sendo o poder algo do qual não se pode fugir, discurso nessa dinâmica situa-se como aquilo que carrega e gera poder, podendo ou não ter um caráter repressivo. É importante ter essa postura diante dos textos que serão analisados neste trabalho, pois nem sempre as marcas de poder são totalmente explícitas, presentes às vezes em elementos mais dispersos do discurso.

3.3 Presença e ausência do punk no discurso

O punk é um objeto de pouco interesse em algumas esferas discursivas, o que pode ser confirmado no pequeno número de pesquisas sobre ele. A bibliografia sobre o punk brasileiro é escassa e dispersa, tanto que podemos citar aqui as publicações em livros, sem correremos o risco de nos alongarmos. Como observamos na fala de Fábio Massari, no documentário *Botinada: a origem do punk no Brasil* (MOREIRA, 2006), “a bibliografia sobre o punk brasileiro cabe numa mão mesmo”. Os livros publicados dedicados a estudar e documentar o punk são: *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira* (ESSINGER, 1999), *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub* (CAIAFA, 1989), *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano* (ABRAMO, 1996), *O que é punk* (BIVAR, 2001) e *O movimento anarco-punk* (OLIVEIRA, 2008).

Da bibliografia citada, as obras de Caiafa, Abramo e Oliveira são de cunho acadêmico (dissertações ou teses), o livro de Essinger é uma documentação de cunho jornalístico e o de Bivar é um relato do autor sobre a época em que viveu na Europa, tomando contato com o movimento punk de lá e também sobre sua vivência no início do movimento no Brasil. São obras importantes do ponto de vista da informação sobre as peculiaridades do punk brasileiro, mas, como se percebe, o número é bastante reduzido quando comparamos a outros movimentos musicais, por exemplo.

Existem outros estudos relevantes sobre o punk brasileiro, porém os que citamos aqui são os publicados em livros e dedicados integralmente ao assunto. Exemplo de estudos importantes sobre certos aspectos do punk brasileiro, como a cultura straight-edge, são os de José Guilherme Cantor Magnani (2007) e Bruna Mantese de Souza (2006, 2007), ambos do NAU/USP (Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo).

Como já apontamos, o movimento punk é essencialmente um movimento musical que teve desdobramentos e se tornou também um movimento social. Sua característica essencial, no entanto, é a música, principal arma de contestação. Sendo assim, seria de se esperar que um movimento musical fosse tratado por algumas esferas do pensamento acadêmico, como vemos acontecer com vários movimentos e estilos de música no Brasil, estudados por exemplo, pela História da música e pela Semiótica.

A obra de José Ramos Tinhorão é considerada uma das mais importantes na área da História da música brasileira. Porém ao estudar a música popular feita no Brasil, o autor não trata do surgimento do punk no país. Em uma de suas obras mais famosas, *História social da música popular brasileira* (1998), Tinhorão trata da música popular brasileira de forma

cronológica, desde a canção portuguesa do século XVI até o movimento tropicalista e o rock brasileiro no século XX. O que se chama de “rock brasileiro” é, principalmente, o rock produzido no Brasil a partir da década de 1980 por bandas que tinham um grande destaque na mídia, principalmente a televisiva, como, por exemplo, de bandas de rock brasileiro Titãs, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Capital Inicial, Ira!, Legião Urbana, entre outras, que foram fortemente influenciadas pelo punk rock.

Em Tinhorão (1998), encontramos apenas uma menção ao punk enquanto ritmo musical em uma passagem em que o autor atribui a chegada de ritmos internacionais à decadência de culturas regionais na música:

Dominado, pois, o mercado de música popular no Brasil pelos ritmos periodicamente postos em voga pelas matrizes produtoras de modas comerciais – o *reggae* e o *funk* da virada das décadas de 1960-1970, o *heavy metal*, o *punk* e o *new wave* dos anos 70, e, já na década de 1980, o *tecnopop*, o *break*, o *rap* e o *hip hop* – graças à sua reprodução dentro do rock brasileiro produzido por centenas de bandas (inclusive em camadas populares da periferia das cidades industriais), as criações ligadas a constantes culturais regionais passaram a constituir, praticamente, uma atividade clandestina no país (p. 363).

Vemos aí que o punk é colocado como um ritmo estrangeiro que, juntamente com os outros citados, é responsável pela dominação do mercado da música popular brasileira. Tal afirmação ignora o fato de que o punk brasileiro teve uma organização e uma sonoridade próprias quando começou a ser praticado no país e o considera como uma mera reprodução rítmica nociva à cultura que ele chama regional. Ignora também que o punk não existiu apenas nos anos 1970, seguido pelo new wave. O punk rock sofreu modificações rítmicas, estruturais e de ideias que culminou no hardcore e em vários outros estilos híbridos, como já mencionamos neste trabalho. Como vemos, a menção ao punk na obra de Tinhorão não é somente escassa, mas também unilateral, de certo modo. De qualquer forma, não se pode dizer de modo algum que o punk foi uma das preocupações da obra.

Na obra de Luiz Tatit, músico, semiótico e pesquisador pioneiro em sua área, que ele chamou de semiótica da canção, aplica-se a análise semiótica à canção brasileira. Essa análise busca dar conta não somente da parte verbal, mas também da linguagem sonora das canções, o que torna esse estudo bastante peculiar.

Na obra *O século da canção* (TATIT, 2004), o autor se dedica a fazer um estudo aprofundado de como a canção se tornou a principal forma de expressão da música popular no Brasil no decorrer do século XX. Encontramos na obra um estudo cronológico por décadas e

por dicções. Além disso, o autor trata do surgimento e consolidação de ritmos como o samba e de movimentos como a bossa-nova e o tropicalismo. Porém, assim como na obra de Tinhorão, não encontramos menção ao movimento punk, nem como movimento musical e nem como ritmo musical. Entendemos que o punk rock e suas vertentes não são ritmos brasileiros, porém o punk nacional possui algumas características que o diferenciam dos demais, já que se trata de uma reinterpretação e ressignificação do que era feito no exterior, do mesmo modo como ocorre com o rock brasileiro, por exemplo.

Outra importante obra em que Tatit aplica seu método semiótico nas canções populares brasileira é *Análise semiótica através das letras* (2008). Nela encontram-se análises de diversas canções de variados ritmos e artistas, como Saudosa Maloca (Adoniran Barbosa), Quando o Samba Acabou (Noel Rosa), Conceição (Jair Amorim e Dunga), Asa Branca (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), Ovelha Negra (Rita Lee), Alegria Alegria (Caetano Veloso), entre outras. Vemos como o autor navega pelos diversos universos musicais brasileiros para mostrar a eficácia de sua teoria, mas, mais uma vez, não se encontra nenhuma canção de uma banda punk na obra.

3.4 O punk documentado

O punk brasileiro já foi tema de documentários, porém podemos dizer que apenas *Botinada: a origem do punk no Brasil*, produzido e dirigido por Gastão Moreira (2006), teve alcance maior de público. A obra é o resultado de quatro anos de pesquisa e narra a fase inicial do movimento punk no Brasil, de 1976 até 1984. A estrutura narrativa é composta por depoimentos de punks, principalmente de São Paulo e da região do ABC paulista, e de pessoas envolvidas com aquela cena, como, por exemplo, João Gordo, Clemente, Kid Vinil, Marcelo Nova, Antônio Bivar, entre outros.

Botinada é um registro inédito, pois até o ano de 2006 não havia nenhuma outra obra áudio-visual que retratasse o punk de forma cronológica, analisando-o desde a origem e buscando razões para a sua dissolução em meados de 1984. O material que se tinha sobre o punk até então eram três documentários: *Garotos do subúrbio*, produzido e dirigido por Fernando Meirelles (1983), *Punks*, dos produtores e diretores Sara Yaknni e Alberto Gieco (1984) e *Rota ABC* de Francisco César Filho (1991). Esses três documentários foram bem pontuais em seus objetivos, retratando o punk em seu estado atual na época em que foram produzidos. *Garotos do subúrbio* é composto por depoimentos dos punks da época, com foco

em entender o novo fenômeno sócio-cultural que o punk representava na cidade de São Paulo. O auge do movimento foi no ano de 1982, portanto, o crescimento desse movimento foi notado pela mídia em geral, o que motivou a produção do documentário. O tom geral da obra é compreender o punk como movimento cultural crescente em São Paulo, entender como os punks locais se apropriaram e ressignificaram os elementos vindos do exterior.

Já o documentário *Punks* é mais focado nos problemas enfrentados pelos punks no início da década de 1980. Muitos deles eram operários ou office-boys que trabalhavam no centro da cidade de São Paulo, por isso a maior parte da obra é filmada ali. Neste, diferente dos outros, há a interferência direta dos diretores, quando fazem perguntas aos entrevistados. O que vemos nesta obra é a documentação do dia a dia dos punks, sua busca por empregos, seus momentos de diversão (ensaios de bandas, shows etc), suas dificuldades em relação ao julgamento da sociedade e na organização do próprio movimento.

O documentário *Rota ABC* é um curta-metragem que retrata a juventude da região do ABC paulista. A juventude operária do ABC é tema de várias músicas da banda punk Garotos Podres, por isso, em conjunto com a banda, Francisco César Filho, o diretor, procurou mostrar as perspectivas desse grupo de pessoas, dentro do qual estavam os punks do ABC.

De um modo geral, podemos dizer que o punk foi um tema de interesse de autores e pesquisadores em alguns momentos históricos, como no contexto de seu surgimento e auge, porém essas obras não tiveram muito alcance, ficando restritas a um pequeno público composto pelos próprios punks e pessoas que se interessavam pelo cinema nacional independente. O documentário de Gastão Moreira foi o que teve maior alcance do grande público. O fato de o diretor ter sido VJ da MTV e apresentador de programas da TV Cultura e o material ter sido lançado em uma época em que a informação era mais facilmente disseminada ajudaram o documentário a ter mais visibilidade. Diferentemente de boa parte do que é relacionado ao punk, o DVD do documentário pode ser encontrado em diversas lojas e livrarias no Brasil.

3.5 A biogênese do punk

“Registrando algo que não existe [...] algo passa a existir” (CARVALHO, 2007), é o que diz o prefácio do livro *Fodido e xerocado: por favor, olhe para mim* (2007) de Daigo Oliva e Mateus Mondini. A obra é um registro fotográfico do *fanzine* que tem o mesmo nome da obra. No prefácio, Pedro Carvalho fala sobre o fato de a mídia matar e ressuscitar o punk por conta

própria, de acordo com a vontade de alguns veículos de informação. Para o autor, esse movimento de morte e renascimento serve para atender a interesses puramente econômicos da indústria cultural:

“neste mercado de secos e molhados que nós chamamos de mundo moderno, as coisas vendem, logo existem. Portanto, o punk voltava à pauta do dia na medida em que os grandes negócios o redescobriam, redesenhavam o pacote e o revendiam.” (CARVALHO, 2007).

O que é feito paralelamente, nos espaços alternativos apropriados pela cultura punk, muitas vezes não é relevante para a grande mídia, que oficializa ou não determinadas manifestações culturais. De acordo com o autor:

Ao mesmo tempo, ríamos da ironia de ler na grande mídia o obituário e certidão de renascimento de algo que, ao menos no discurso, era baseado justamente em existir ao largo destas coisas. Assim, continuava simplesmente fazendo, realizando, organizando e curtindo, tentando criar nosso próprio tempo e espaço, onde o “oficial” era irrelevante. (CARVALHO, 2007)

A partir dessa percepção, os autores da obra decidiram lançar um livro reunindo fotos publicadas ao longo da existência do *fanzine* e criar parte da história do punk a partir de dentro do próprio movimento, de acordo com o conceito do *faça você mesmo*. Esse prefácio e o subtítulo tratam do olhar, ou ausência dele, que os diferentes discursos lançam sobre o punk e levantam a problemática que discutimos neste capítulo: o discurso acadêmico, mais do que o midiático, tende a ignorar a existência do punk como movimento ou ritmo musical.

Vemos, então, que o movimento existe independentemente de esses discursos o abordarem ou não, como vemos, de acordo com o autor de prefácio, “não devemos nada a ninguém e não precisamos de ninguém para nos informar da nossa própria relevância ou existência. Está tudo acontecendo, novas contradições vão surgindo e novas razões de ser também.” (CARVALHO, 2007). Uma de nossas preocupações aqui é a criação de um estereótipo de um movimento ou indivíduo agressivo, violento, sem muitos propósitos e que é imposto e muitas vezes incorporado pelos punks.

Concordamos com Carvalho (2007) quando diz que o punk é pouco abordado e que isso não faz dele um movimento morto ou inexistente, porém quando o punk é trazido à grande mídia, muitas vezes, aparece por meio de notícias de comportamentos violentos ou crimes. Talvez isso somado aos poucos estudos acadêmicos dedicados ao movimento e a sua própria

característica de fechar-se em si mesmo faça com o que o punk seja mal compreendido, tanto por quem é de fora quanto por quem está dentro dele.

4. O LÉXICO E OS ESTUDOS DISCURSIVOS

4.1 Fundamentos do léxico

A Linguística, desde Saussure, vem estratificando e estudando as diversas camadas da língua. Ciências advindas da Linguística moderna estudam categorias da língua, tais como a Fonologia, a Morfologia, Sintaxe, Semântica, Linguística textual. De um ponto de vista estrutural, a Lexicologia e a Lexicografia situam-se entre a Morfologia e a Sintaxe, e aí se encontra um problema antigo dentro dessa área, o da definição da palavra.

A palavra já foi entendida como unidade significativa de articulação do discurso na Grécia Antiga. Porém desde aquela época até hoje o conceito de palavra já se modificou e hoje em dia é considerado pré-científico, talvez pela dificuldade de haver uma conceituação universal e uma noção clara do que ela seja. Em um primeiro momento com essa categoria que compõe o discurso, podemos dizer que a palavra forma unidades maiores e, por sua vez, constrói o discurso (BIDERMAN, 1978). Biderman (1978) encontra uma saída para a discussão sobre a palavra, dizendo que “o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto [...] a nossa tese é a de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua” (p. 114). Para a autora esse conceito deve ser formulado de acordo com cada língua ou grupo de línguas similares. Abandonando o conceito de palavra, a Lexicologia trabalha com unidades léxicas, que podem ser formadas por uma ou mais unidades que entendemos subjetivamente como palavras.

O morfema é a unidade mínima de significação, que não se pode decompor sem que se passe ao nível dos fonemas. Ele é a menor parte de articulação discursiva dotada de significação. Em algumas línguas, como a língua portuguesa, consideramos os morfemas como constituintes imediatos dos lexemas, que são unidades léxicas abstratas em língua, manifestando-se no discurso como formas fixas ou variáveis (mais frequentes). Biderman (1978) dá o exemplo de “ganguê” como um lexema da língua portuguesa, podendo ele se manifestar como *ganguê* ou *ganguês*; essas formas, que aparecem no discurso, são lexias do lexema “ganguê”. Essa nomenclatura auxilia no entendimento dessas categorias que utilizaremos nas análises. Pretendemos identificar as lexias no discurso do corpus selecionado e verificar quais significações elas podem trazer para o entendimento global do texto/discurso.

Segundo Pottier (1975), “as lexicalizações supõem uma combinação frequentemente realizada no discurso” (p.27). Ou seja, a lexicalização é o processo em que o vocábulo se

manifesta e ganha sentido na dinâmica discursiva. Algumas lexias, porém, podem ser compostas por vários vocábulos e até construções sintáticas inteiras, é o que o autor chama de lexia textual. Segundo o autor, a lexia textual “est une lexie complexe que atteint le niveau d’un énoncé ou d’un texte”⁸ (POTTIER, 1985, p. 267). Ou seja, as lexias textuais são formadas por diversos vocábulos, porém em um texto, esse conjunto adquire um sentido unificado, podendo ser inserido em um determinado campo lexical, como veremos.

O léxico de uma língua qualquer é um sistema aberto e carrega traços de toda a experiência e cultura acumuladas de uma sociedade, que formou, ao longo do tempo, as unidades que constituem esse universo linguístico, uma vez que as mudanças sociais e culturais provocam alterações discursivas e também no uso das unidades lexicais. Disso resulta o surgimento de novas lexias, a marginalização de outras, que caem em desuso ou a ampliação ou mudança de significado de uma unidade já existente. Os responsáveis por essa dinâmica, que enriquece o léxico e demonstra que a língua é um mecanismo vivo, são os falantes.

O estudo dos significados não pode ser descartado desse processo. Se assim fosse, estudaríamos apenas mudanças lexicais na estrutura da língua. Ainda que a semântica já tenha sido estudada do ponto de vista estrutural, entendemos que, além da estrutura linguístico-textual existe uma significação que surge a partir da linguagem em uso, ou seja, no discurso. Assim, o léxico de uma língua é construído na relação dos sujeitos entre si através do uso social da linguagem. Essas novas significações vão sendo incorporados ao léxico ao longo do tempo (BIDERMAN, 1978).

Para entendermos a semântica e os campos semânticos é necessário que passemos pelo conceito básico de sema inicialmente. O sema é um traço mínimo de significação de uma determinada unidade lexical. Se olharmos de um ponto de vista estrutural, podemos dizer que o sema é o conteúdo, enquanto o morfema ou lexema é a forma. A existência do sema encontra-se na oposição ou distanciamento de outros semas. A sua natureza é unicamente relacional e não substancial, sendo que o sema não pode ser definido como um termo confinante da relação que se instaura e que se apreende com outro termo do mesmo denominador comum, ou seja, ele pertence a um conjunto lexical chamado microssistema. Por exemplo, no lexema “cão” temos os semas: vivo, mamífero, macho, entre outros; já no lexema “cadela” temos os mesmos semas, porém difere em pelo menos um, já que o morfema –a indica feminino. E ambos os termos vão se opor a “casa”, que não se enquadra na categoria “vivo”.

⁸ É uma lexia complexa que atinge o nível de um enunciado ou de um texto (tradução nossa).

Existem duas classes de morfemas, os lexicais e os gramaticais. Morfemas lexicais têm sua significação apoiada no universo referencial, ou seja, sociedade, cultura. Os gramaticais apoiam-se na língua entendida como um sistema fechado, ainda que essa significação intralinguística possa ser influenciada pela cultura e sociedade (BARBOSA, 1978).

Consequentemente existem então dois tipos de semântica, a lexical e a gramatical. A semântica lexical trata do sentido e da significação que as unidades lexicais ganham nas suas relações umas com as outras, enquanto a semântica gramatical trata dos aspectos gramaticais da significação, como por exemplo, morfemas marcadores de gênero, número, pessoa etc. Ambas trabalham sob a mesma estrutura linguística, porém sob universos semióticos diferentes, como resume Barbosa (1978):

Podemos observar que tanto a semântica lexical como a gramatical apresentam os mesmos processos de estruturação, o mesmo instrumental de análise; entretanto divergem pela natureza de sua substância como também pelas influências que sofrem ambas dos diferentes universos semióticos. (p. 61)

Os dois universos semânticos compõem a significação de uma lexia e a relação dessa significação com as demais significações das lexias de um determinado texto/discurso forma uma rede maior de significação comum, chamada de campo semântico. Sobre ele, Biderman (1978) diz: “toda palavra abrange uma rede de significações, às vezes muito extensa. Aos vocábulos que integram essa rede damos o nome de *campo semântico* dessa palavra” (p. 193). Como dissemos anteriormente, o léxico de uma língua é sistema aberto e em constante transformação devido à prática sócio-discursiva, portanto os campos semânticos também são móveis e variam de acordo com o tempo-espço do discurso. Não se pode assumir uma estagnação desses campos, por essa razão vamos tratá-los de acordo com os aspectos discursivos de tempo, espaço em que os textos analisados foram escritos, ou seja, respeitando as esferas de produção e circulação dos textos.

Dentro de um campo semântico, um enunciador de um discurso pode fazer várias escolhas lexicais, pois “na maioria das vezes os vocábulos componentes de um campo semântico registram numerosas nuances de sentido, compondo um amplo leque de significações afins” (BIDERMAN, 1978, p. 194). Essas escolhas vão variar de acordo com múltiplos fatores linguísticos ou extralinguísticos.

Por exemplo, em um texto que trata de um protesto de um grupo de manifestantes, ao se referir a um integrante desse grupo, o enunciador tem uma série de opções para fazer essa referência. Então, a escolha, por exemplo, entre as lexias “terrorista” ou “lutador pela

liberdade” vai além de traços puramente linguísticos, revelando a carga ideológica discursiva. A lexia “terrorista” possui semas comuns com “lutador pela liberdade”, porém possui outros que são completamente antagônicos. Portanto ao se referir a uma mesma pessoa através dessas duas lexias traz fortes diferenças no entendimento global do texto.

Essas escolhas dão pistas para identificarmos um juízo de valor feito por aquele que enuncia o discurso, assim podemos entender qual o seu posicionamento e quais consequências essa escolha traz para enunciatário. É evidente que nem sempre as escolhas serão tão explícitas assim, porém através de ocorrências mais complexas, é possível entender o discurso de uma forma mais profunda.

4.2 A perspectiva sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso

Segundo van Dijk (2008), a Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma linha teórica que visa estudar as relações entre discurso e poder e as manifestações de abuso de poder no discurso. Não se trata de uma linha de pesquisa com diretrizes definidas, cada pesquisador em ACD traz ao seu trabalho aquilo que lhe é mais pertinente, tornando-a assim uma abordagem multidisciplinar.

A proposta de uma pesquisa com enfoque na ACD é reconhecer um problema social que tenha um desdobramento discursivo (semiótico), identificar os elementos que compõem esse problema (ou seja, a conjuntura, os grupos envolvidos, a produção discursiva de cada um, a posição de poder que cada um ocupa em um determinado contexto etc.), se possível buscar maneiras de superar esse problema e refletir criticamente sobre ele. Notamos, então, que não se trata de uma proposta analítica que encontra seu fim simplesmente na análise de discurso.

A ACD procura contribuir com a sociedade em setores em que minorias encontram-se em uma situação desfavorável, porém sem a ingenuidade de considerar que uma pesquisa isolada nessa área pode ser responsável por uma mudança social.

4.2.1 Origens da ACD

A ACD surgiu no Reino Unido e na Austrália no final de década de 1970 com a chamada Linguística Crítica, termo utilizado pela primeira vez na obra de Roger Fowler *Language and control* (1979). Daí vem a abordagem da linguagem como uma prática social, correlacionando as estruturas sociais com as estruturas discursivas. Esses primeiros trabalhos com essa

abordagem procuravam evidenciar que os grupos sociais e suas relações influenciavam a linguagem e vice-versa e, para isso, reuniam várias linhas de pensamento teórico, combinando as teorias e métodos de análise textual da linguística sistêmica (Halliday, 1978) com teorias diversas de ideologia.

Segundo Fairclough (2001), tanto a Linguística Crítica como a chamada Análise do Discurso Francesa (AD francesa) apresentam falhas teórico-metodológicas, pois não há um equilíbrio entre os elementos sociais e os elementos discursivos. Há pontos positivos de destaque em cada uma delas, porém na primeira abordagem a análise linguística e a teorização sobre linguagem e discurso são bem desenvolvidas, enquanto os conceitos de poder e ideologia são utilizados com pouca discussão teórica. E na AD francesa (principalmente nos trabalhos de Pêcheux) a teoria social é mais bem desenvolvida, porém a análise discursiva não tem o devido destaque, colocando a análise em termos semânticos simplesmente. As lutas pelo poder, a manifestação do poder no discurso e a possibilidade de uma mudança social não eram levadas em consideração até então, por isso esses elementos são incorporados nos estudos em ACD. Mesmo se opondo às correntes de análise linguística e discursiva citadas, a ACD deve muito a elas pela sua formação como linha teórica.

Para Habermas (2002) a linguagem é concebida como um elemento de comunicação, em princípio, porém é também um modo de dominação social que embasa as relações de poder organizado. Essa é uma posição adotada de um modo geral pelos pensadores da Escola de Frankfurt e é bem semelhante à concepção de discurso que se tem na ACD, que trouxe para a análise de discurso textualmente orientada esse caráter crítico, que tem por objetivo questionar relações de poder assimétricas entre os grupos sociais. Essas relações estão presentes em praticamente todas as sociedades hierarquizadas e estratégias diversas são utilizadas por grupos dominantes para a manutenção de seu poder e dominação sobre outros grupos minoritários, como veremos a seguir.

4.2.2 Ideologia e Hegemonia: elementos de luta, dominação e legitimação

Como já vimos anteriormente, Voloshinov e o Círculo de Bakhtin trouxeram grandes contribuições sobre ideologia no âmbito da linguagem por meio de uma releitura do conceito marxista. A ideologia e a hegemonia podem ser entendidas como elementos de luta, dominação e legitimação de ações de grupos diversos que naturalizam relações assimétricas de poder.

Um exemplo claro para entender a ideologia no pensamento marxista é a mais-valia, instrumento ideológico que garante o lucro em uma economia capitalista. Em um Estado burguês existem relações de trabalho entre indivíduos livres e iguais (sob a ótica capitalista). O trabalhador vende sua mão-de-obra para alguém que tenha interesse em comprá-la, porém, não se trata de uma troca igualitária, uma vez que o que está em jogo não é o trabalho como um todo (considerando mão-de-obra, tempo, produto), mas a força de trabalho. Lembremos que isso ocorre em função da divisão dos trabalhos em material e intelectual. Um trabalhador que produz um produto X não recebe o equivalente ao que produziu de fato, mas recebe pela mão-de-obra empregada para produzir o produto. Dessa forma o valor que recebe é inferior ao valor que produziu, o que garante o lucro do empregador. É universalizada a ideia de que no capitalismo há uma relação de troca igualitária e é ocultada a ideia de que essa troca não é igual, pois há necessariamente o lucro. Essa representação da realidade (que pode ser considerada parcial) existe para justificar e naturalizar um conjunto de práticas de um grupo, como a existência “natural” de classes sociais em uma dada sociedade e é chamada de ideologia. Trata-se de uma ferramenta para manter o controle dos modos de produção por um determinado grupo, a burguesia nesse caso. Na época em que o autor elaborou esses conceitos a burguesia era a classe dominante em plena ascensão. Recordemo-nos que um dos objetos de estudo de Marx é a economia capitalista, portanto a ideologia da qual o autor fala é a ideologia burguesa, o que faz sentido em seu pensamento filosófico, porém não deve ser entendida como a única ideologia existente. Alguns autores (ZIMA, 1981; PÊCHEUX, 1988) sugerem que a ciência teria a capacidade de superar a ideologia, uma falsa consciência (o que é uma interpretação da noção marxista). A ciência teria o poder de evidenciar o nível de essência de um determinado contexto e revelar a realidade em si, aquilo que estaria oculto, ou seja, segundo esse pensamento, a ideologia é a falsa verdade e o discurso científico detém o estatuto de verdade essencial.

Na ACD a ideologia é concebida de um modo mais amplo. Van Dijk (2000) entende que ideologia é um conjunto de ideias e crenças de um determinado grupo que serve para afirmar e legitimar suas práticas (discursivas e não-discursivas). Sendo assim a ideologia não existe apenas nos grupos dominantes, com mais poder, ela existe também em grupos minoritários, marginalizados; ela é parte da luta pelo poder, uma espécie de ferramenta de combate desses grupos. Segundo van Dijk (2000), a legitimação da dominação é uma função importante de algumas ideologias, principalmente quando essa legitimação atinge um nível de naturalização e torna-se senso comum. Ele propõe, contudo, uma noção mais geral de ideologia, afirmando,

inclusive, que há ideologias positivas, ou seja, aquelas que visam o empoderamento de minorias, como o movimento feminista e o movimento negro.

A ideologia, então, é uma propriedade de estruturas e eventos sociais, é expressa através das diferentes práticas, inclusive a discursiva. Ela não se manifesta apenas nos textos e apenas uma análise discursiva textualmente orientada não daria conta de identificá-la por completo. Ela é um processo que abrange outras categorias (relações humanas, por exemplo) que não apenas texto “isso é porque os sentidos são produzidos por meio de interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações que podem diferir em sua importância ideológica e porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.118 e 119). Também não se deve achar que os sujeitos têm plena noção de que diferentes ideologias os constituem de uma maneira sobre a qual não possuam controle. As ideologias não são claras, nem de fácil identificação, são processos bastante complexos e fragmentados. Para a ACD o sujeito não é assujeitado, mas capaz de agir criativamente e criar resistências a esses fatores de dominação.

As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Para van Dijk (2000) as ideologias possuem uma dimensão cognitiva. Elas estão ligadas a crenças, valores e construções da realidade a partir de um determinado ponto de vista. A memória, ou sistema de cognição, está associada a essas categorias. Van Dijk utiliza os conceitos da psicologia de memória sensorial, memória de curto prazo e memória de longo prazo, para realizar uma espécie de mapeamento da ideologia que se encontra na memória de longo prazo.

A memória sensorial é responsável pelo primeiro contato das informações com o nosso cérebro, ela se encarrega de perceber e apreender a realidade através dos órgãos sensoriais em um primeiro momento. Essas informações são processadas e reconhecidas, e então são operacionalizadas pela memória de curto prazo, que é responsável por uma primeira avaliação das informações que ficam retidas por um curto período de tempo. Quando temos contato com algum tipo de discurso, a memória de curto prazo trata de nos fazer compreender aquilo que lemos, vemos, ouvimos, no sentido de decodificar lexias, sintaxe, semântica etc. (VAN DIJK, 2008). Após a passagem das informações por essas duas etapas, aquilo que é realmente relevante (de acordo com uma série de fatores apreendidos sócio-culturalmente e não do

ponto de vista individual) permanece na memória de longo prazo. Para uma determinada informação ficar retida na memória de longo prazo, ela passa por avaliações, aceitações, crenças e acaba detendo um valor de verdade para o sujeito.

Essas informações acabam fazendo parte de um conjunto de crenças, valores, posições de um dado grupo, que adquirem um estatuto de verdade, e compõem uma ideologia específica.

Em suma, ideologias formam representações sociais básicas de crenças partilhadas por um grupo e funcionam precisamente como arcabouço que define a coerência global dessas crenças. Portanto, ideologias permitem que novas opiniões sociais sejam facilmente inferidas, adquiridas e distribuídas em um grupo quando este e seus membros se confrontam com novos eventos e situações. (VAN DIJK, 2000, p. 14 e 15, tradução nossa).

Com isso vemos que as ideologias são processos que podem se modificar e se renovar a todo o momento, e são construídas a partir de lutas sociais entre diferentes grupos, diferentemente da ideia de ideologia como algo estático cujo papel é apenas subjugar os sujeitos a fim de manter o poder nas mãos de uma elite simbólica, financeira, intelectual etc.

A hegemonia é a capacidade que um determinado grupo tem de conciliar, de unir um bloco social, composto por diversos grupos heterogêneos.

Longe de ser uma forma vulgar de manipulação por parte dos grupos dominantes, na qual a ideologia seria sua principal ferramenta de dominação, a hegemonia é, na verdade, uma forma de direcionar uma sociedade. Não é garantida apenas pela coerção, é necessário um grau de consenso entre as partes envolvidas para a garantia de sua coesão. Constitui-se a partir de alianças, de consentimento. A hegemonia de um grupo não é eterna e nunca será consenso completo em uma sociedade. “Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo, de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Como ferramenta de uma classe para atuar historicamente, a hegemonia é uma forma de dar direção à sociedade, porém, não é única forma de um grupo dominante atuar. A coerção pode ser um elemento importante que está ligado à sociedade política, enquanto a hegemonia, à sociedade civil. A coerção é aplicada pelos aparelhos coercitivos do Estado, a supremacia de um determinado grupo é garantida pela forma com a qual ele balanceia hegemonia e a coerção.

Quando uma hegemonia está em crise, significa que o bloco de poder dominante perdeu o consenso, deixou de dirigir, de direcionar, para apenas dominar, detendo apenas a força coercitiva. Ou seja, a ideologia propagada por esse grupo, sendo a sua base, não é mais preponderante sobre outras ideologias. Alcançar o patamar de grupo dominante requer uma luta político-ideológica.

Vejamos a aplicação da hegemonia ao discurso. Entendemos hegemonia como liderança, ou seja, a capacidade que um grupo tem de propagar uma aceitabilidade de suas ideias e práticas com a finalidade de se manter em um lugar privilegiado. Desse modo, acaba existindo uma aceitação plena pela maioria dos atores envolvidos nessa dinâmica, e a dominação desse grupo se dá por um viés ideológico e com pouco ou nenhum uso de força coercitiva em um sentido físico. Por exemplo, a hegemonia nazista na Alemanha se deu pela prática discursiva de propaganda, porém se deu também, em boa parte, pelo uso da força bruta. O nazismo foi imposto por meio de uma forte coerção para que uma hegemonia fosse alcançada. Neste caso o uso da coerção é massivo, diferentemente do que acontece em algumas sociedades atualmente. O discurso midiático, com o qual trabalhamos nesta pesquisa, utiliza fragmentos de discursos de outras áreas para compor o seu próprio e para ter uma aceitabilidade grande por parte de seu público alvo e se tornar um discurso hegemônico para que aqueles que o produzem permaneçam no local privilegiado em que se encontram.

Pode-se considerar uma ordem de discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e a rearticulação de ordens do discurso são, consequentemente, um marco delimitador na luta hegemônica. Além disso, a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente [...] mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123 e 124)

A hegemonia, assim como as ideologias dominantes, não é contínua, ela encontra resistências em diversas situações. Nem sempre os sujeitos conseguem superá-las de fato, porém, como já dissemos, adotamos aqui a noção de sujeito da ACD que o coloca como um indivíduo que constitui e é constituído por discursos que são frutos de relações de poder, que são muitas vezes assimétricas, sem que esse sujeito seja sempre passivo.

4.2.3 Manipulação, cognição e a construção dos modelos mentais

Para van Dijk (2008), a manipulação está ligada à memória, que pode ser usada para fins manipulativos no âmbito discursivo. É uma forma de expressar o discurso de modo que as informações contidas nele sirvam a certos propósitos ou interesses de um grupo. Para isso várias estratégias são utilizadas, como a seleção lexical, a construção sintática, a repetição, entre outros, que levam a uma auto-apresentação positiva, outro-apresentação negativa.

A manipulação discursiva é uma ferramenta que se encontra não somente na esfera social e discursiva, a “dimensão cognitiva também é importante porque a manipulação sempre envolve uma forma de manipulação mental” (VAN DIJK, 2000, p. 233). Ela é uma prática comunicativa e interacional para proteger alguns interesses, como manutenção de um grupo numa situação de poder.

Esse elemento é visto de forma negativa, pois se entende, no âmbito da ACD, que ele exerce controle sobre as pessoas contra a vontade e interesses delas, ou seja, é uma prática que viola as normas sociais. Por isso devemos entendê-la como “uma categoria típica de observação, por exemplo, de analistas críticos, e não necessariamente uma categoria dos participantes; poucos usuários da língua chamariam seu próprio discurso de ‘manipulador’” (VAN DIJK, 2008, p. 234).

É importante fazermos uma diferenciação entre manipulação e persuasão. A última é um elemento comum a praticamente todo discurso, ou seja, o enunciador, na maioria dos casos, pretende convencer o leitor de que as informações contidas em seu texto são relevantes e verdadeiras. E isso é feito utilizando estratégias, às vezes até as mesmas estratégias utilizadas em um discurso manipulador, porém não se faz o uso delas de uma forma desleal, como por exemplo, omitindo determinadas informações, o que faz com que o enunciatário não compreenda a situação por completo. A partir daí vemos que a manipulação não é um elemento estrutural do discurso, pois as estratégias por si só não são manipuladoras por natureza.

Persuasão e manipulação são construídas de forma relacional, ou seja, na interação entre enunciador e enunciatário. A diferença entre uma e outra está nos efeitos que produzem. A persuasão informa o enunciador por meio de uma argumentação construída de forma clara e transparente (não neutra, pois neste trabalho não aceitamos a neutralidade como uma possibilidade discursiva). Já a manipulação pode, muitas vezes, desinformar muito mais do que informar de fato:

a diferença crucial neste caso é que na persuasão os interlocutores são livres para acreditar ou agir como desejarem, dependendo se eles aceitam ou não os argumentos do persuasor; já na manipulação aos receptores é dado, tipicamente, um papel mais passivos: eles são *vítimas* da manipulação. Essa consequência negativa do discurso manipulador ocorre tipicamente quando os receptores são incapazes de entender as intenções reais ou de perceber todas as consequências das crenças e ações defendidas pelo manipulador (VAN DIJK, 2008, p. 235)

Percebemos, então uma indefinição de um limite bem claro e estabelecido entre manipulação e persuasão. Devemos entender cada uma dentro da prática discursiva, da situação comunicativa, mesma posição defendida por Bakhtin no que diz respeito ao discurso e linguagem, ou seja, a construção de ideias a partir das práticas. O mesmo discurso que pode ser legitimamente persuasivo para uma pessoa ou grupo de pessoas, pode ser altamente manipulador para outra pessoa ou outro grupo de pessoas. Isso vai depender de uma série de fatores internos e externos ao discurso.

Entendida a diferença fundamental entre manipulação e persuasão, passemos agora para a manipulação social e as condições para que ela aconteça. Já dissemos que para que haja manipulação não é necessário somente um conjunto de estratégias e interesses ocultos (até mesmo porque não são somente os interesses que fazem com que a manipulação exista), é preciso que, além disso, também haja relações sociais no processo. A manipulação envolve poder, mas ele só é manipulador quando vem acompanhado de um uso abusivo, de uma dominação. A noção de poder que utilizamos aqui não é algo negativo necessariamente, o poder só é negativo quando um indivíduo ou grupo se utiliza de uma posição de poder privilegiada para atender a interesses próprios ilegítimamente. Como por exemplo, o uso da posição de jornalista para manipular os receptores desse discurso a fim de aumentar as vendas do periódico.

Uma das condições para que haja manipulação é o acesso especial a determinados discursos. Geralmente o acesso preferencial a determinadas esferas discursivas é um recurso compartilhado pelas chamadas elites simbólicas (por exemplo, políticos, jornalistas, acadêmicos, escritores, professores etc). Esse acesso é compartilhado por essas elites por estarem em uma posição que lhes permita isso, como por exemplo, no caso das polícias que têm acesso a determinados discursos que não são compartilhados com o público. Ou até mesmo entre acadêmicos que possuem uma capacidade maior de acesso ao discurso científico (VAN DIJK, 2008).

A manipulação se dá no âmbito social e é ilegítima na medida em que (re)produz uma desigualdade entre dois ou mais grupos de pessoas, pois ela serve aos interesses de grupos que detêm mais poder e fazem um uso abusivo dele, fato que fere os interesses de minorias. Não queremos dizer que a manipulação é um instrumento utilizado por todos os grupos mais poderosos nem que ela não encontra limites. Apesar de nem todos os grupos sociais fazerem uso dela, ela está sujeita a encontrar focos de resistência.

Além da atuação social, a manipulação também possui um caráter cognitivo. Como dissemos no início desta seção, ela está ligada à memória. A memória é individual, porém é construída socialmente a partir de eventos discursivos ou não. Portanto a coletividade da memória é manipulável discursivamente. É nesse sentido que van Dijk (2008) afirma que manipular pessoas em um nível social significa manipular suas mentes. Porém, nem todo tipo de influência mental é causado através da manipulação.

Constatamos, entretanto, que há muitas formas da influência mental baseadas no discurso, tais como informar, ensinar e persuadir, o que também modela ou muda os conhecimentos e as opiniões das pessoas. Isso significa que a manipulação precisa ser distinguida dessas outras formas de gerenciamento da mente (p. 240).

Assim como no âmbito social, na cognição também há formas legítimas e ilegítimas de controle da mente. O que nos interessa aqui é a influência social que o controle mental traz para os diversos grupos, no nosso caso a mídia e as imagens que são construídas acerca de um movimento musical e social específico.

É preciso saber que o discurso (inclusive o manipulador) envolve processamento de informações na memória de curto prazo, ou seja, compreensão lexical, sintática, semântica de enunciados verbais e não verbais. O que acontece é um processamento prévio das informações ou fragmentos de informações feito através de suposições e atalhos rápidos e eficientes no lugar de se fazer uma análise completa da informação como um todo (VAN DIJK, 2008, p. 241).

Uma das formas de manipulação cognitiva do discurso é justamente controlar essas informações adquiridas pela memória de curto prazo, por exemplo, construir manchetes em letras garrafais, utilizar determinadas escolhas lexicais no lugar de outras, usar fotografias associadas ao texto, destacar determinadas lexias em negrito, itálico etc.

O uso dessas estratégias pode fazer com que os enunciatários memorizem de forma mais eficiente uma parte das informações do que outras. Por exemplo, o uso exaustivo de determinadas lexias relacionadas à violência para se referir ao movimento punk pode gerar

uma compreensão parcial do que consiste esse movimento. Ao chamar atenção para esse fato de várias formas e por diversas vezes, o leitor pode criar uma espécie de estereótipo. Como afirma van Dijk (2008), a compreensão de determinada informação pode ser parcial ou tendenciosa quando se dá uma atenção muito elevada para detalhes irrelevantes ou sensacionalistas.

As mesmas estratégias cognitivas que são manipuladoras em determinadas situações podem também ser usadas positivamente, como, por exemplo, em campanhas de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis. Isso prova aquele argumento ao qual nos referimos anteriormente sobre as estratégias por si só não serem manipuladoras, mas sim o modo como elas são usadas e os efeitos que elas trazem. *“Isso sugere que, cognitivamente falando, a manipulação não é nada de especial: ela faz uso de propriedades muito gerais do processamento discursivo”* (VAN DIJK, 2008, p. 242 – itálico do autor).

O processamento do discurso na memória de curto prazo envolve formas de análise muito variadas, como morfológica, sintática, semântica, léxica etc. Por exemplo, uma determinada notícia pode vir acompanhada de ilustrações e vídeos, compondo um discurso bastante sincrético para que a informação seja repetida e confirmada em cada manifestação discursiva (linguística e visual) a fim de que a atenção do leitor seja direcionada.

Em algumas situações é difícil afirmarmos que há necessariamente uma intencionalidade em manipular determinada informação para certo propósito, mas, por outro lado, se um discurso particular produz um efeito manipulador em algum grupo, podemos investigar como isso se dá e os efeitos negativos que isso traz. *“Definimos como ilegítimas todas as formas de interação, comunicação ou outras práticas que servem apenas aos interesses de uma parte e são contra os interesses dos receptores”* (VAN DIJK, 2008, p. 238).

Até agora falamos sobre a manipulação das informações adquiridas pela memória de curto prazo. Porém a maior parte da manipulação se dá na memória de longo prazo. Além disso, seus resultados são mais permanentes e mais visíveis. A manipulação da memória de longo prazo produz efeitos duradouros, ou seja, forma ideologias, direciona atitudes, produz conhecimento, etc.

A memória de longo prazo é responsável pelo armazenamento daquelas informações mais importantes e duradouras, as quais servem como base para a nossa interpretação e construção da realidade como um todo. As memórias pessoais que definem nossas experiências e história de vida também fazem parte da memória de longo prazo. Essas representações são associadas à memória episódica, ou seja, uma memória autobiográfica. A origem dessas representações é a experiência diária pessoal. E essa construção pessoal da realidade é o que van Dijk chama

de modelo mental, ou seja, é o modo como um indivíduo apreende, sente, entende, constrói, reconstrói o mundo ao seu redor. Esses modelos, que são base para memórias futuras, se baseiam na memória e são, em grande parte, construídos discursivamente, por isso manipuláveis.

A compreensão de um texto não é simplesmente a associação de significados com significantes, sentenças ou discursos. Uma sentença pode fazer sentido gramaticalmente, porém, pode ser incoerente do ponto de vista da compreensão lógica. A compreensão se dá pela “construção de modelos mentais na memória episódica, incluindo nossas próprias opiniões pessoais e emoções associadas a um evento sobre o qual nós ouvimos ou lemos” (VAN DIJK, 2008, p. 244). Percebemos, então, que os modelos mentais são únicos e pessoais. O fato de serem construídos no nível individual, não significa que são isolados. Eles fazem parte de uma coletividade, ganham sentido no âmbito social, e é essa dimensão que nos interessa.

A manipulação de informações acaba por influenciar a construção dos modelos mentais também. Desse modo certos grupos possuem modelos mentais “preferidos” sobre determinados assuntos. O que não significa que todos os indivíduos de um grupo possuem um mesmo modelo mental sobre um evento. Os modelos mentais estão em constante transformação. Também não devemos pensar que a manipulação dos modelos mentais é muito bem arquitetada e possui um propósito bem definido de desestruturar um grupo ou movimento social. Isso pode acontecer em algum contexto, porém não é uma condição de existência.

Por um lado existe o caráter pessoal e singular da criação discursiva, ou seja, a produção e a compreensão individuais sempre serão singulares e irrepetíveis. Porém, por outro lado, há também o fato inegável de existirem compreensões similares sobre um mesmo assunto ou evento. E é essa a ideia de modelo mental defendida por van Dijk, a de que ao mesmo tempo em que se trata de uma categoria do indivíduo, ela é também parte de uma realidade sócio-cultural. Em síntese, “os modelos mentais de eventos ou situações comunicativas (modelos de contexto) são a interface necessária entre o social, o compartilhado e o geral, bem como o pessoal, o singular e o específico no discurso e na comunicação” (VAN DIJK, 2008, p. 247).

Ao se manipular os discursos, manipulam-se também os modelos mentais, o que cria representações sociais compartilhadas por grupos de pessoas e pode influenciar o modo como essas pessoas agem e se posicionam diante de várias situações durante um período de tempo relativamente longo, uma vez que as informações da memória de longo prazo permanecem na mente por mais tempo. Nesse sentido, van Dijk afirma que “a manipulação se centrará

geralmente na cognição social e, conseqüentemente, em grupos de pessoas, e não em indivíduos e seus modelos mentais particulares” (2008, p. 247).

4.2.4 Os gêneros do discurso e a construção da verdade

No capítulo Os gêneros do discurso, da obra *Estética da criação verbal* (2003), Bakhtin desenvolve a categoria de gênero no campo dos estudos discursivos. Opondo-se aos estudos de gênero que vinham sendo desenvolvido até o momento, o autor russo propõe uma abordagem totalmente nova no que diz respeito a gênero discursivo. A teoria literária e alguns campos da linguística tratavam gênero como categorias estáticas, ou seja, tipos de textos que eram divididos em grupos que tinham traços em comum. Nas palavras do autor:

[...] a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se – e mais que tudo – os gêneros literários. Mas da Antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte da sua especificidade artístico literária, nas distinções diferenciais entre eles [...] e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos, mas têm com estes uma natureza *verbal* (linguística) comum. Quase não se levava em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos (2003, p. 262 e 263).

O que havia então era uma pluralidade dentro dos estudos de gênero que acabava por trazer muitos enfoques diferentes e uma nomenclatura muito heterogênea e, às vezes, prejudicial às investigações. Bakhtin então propõe um novo olhar sobre a questão dos gêneros. Para o autor, deve-se desviar o foco de categorias rígidas e olhar para os tipos de enunciados recorrentes dentro de cada discurso, pois os gêneros são definidos por essas recorrências enunciativas que vão desde a réplica monolexêmica em uma conversa do dia a dia até um romance composto por vários volumes. Citando Bakhtin novamente: “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (2003, p. 262).

Portanto, os enunciados são individuais, uma vez que são produzidos por um sujeito, porém são determinados por fatores sociais, já que esse sujeito ocupa um lugar social e fala de um lugar específico. Isso faz com que o sujeito enunciator produza enunciados de acordo com os valores que ele defende. É importante ressaltar que não se pode reduzir esse traço a um mero determinismo social, porém os sujeitos fazem parte de grupos e isso influencia nos

discursos que produzem, dependendo do contexto da enunciação o enunciador faz opção (mesmo que inconsciente) por certos gêneros discursivos em vez de outros.

Bakhtin não categoriza os gêneros, não atribui nomes e classificações a eles, porque isso seria excessivamente extenso e mesmo assim não seria suficiente nem prático para um estudo dos gêneros; isso se deve ao fato de os gêneros serem extremamente variados e pode haver o surgimento de novos, além da intersecção de diferentes gêneros entre si. A distinção que o autor faz é entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos).

Os gêneros primários são formados nas condições da comunicação discursiva imediata e, por sua vez, podem formar os secundários, que “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]” (2003, p. 263). É importante dizer que os gêneros secundários são ideológicos.

Configuram um gênero alguns traços distintivos específicos, que são o conteúdo temático, construção composicional e estilo. O conteúdo temático não deve ser confundido com tema ou assunto específico, mas sim como um todo significativo do qual se ocupa um gênero. Dentro de um mesmo conteúdo temático podem surgir vários assuntos diferentes. A construção composicional é o modo de organizar o texto em relação à sua estrutura. E o estilo é formado por escolhas lexicais, construções sintáticas, uso de primeira ou de terceira pessoa, voz passiva, enfim, é o modo de construir o texto do ponto de vista dos recursos linguísticos utilizados pelo enunciador para atingir um determinado enunciatário que é alvo de ser discurso e que responderá a ele.

Com base na teoria bakhtiniana, é possível afirmar que os gêneros dos textos analisados neste trabalho são secundários, isto é, são gêneros complexos e ideológicos. Apesar de o autor não listar categorias de gêneros discursivos, podemos enquadrar os textos do nosso corpus em alguns gêneros específicos.

A maior parte dos textos enquadra-se no gênero notícia ou reportagem (Anexos B, D, E, F, G, H, I, J e K), já que narram o caso do assassinato de Johni ou outro incidente. Além desse, há também o gênero resenha (Anexo A). Esses dois grupos estão dentro da esfera jornalística e têm algumas particularidades que os distinguem. Conseguimos diferenciar esses diferentes gêneros da esfera jornalística justamente pelo diálogo que existe entre eles, ou seja, pelas suas semelhanças e diferenças.

A resenha é um artigo de opinião sobre uma obra artística. Nela, o enunciador faz sua apreciação sobre a obra e comenta de forma mais pessoal do que no gênero notícia, por exemplo, gênero em que a imparcialidade é mais valorizada. No único caso se resenha que

temos neste trabalho o enunciador tece comentários não apenas sobre uma obra artística, como também sobre o próprio movimento punk.

A notícia é um gênero jornalístico que busca narrar um evento acontecido no passado com a pretensão de informar o enunciatário. Segundo van Dijk (1986),

readers recognize news reports as such, and are able to distinguish them from other discourse genres, including those in the same newspaper, such as the comics, the weather report or the advertisements. This implicit knowledge is based on repeated personal experiences, as well as on socially shared categorizations (p.159 e 160).⁹

Como dissemos, a notícia é reconhecida dentro de um jornal como um gênero distinto, talvez um dos mais utilizados pelos enunciadores. Apesar de os textos do gênero notícia não terem uma estrutura necessariamente bem definida, é possível percebermos recorrências e traços gerais presentes nas notícias. Nesse sentido, os jornalistas noticiam fatos que “realmente ocorreram”, e os leitores, embora não tenham como verificar diretamente a veracidade de tais relatos, confiam que o discurso jornalístico os mantém em contato com a realidade do mundo e do seu tempo.

Ao nos depararmos com textos jornalísticos, é preciso ter em mente que a informação fornecida pelo jornal é, antes de tudo, um fato discursivo, e não uma mera reprodução de acontecimentos e opiniões. Ele não fala a respeito do mundo, mas procede à construção da realidade no texto e através do texto.

O texto jornalístico como detentor da verdade é um tema já discutido e superado dentro da área do jornalismo. Não se tem mais a visão do jornal como uma entidade que simplesmente narra a realidade tal como ela é. Essa discussão, porém, nem sempre chega aos enunciatários do discurso jornalístico. Portanto, os periódicos podem ter essa imagem em alguns contextos.

O jornalista que escreve uma notícia geralmente se utiliza de algumas estruturas temáticas. Entende-se que estruturas temáticas são a organização geral de tópicos globais da notícia, ou seja, a estrutura temática se refere à estrutura do conteúdo de uma notícia. Já o que van Dijk (1985) chama de *schemata* à forma geral do gênero discursivo, como por exemplo, a posição e o tamanho da manchete, as estruturas sintáticas utilizadas, entre outras.

⁹ Leitores também reconhecem notícias e são capazes de as distinguirem de outros gêneros de discurso, incluindo aqueles no mesmo jornal, tais como os quadrinhos, a previsão do tempo ou a publicidade. Esse conhecimento implícito é baseado nas experiências pessoais repetidas, assim como em categorizações socialmente compartilhadas. (tradução nossa)

We assume that also news discourse has such a conventional schema, a news schema, in which the overall topics or global content may be inserted. In other words, schematic superstructures organize thematic macrostructures, much in the same way as the syntax of a sentence organizes the meaning of a sentence. (VAN DIJK, 1985, p. 69).¹⁰

As notícias que analisamos aqui, portanto, têm uma estrutura de forma e conteúdo similar. Possuem geralmente estruturas sintáticas similares, utilizam mais orações afirmativas para abordar o tema central, possuem manchetes posicionadas no centro e com fontes em tamanho grande. E todas elas abordam eventos passados sobre o movimento punk, geralmente eventos que envolvem algum tipo de violência. Vejamos algumas das manchetes e suas similaridades: "Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano" (Anexo B), "Punk encenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead" (Anexo F), "Batalha de gangues acaba com um morto e outro ferido em Pinheiros" (Anexo J). Além de estarem em posições estratégicas em relação ao texto e de estarem grafadas com fontes em tamanho grande, essas manchetes possuem uma estrutura de forma e conteúdo similar. Todas elas são afirmações e trazem o principal tópico que será abordado no texto, fazendo com que o primeiro contato do enunciatário com o texto seja impactante, dado o tema relacionado à violência. Além disso, todas as manchetes sugerem que o enunciador tem um comprometimento com a verdade, pois elas são o anúncio do texto que aborda um fato que realmente aconteceu, sendo o jornalista o seu veículo.

Com essa idéia de que o texto jornalístico diz a verdade, o jornal, como veículo de comunicação de massa, acaba configurando-se em um instrumento de enorme poder de formação ideológica, sendo capaz de manter opiniões ou impor novas. O leitor tem a certeza de que o enunciador-jornalista sabe o que diz, pois crê que este detém o conhecimento e, portanto, pode falar. Essa crença acaba permitindo a produção de “realidades”, ou melhor, de efeitos de verdade nos discursos, o que acaba possibilitando um jogo de forças direcionado à tentativa de fazer o leitor crer numa determinada opinião ou posição ideológica daquele que transmite a notícia. Nessa perspectiva, o ato comunicativo tem como finalidade última não informar, mas sim persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado, constituindo-se em uma estratégia de manipulação com o objetivo de fazer o enunciatário crer no que se transmite. Essa atitude de se apresentar como verdadeiro e confiável assegura a sobrevivência do jornal, afinal, por se tratar de um produto comercial, o jornal depende da venda.

¹⁰ Afirmamos que o discurso das notícias também tem um esquema convencional, um esquema de notícia, no qual tópicos gerais ou conteúdos globais podem ser inseridos. Em outras palavras, superestruturas esquemáticas organizam macroestruturas temáticas, da mesma forma que a sintaxe de uma sentença organiza o sentido dela. (tradução nossa).

Com o uso desses mecanismos discursivos que criam um efeito de verdade, o texto jornalístico consegue, em sua pluralidade, o seu objetivo persuasivo. Nesse contexto, a credibilidade do leitor no jornal de sua preferência é requisito básico para que se estabeleça um “contrato”, para que se instaure entre enunciador e enunciatário uma relação de cumplicidade e confiança. Esse contrato, entretanto, não é fundamentado em um acordo explícito, mas sim revelado através de “marcas” que se fazem presentes no discurso e de uma série de expectativas mutuamente partilhadas que influenciam a produção e o consumo do texto jornalístico. Assim, “dizer a verdade”, “separar fatos de opiniões”, “ter uma organização coerente”, “mostrar a realidade”, “ter um ar ponderado”, “ser empático” são aspectos fundamentais no contrato entre o jornal e seu público.

Para a persuasão ou, em alguns casos, manipulação do jornal funcionar, é necessário que, além de se mostrar comprometido com a realidade, o jornal atraia um público que compartilhe do seu sistema de valores. Sendo assim, existe uma colaboração entre texto e leitor, em que, no processo de comunicação, o texto define o público e o público define o texto, ou seja, se constroem e constroem juntos o objeto jornal. Na enunciação do jornal, o enunciador projeta no texto, além da representação de si mesmo, uma representação do seu interlocutor, de modo que este se reconheça no texto e se produzam os efeitos desejados da identificação, da empatia, da persuasão e do consumo. A eficácia do discurso, logo, está intimamente vinculada às imagens do enunciador e do enunciatário criadas discursivamente.

Por fim, lembremos que as escolhas lexicais destacadas em nossas análises não se tratam de lexias isoladas de seu contexto, elas devem ser entendidas com base nos gêneros discursivos escolhidos pelos enunciadadores para veicular seus textos.

4.2.5 O quadrado ideológico

Como dissemos anteriormente, as estratégias e estruturas discursivas por si só não são manipuladoras. Uma mesma estratégia pode ser utilizada em uma situação de manipulação e em uma situação de informação. Porém algumas estruturas são mais eficientes no sentido de manipular um discurso do que outras. Analisemos aqui as principais estratégias que serão levadas em consideração nas análises de textos deste trabalho, as polarizações discursivas. Para dar conta de analisar o modo como certos discursos são construídos de forma polarizada, van Dijk propôs uma ferramenta de análise chamada quadrado ideológico.

As noções de ideologia e manipulação aqui desenvolvidas são fundamentais para o entendimento do quadrado ideológico. Ao longo de suas pesquisas, van Dijk notou uma certa

recorrência no modo de estruturação textual, principalmente em seus trabalhos sobre o discurso racista e acerca de minorias (2005).

O pesquisador notou que a construção discursiva se dava de modo polarizado e chamou os atores que participam dessa dinâmica comunicativa de endogrupo (grupo que enuncia o discurso, também chamado teoricamente de *Nós*) e exogrupo (grupo sobre o qual se fala no discurso, o objeto, também teoricamente chamado de *Eles*); ele percebeu a recorrência de uma estratégia argumentativa que ressalta aspectos positivos do endogrupo e negativos do exogrupo. Trata-se de uma estratégia discursiva amplamente utilizada e pode dar indícios de como determinados grupos agem para exercer poder sobre outro, defender seus interesses e manter sua posição inabalada.

Baseado nessa estratégia, van Dijk (2005) formulou um esquema que resume a argumentação dos textos e chamou-o de “quadrado ideológico”, que se fundamenta em quatro diretrizes norteadoras do discurso:

Enfatizar aspectos positivos do *Nós*

Enfatizar aspectos negativos do *Eles*

Minimizar aspectos negativos do *Nós*

Minimizar aspectos positivos do *Eles*

Segundo o autor, esse modelo pode ser aplicado à análise de todos os níveis estruturais do discurso. No discurso ideológico, o quadrado se torna útil para revelar certos aspectos da luta pelo poder na construção de uma argumentação sobre determinado tema.

Utilizaremos, como base teórico-metodológica, principalmente as escolhas lexicais polarizadas. Porém a polarização discursiva, nesses casos de manipulação, se dá em outras estruturas, como por exemplo, sintaxe, semântica, figuras retóricas (como hipérboles *versus* eufemismos), expressões sonoras e visuais (volume alto/baixo; fontes grandes/pequenas; fotografias etc.).

Por fim, defendemos que

a estratégia global do discurso manipulador é se concentrar, discursivamente, nas características cognitivas e sociais do receptor, as quais o tornam mais vulnerável e menos resistente à manipulação e as quais também o tornam uma vítima mais crédula para aceitar crenças e fazer coisas que ele, de outra forma, não faria (VAN DIJK, 2008, p. 257).

Os integrantes do movimento punk argumentam que a mídia é responsável pela construção de uma imagem unilateral (negativa) de sua manifestação cultural. A recorrência dos fatos de violência envolvendo o movimento punk mostrados na mídia pode ser uma pista para entender a construção de um modelo mental sobre esses indivíduos e esse movimento. É com o pensamento aqui desenvolvido e com as ferramentas aqui apresentadas que partimos para as análises dos textos selecionados.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

6.1 Apresentação

A composição do corpus deste trabalho passou por algumas etapas metodológicas, conforme foi descrito na introdução. Nossa intenção inicial era fazer uma análise de discurso midiático sobre o punk brasileiro no período de ascensão e queda desse movimento na década de 1980. Isso se mostrou inviável com o passar do tempo, pois descobrimos que encontrar notícias da época sobre o punk é uma tarefa árdua e que requer um tempo que não tínhamos. Portanto, o material que coletamos dessa época serviu como uma base comparativa para os textos atuais que analisaremos aqui. Esses textos antigos foram incorporados às análises de modo a entender como a mídia vem abordando o punk em seu discurso de um ponto de vista histórico. Usamos, para isso, um total de 3 textos que tratam da fase inicial do punk em São Paulo.

Foi necessário, como recurso metodológico, um recorte de espaço e tempo. Nossa intenção sempre foi analisar o discurso midiático a respeito do punk para traçarmos um perfil genérico de movimento e indivíduo que esse discurso constrói. Então o primeiro procedimento foi fazer uma busca detalhada sobre textos, que tratam do punk, publicados pela grande mídia. A melhor e mais eficiente forma que encontramos para fazer isso foi por meio da internet, com exceção do material antigo, que foi obtido no acervo do jornal Folha de S. Paulo.

Nos sites dos periódicos com que trabalhamos é possível realizar buscas por palavras-chave. A primeira busca feita em todos os sites (folha.com, globo.com, veja.abril.com.br, veja.sp.abril.com.br diariosp.com.br) foi pelo termo “punk”. A partir dessa busca eliminamos aquilo que não estava relacionado ao tema de fato e ficamos com textos que realmente falavam sobre o movimento punk. Neles percebemos um tema recorrente: o constante interesse desses periódicos por noticiar a violência desse grupo.

Sendo esse o maior interesse dentro do grupo de periódicos com os quais optamos por trabalhar, prosseguimos para um novo recorte para que ficássemos com um grupo de textos menor, porém com uma temática mais específica. Foi escolhido, então, o caso do assassinato de Johni Raoni Falcão Galanciak, um jovem punk assassinado por um grupo de skinheads neonazistas, inimigos históricos e ideológicos dos punks. O incidente aconteceu no dia 3 de novembro de 2011 e teve uma grande repercussão, se pensarmos no alcance que as notícias sobre esse movimento têm. Houve reportagens em periódicos de grande circulação e em

programas de televisão em rede nacional, como o Fantástico, da Rede Globo. Parte dessas notícias sobre o caso serviu como elo para se falar sobre o punk como um todo, fator determinante na escolha desse caso para delimitar nosso corpus.

A escolha dos textos a serem analisados neste trabalho foi feita de acordo com os seguintes cuidados: escolher textos que tratassem do caso e do movimento punk como um todo e desprezar aqueles textos compostos apenas por notas curtas e textos repetidos com pequenas atualizações.

6.2. Análises

6.2.1 Textos da Revista Veja

6.2.1.1 Coisas nossas: favelas, buracos nas ruas, miséria – e agora o punk (Anexo A)

Tabela 1 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 1 da Revista Veja)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Veja	1			Cultivar a agressão, a violência e o autoflagelo;		Rola no chão para ficar bem imundo e sai para a rua com cara de cruel; Adora o lixo e o podre, é pessimista e prega a decadência; Só terá sucesso se cuspir no público e receber de volta – claro – uma enxurrada de cusparadas;	A música e a filosofia punk foram execradas pela sociedade britânica; Exotismo; Moda maltrapilha; Contradição; Nonsense; Absurdo total; Deboche tropical; Uma grande contradição; Moda importada; Não contribuiu em nada dentro da agitada história do rock; Pobres; Marginalizados; Disparate; Multidão de desocupados;

O primeiro texto a ser analisado foi publicado em 21 de junho de 1978 com o título de “Coisas nossas: favelas, buracos nas ruas, miséria – e agora o punk”.

Começamos analisando as ocorrências no campo da violência e seus subcampos. Esse texto não trata de um episódio violento, mas apenas fala sobre a criação e lançamento de uma obra audiovisual chamada *O punk na república dos tupiniquins* de Marco Antônio de Lacerda e Nem de Tal. A notícia do lançamento serve como elo para abordar a chegada do punk no

Brasil. Na época pouco se sabia ainda sobre a cultura punk e o enunciador registra suas impressões. Encontramos uma ocorrência de *lexia* no campo da violência, situada no subcampo da agressividade/agressão: “Mais autêntica, uma pessoa punk *deve* cultivar a agressão, a violência e o autoflagelo.” (itálico nosso). O que se pode notar aí é que o enunciador diz como deve ser a atitude de uma autêntica pessoa punk, ou seja, ela necessariamente deve estar ligada a violência, o uso do verbo *deve* é uma forma de naturalizar essa característica desse movimento, como se fosse intrínseca a ele.

O enunciador trabalha mais na caracterização do indivíduo e do grupo punk nesse texto. Vemos, por meio das *lexias* destacadas, que a caracterização não é positiva. Muito pelo contrário, ela está ligada à escatologia e falta de habilidades artísticas. “Rola no chão para ficar bem imundo e sai para a rua com cara de cruel”, “Adora o lixo e o podre, é pessimista e prega a decadência” e “Só terá sucesso se cuspir no público e receber de volta – claro – uma enxurrada de cusparadas” são exemplos de *lexias* complexas que caracterizam o indivíduo punk como uma pessoa sem muita higiene, educação, respeito e habilidades artísticas, já que a performance musical não depende necessariamente da arte, mas apenas de cuspes, segundo informa o texto. Em momento algum essas informações são comprovadas pelo enunciador do texto, não há uma entrevista com um punk ou mesmo a constatação por meio de uma experiência empírica, as informações são apenas colocadas sem esse cuidado, o que induz negativamente a construção de um estereótipo negativo.

A mesma caracterização negativa é direcionada ao punk como grupo. O enunciador afirma que o punk no Brasil não passa de uma imitação do europeu, uma “moda importada” e não encontra lugar na cultura brasileira: “punk no Brasil é contradição, nonsense, absurdo total”, diz também que “não há lugar para semelhante disparate na cultura brasileira”. Apesar dessas afirmações, o enunciador diz que o punk não precisava ser importado, pois é parte natural do Brasil, o que constrói uma contradição de argumentos no texto: “importamos o punk da Europa mesmo já o tendo em nosso dia-a-dia. Nossa vida é punk, nossa música é punk, nossa poesia é punk, são punk nossas ruas, nossa cidade, o próprio sistema em que vivemos”. Assumindo que o punk é caracterizado de forma negativa em todo o texto, o enunciador afirma, dessa forma, que os aspectos ressaltados na *lexia* acima são de baixa qualidade, isto é, a vida no Brasil, bem como a música, a poesia etc. são ruins, uma realidade incômoda.

O punk é também associado ao ócio, ou seja, segundo o enunciador, “se na Inglaterra o punk é o rock dos desempregados, aqui é o samba da multidão de desocupados”. O que percebemos na *lexia* destacada é o desprezo pelo movimento punk enquanto manifestação

cultural. Notemos que os punks ingleses são colocados como “desempregados”, já os brasileiros são “desocupados”.

A importância cultural do punk é nula, segundo o enunciador, já que “na verdade, como movimento musical, o punk não contribuiu em nada dentro da agitada história do rock”.

Por último ressaltamos algumas informações sobre os Sex Pistols (uma das primeiras bandas punks da Inglaterra) que são fornecidas sem o cuidado de estarem corretas: “Tudo começou com Sid, um inglês de 20 anos que, em 1975, resolveu emendar sua calça com 200 alfinetes de fraldas. Foi o primeiro passo para a formação do conjunto Sex Pistols, os Pistolas Sexuais onde Sid é o guitarrista”. Tudo indica que estejam falando de Sid Vicious, um integrante da banda, porém as informações não condizem com a realidade. Os Sex Pistols se formaram em 1975 e Sid Vicious, além de não ser guitarrista (entrou posteriormente como baixista), não era da formação inicial da banda, sendo, portanto, impossível ser o responsável pelo surgimento da banda e muito menos do punk. Sid Vicious entrou após 2 anos de existência da banda, que já tinha destaque. O que se nota no trecho acima é um descaso por parte do enunciador no que diz respeito ao fornecimento de informações sobre o assunto.

6.2.1.2 Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano (Anexo B)

Tabela 2 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 2 da Revista Veja)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		Preconceito	Crime	Agressividade/Agressão	Guerra		
Veículo midiático							
Veja	2	Ódio; homofóbica; racismo; racistas; neonazista/s	Matar/ado/and o; vítima; assassinato/ado ; facção/ões ; crime/s; morte/s	Gangue/s; depredar/ção; briga/r; confusão; lutas de rua; Bater/endo ; espancar/mento; esfaqueado/aram; chutes; pancadaria; facada/s; ferido	Ataque; guerra; armas; batalha	Subversivo; revoltado; psicopata; armado	Imbecilidade; covardes; nenhum estofo intelectual; violentos; delinquentes; baderneiros; estúpidos; perigo; arruaceiros; armados; tatuagem/ns

O texto da revista Veja São Paulo, com o título de “Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano”, é de 2007 e trata da ação violenta de grupos urbanos, entre eles punks e skinheads. Trata-se de uma matéria de grande destaque, que foi capa da revista na ocasião. A proposta do texto é identificar, qualificar e mostrar a ação de grupos urbanos que atuam na grande São Paulo.

Na capa da revista (Anexo C), vemos uma imagem de uma pessoa de costas que seria integrante de um desses grupos com uma tatuagem inserida através um programa de edição de imagens por computador. Na tatuagem podemos ler: “selvagens e covardes”. A seguir vemos o texto logo abaixo: “só neste ano seis pessoas foram assassinadas por punks, skinheads e outras gangues de brutamontes que se organizam para brigar e até matar”. A princípio temos uma caracterização física da indumentária de um suposto integrante desses grupos, uma pessoa forte e tatuada. A imagem apoiada no texto mostra que esses grupos são extremamente violentos, pois são assassinos e se organizam com a finalidade de brigar e até matar, o que é comprovado pela lexia destacada, “[...] que se organizam para brigar e até matar”. A conjunção subordinativa “para” dá a ideia de finalidade neste caso e ajuda na construção de toda a lexia.

O primeiro campo semântico é o da violência com seus devidos subcampos. Na lexia: “Uns pregam o anti-semitismo, outros, o patriotismo, e há os que nutrem ódio por nordestinos, negros, gays...” vemos uma generalização dos grupos, aí o enunciador identifica-os como sendo grupos que defendem ideais preconceituosos contra várias minorias.

Identificamos também lexias que remetem ao crime, o que pode ser constatado em passagens como: “quando um deles se mete em confusão, é fichado”. Além disso, temos a repetição de lexias como “facção”, “assassinato” e “morte” que são utilizadas tipicamente quando se tratam de crimes em um texto. Dessa forma, a associação entre crimes e grupos urbanos vai se construindo ao longo do texto, e o punk aos poucos vai sendo caracterizado como um grupo que é sempre alvo da polícia, por exemplo.

Ainda dentro do grande campo da violência, notamos a recorrência da agressividade quando se fala sobre determinadas situações. Podemos constatar isso em lexias como: “uma das doze gangues que atuam na cidade e que volta e meia protagonizam episódios covardes e de extrema violência”. Podemos notar que a imagem do grupo vai sendo moldada como um grupo agressivo, de atitudes violentas e covardes. Uma espécie de estética do medo é construída acerca desses indivíduos. A utilização exaustiva do termo “gangue” para se referir a eles colabora para a construção dessa imagem. Gangue é um termo que serve para caracterizar organizações criminosas e quadrilhas em geral ou então um grupo de pessoas geralmente jovens com disposições agressivas (cf. HOUAISS, 2012). Notamos também a recorrência de lexias que remetem a agressões físicas, como foi destacado na tabela acima. Podemos constatar o mesmo em: “O punk Johni Galanciak, de 21 anos, foi detido em outubro de 2006 (foto) ao tentar jogar ovos no governador José Serra”. Portanto não é somente a agressividade do grupo que é narrada, mas também casos de agressões físicas praticadas por integrantes dele.

A temática da guerra também foi observada no texto: “Está havendo um tipo de guerra entre essas tribos urbanas depois que mataram o líder de uma das facções”. Notamos que há a construção de uma oposição entre grupos de punks e skinheads, porém ao mesmo tempo o enunciador acaba por colocá-los no mesmo patamar, o de grupos urbanos agressivos, cuja única finalidade é promover a violência.

O texto “Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano”, selecionado da revista *Veja* São Paulo caracteriza o indivíduo punk de um modo bastante negativo, utilizando termos pejorativos para se referir a ele e ao grupo de um modo geral, como podemos observar em: “dentro delas [cabeças], nenhum estofo intelectual para serem representantes, como costumam pregar, de qualquer corrente ideológica que seja, mas imbecilidade suficiente para

sair por aí depredando, batendo e até matando”. Vemos no trecho destacado que a imagem que começa a ser construída está ligada ao comportamento e ao ideário do grupo. O comportamento do grupo é violento e agressivo, como já vimos em outras passagens. Já o ideário mostra-se pouco consistente e poderíamos dizer que é alvo de referências ofensivas por parte do enunciador.

No trecho que segue, temos:

"Gosto de beber, conhecer novos punks, brigar e agitar muito. Sou um cara subversivo e tento de alguma forma destruir esse sistema", diz o estudante Johni Raoni Falcão Galanciak, 21 anos, em sua página no site de relacionamentos Orkut. "Por isso, tomem cuidado."

Aí notamos a utilização da voz do próprio integrante do movimento justificando aquilo que foi enunciado anteriormente. Ao final do trecho em destaque temos a voz de Johni sendo utilizada pelo próprio enunciador numa espécie de discurso indireto livre. Apesar de ser uma fala de um punk, o posicionamento da frase cria um efeito de sentido peculiar em que se confundem as vozes do indivíduo e do enunciador do texto. Mais uma vez o comportamento violento é destacado, dessa vez através da fala em primeira pessoa.

Ressaltamos aqui outra passagem em que a descrição dos indivíduos que compõem esse grupo é feita de modo depreciativo: “trata-se [sic] de baderneiros violentos e estúpidos o suficiente para representar um perigo à solta”. Observamos aqui o comportamento agressivo, perigoso e ameaçador e o tom ofensivo nas escolhas do enunciador do texto.

6.2.1.3 Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas (Anexo D)

Tabela 3 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 3 da Revista Veja)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Veja	3	(Neo)nazista/s; Intolerância	Vítima; assassinato; sequestrado; matando;	Morreu/morte; Gangue/s; Briga/s/r; Luta; Confusões; Violência; (vítimas) Feridas; Traumatismo craniano; Internado na UTI; Esfaqueado; Pancadaria; Ferimentos; Espancamento	Confronto; Novos ataques; Guerra	Comportado; Com cabelo moicano; Tatuagem; Três cicatrizes; Valentia; Dócil; Sorridente; Amável; Encrencas; Exorcizado	Selvageria; Inimigos; Agressores; Sem nenhum estofo intelectual; Imbecis; Depredando;

No texto “Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas” da revista Veja São Paulo, a violência também surge como um campo semântico ao longo de todo o discurso. Já no título vemos que ela constitui um campo semântico de destaque no texto: “Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas”. Novamente vemos a caracterização dos grupos como gangues, o termo selvageria remete também a uma qualificação negativa, pois esse aspecto foi responsável pela morte do indivíduo mencionado.

No subcampo do preconceito, notamos que o enunciador se utiliza de lexias para caracterizar grupos urbanos sem deixar claro quais são preconceituosos, como se pode observar em: “a maioria desses imbecis [...] mal conhece as teorias racistas que defende”. Isso gera uma dúvida no enunciatário, pois alguém que não conhece esses grupos urbanos é levado a entender que todos eles são racistas.

A agressividade vem exemplificada em lexias como: “a maioria desses imbecis que saem por aí depredando, batendo e até matando”. Além da caracterização negativa, sobre a qual ainda falaremos, há neste trecho a ênfase à agressividade do grupo urbano, seja do grupo punk

ou do skinhead. A agressão em um nível pessoal também é colocada no texto pelo enunciador, como em: “acusado de ter participado do espancamento de um líder neonazista”. Mais uma vez o medo acaba emergindo do texto através dessas escolhas lexicais do enunciador, ao enfatizar traços de agressividade e de agressões físicas por parte dos integrantes de grupos punks, uma imagem ameaçadora vai se moldando no discurso.

E neste texto também a guerra faz parte do universo linguístico/discursivo. Podemos notar uma linguagem típica desse campo semântico: “O confronto deixou como saldo várias vítimas feridas”. Narra-se um confronto em que o saldo são vítimas feridas, como numa batalha de uma guerra. A fim de justificar essa guerra entre os grupos, o enunciador dá voz ao pai de Johni, utilizando sua fala em primeira pessoa: “indica que essa guerra está longe de acabar”; a voz do membro da família é um modo de validar a posição assumida pelo enunciador, a de que esses grupos estão em guerra de fato, uma vez que essa informação é confirmada até pelo pai da vítima.

No início do texto “Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas” é possível observar a caracterização do indivíduo segundo seu comportamento e indumentária. Duas fotos de Johni são mostradas uma ao lado da outra. À esquerda vemos o punk bastante jovem e sorrindo, sem nenhuma característica punk visualmente falando; à direita vemos o mesmo indivíduo um pouco mais velho, com uma expressão facial bem diferente da primeira, com uma indumentária própria do punk e dentro de um camburão. O texto visual mais a legenda da imagem nos dão pistas de como é moldada a imagem desse indivíduo ao longo do texto. Na legenda, lemos: “A transformação de Johni: visual comportado na entrada da adolescência e com o cabelo moicano no momento em que era preso, em 2006”. De um visual “comportado” para um visual punk constrói-se uma imagem de um indivíduo que ao assumir uma identidade na juventude, tornou-se violento e agressivo, inclusive sendo preso por atirar ovos no ex-governador José Serra. Temos também uma oposição bem marcada entre “visual comportado” X “com cabelo moicano no momento em que era preso”.

Outras características físicas são utilizadas para identificar o visual punk e associá-lo com a violência: “No cabeleireiro, ele raspou as laterais da cabeça para deixar expostos alguns de seus maiores orgulhos: uma tatuagem com o símbolo dos anarquistas e três cicatrizes, herança de brigas do passado”. O enunciador faz escolhas lexicais no discurso de modo a vincular indumentária ao comportamento violento.

Diferentemente dos demais textos, neste o enunciador chama atenção para o fato de o jovem punk ser diagnosticado com transtorno bipolar, associando essa condição à sua entrada no movimento punk. Observemos a sequência destacada:

Diagnosticado com transtorno bipolar, passou a ser medicado com um arsenal de remédios para controlar a doença. O problema o fez perder uma namorada, tentar o suicídio por mais de uma vez e esquecer os planos universitários e profissionais, já que o coquetel administrado era composto de drogas cujos efeitos colaterais incluíam uma sonolência implacável. Nos últimos tempos, tomava cinco remédios por dia. [...] Ao mesmo tempo em que caminhava pela difícil jornada do tratamento, Johni mergulhou de cabeça no universo punk. [...] Ao entrar nesse mundo, começaram a surgir os desafetos e as brigas que empurraram o rapaz a um redemoinho de confusões.

O percurso feito pelo enunciador nos trechos acima mostram uma condição de portador de um transtorno bipolar que dificultava a vida do rapaz, a entrada no universo punk e as confusões advindas desse processo, sequência que nos sugere que a complicação da saúde mental mais o movimento punk levaram-no a tornar-se agressivo, fato que é afirmado pelo uso das imagens das quais falamos anteriormente. O quadro geral de sua vida é mostrado e o discurso sugere que sua morte violenta veio como uma consequência de seu transtorno bipolar associado à entrada no movimento punk.

6.2.2 Texto do portal Globo.com: ‘Ele achou no movimento uma forma de se manifestar’, diz mãe de punk morto (Anexo E)

Tabela 4 – lexias organizadas por campos semânticos (texto do Portal Globo.com)

Campos semânticos	Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
	<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático						
Globo	(neo)Nazismo /ista	Morto; morrer/u; Assassinado; Vítima; Crime	Briga; Facadas; Esfaquear/ado; Agredido; Atacado; Atingido	Conflito; Guerra; Trincheiras ; Combate; De um lado/do outro	Medo; Tatuagens	Grupo radical; Ideologia radical; Anarquistas; Tatuagens

Vejamos agora como se dá o surgimento do tema da violência no texto do portal globo.com, “Ele achou no movimento forma de se manifestar', diz mãe de punk morto”. Neste texto vemos a construção de uma imagem violenta de várias formas, o tema do preconceito aparece associado ao da guerra no seguinte trecho: “De um lado, estão os punks e os skinheads que são contrários à intolerância. Do outro, os skinheads que defendem o nazismo”. O enunciador coloca em lados opostos dois grupos que ele diz estarem em “trincheiras opostas de um combate que vem crescendo também nas redes sociais da internet”. A utilização dessas lexias auxilia no aparecimento de uma imagem ameaçadora desses indivíduos e grupos.

O subcampo da agressão e a agressividade aparecem em: “A gente está correndo um risco permanente de ser agredido, de ser atacado”. Neste trecho há a utilização da voz de um dos integrantes do grupo punk como um modo de confirmar através dela que esse grupo situa-se sempre em um meio violento. Esse fato confirma-se em: “o amigo dele levou cerca de 20 facadas nas costas e no peito e morreu a caminho do hospital”.

A partir dessas escolhas a imagem vai se construindo de um modo negativo, pois o grupo é mostrado como violento, agressivo, uma vez que alguns de seus integrantes são criminosos e assassinos.

No texto “‘Ele achou no movimento forma de se manifestar’, diz mãe de punk morto” do portal Globo.com, o enunciador relata o caso do assassinato de Johni Raoni e caracteriza os grupos envolvidos no caso, punks e skinheads. Embora o enunciador afirme o antagonismo existente entre esses dois grupos, ele também diz que “é comum que os integrantes mudem de um grupo para outro ou troquem completamente de lado [...] As tatuagens mostram claramente a mudança. A tinta mais fraca, já antiga, marcou a palavra punk. Nas novas marcas estão símbolos nazistas”. Nos trechos selecionados observamos que o enunciador constrói o ideário desses grupos. Sendo comum mudar de grupo ou “trocar completamente de lado”, é possível afirmar que se tratam de grupos que não possuem um ideário muito sólido e os integrantes não sabem muito bem o que defendem.

Também existe a recorrência à identificação desses grupos pela aparência, a tatuagem, neste caso. Como em outros textos, a tatuagem é mostrada como um elemento de conexão entre eles.

Ao final do texto há uma explicação para alguns segmentos desses grupos urbanos, inclusive o punk: “Os punks são anarquistas, contra qualquer tipo de autoridade e também repudiam o preconceito”. Em seguida, no parágrafo seguinte, lemos: “Não adianta a gente achar que tem um lado bom e um lado ruim. As pessoas, quando se envolvem nesse tipo de gangue, estão em risco”. Trata-se da fala da delegada responsável pelo caso. Observamos aí que a explicação dada pelo enunciador é apenas para diferenciar esses segmentos. A fala da delegada em seguida elimina a possibilidade de que um movimento como o punk possa ser considerado algo positivo, pois, segundo ela, não há um lado bom e um lado ruim, todas as pessoas envolvidas estão em risco.

6.2.3 Texto do Diário de S. Paulo: Punk encrenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead (Anexo F)

Tabela 5 – lexias organizadas por campos semânticos (texto do Diário de S. Paulo)

Campos semânticos	Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
	<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático						
Diário de S. Paulo	Ódio	Morte/morto; Assassinato/adô; Facção/ões; Crimes	Briga/s/r; Gangue/s; Espancado; Agressão/ões; Internado na UTI	Confronto;	Encrenqueiro; Violento; Ódio; Gostava de bater e de beber; Subversivo; Tatuado	Agressores; Violentas; Ódio; Grupos rivais; Ritual

O campo semântico da violência encontra-se presente também no texto veiculado pelo jornal Diário de S. Paulo. Podemos constatar isso já no título do texto: “Punk encrenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead”. A manchete sintetiza a violência que existe entre os dois grupos nela citados. Notamos que a mídia constrói e dá forças para essa imagem de rivalidade entre duas tribos urbanas.

O preconceito e a agressividade aparecem também em: “uma das gangues de jovens mais violentas que age em São Paulo pregando ódio”. Observa-se aí a descrição de um grupo violento, agressivo e preconceituoso (gangue que prega o ódio).

Observamos também a criminalidade atribuída ao grupo e ao indivíduo em “Em sua ficha criminal constam desde envolvimento em agressões até suspeita de assassinato” e em “Johni foi morto por gangues de skinheads, durante briga envolvendo mais de duzentas pessoas”. Como nos outros textos, o crime aparece ligado às práticas do grupo punk, pois sendo um grupo que se constitui a partir da diferença ideológica com outros, existem conflitos que culminam em violência física.

Ainda no título: “Punk encrenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead”. O adjetivo utilizado para qualificar a vítima (“encrenqueiro”) é pejorativo e é reafirmado na chamada da manchete: “Johni Galanciak era velho conhecido da polícia. Ele já se envolveu em brigas, agressão ao ex-governador Serra e assassinato”. A manchete e a chamada situam o

jovem em um ambiente de violência e crimes, sendo chamado de “velho conhecido da polícia”. No início do texto percebemos a construção da imagem de um indivíduo agressivo e perigoso.

Mais uma vez podemos observar o comportamento agressivo na imagem escolhida para ilustrar o caso. Essa imagem, inclusive, é a mesma utilizada pela revista *Veja* São Paulo, a de Johni dentro de um camburão. Na legenda podemos ler: “em outubro de 2006 Johni foi detido por atirar ovos no ex-governador José Serra durante um comício. O ódio era nítido em seu rosto”. A expressão facial do jovem é interpretada como um ódio nítido. A descrição do rapaz continua seguindo a mesma lógica da violência e agressividade.

Além da foto de 2006, o enunciador utiliza também a auto-descrição contida no perfil de uma rede pessoal de Johni na mesma época: “Gosto de beber, conhecer novos punks, brigar e agitar muito. Sou um cara subversivo e tento, de alguma forma, destruir esse sistema. Por isso, tomem cuidado”. A opção por utilizar essa fala em primeira pessoa é um modo que o enunciador encontrou de incorporar a voz do rapaz no texto, mesmo depois de ter sido assassinado. Utilizar a voz do próprio rapaz é uma maneira de dar suporte a tudo o que foi dito sobre ele ser violento e agressivo; isentando, até certo ponto, as afirmações da própria instituição que enuncia.

6.2.4 Textos do Grupo Folha

6.2.4.1 A ameaça punk (Anexo G)

Tabela 6 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 1 da Folha de S. Paulo)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Grupo Folha	1	Suástica nazista	Tiro(s); Sacaram revólveres e começaram a atirar; Atira na cabeça; Primeira Delegacia; Acabam matando alguém; Depor (depoimento); Escolta da polícia do exército; Escrivão de polícia; Delegado; Carro policial; Investigadores;	Atacou; Lutas; As correntes passavam de adorno a armas; Correntada(s); Pancada; Briga(s); Machadada na cabeça; Apanhado; Atacaram a correntadas e socos; Aleijado; Feridos; Massacrando; Violência pela violência	Travavam violentas lutas; Inimigos; Guerra declarada		Ameaça; Moda; Culto à promiscuidade física e social; Originais; Revoltados; Exalta o sujo, o podre, o grotesco; Sujo; Drogados; Barulho; Sujeira; Grotesco; Imitação;

O primeiro texto do Grupo Folha a ser analisado foi publicado em 7 de junho de 1979 com o título “A ameaça punk”. Vamos começar abordando as lexias do campo semântico da violência. Dentro do subcampo preconceito, encontramos uma lexia apenas, porém ela é um indicativo do que viria a acontecer no futuro. Isto é, a mídia já naquela época associava o punk ao neonazismo: “o líder, chamado Juvenal, soldado do Exército, servindo em Quintaúna, usa calças com a suástica nazista desenhada”. É fato que o uso de suásticas era razoavelmente comum no início do movimento punk. Esse elemento foi incorporado á cultura punk por Malcom McLaren, empresário dos Sex Pistols e estilista. McLaren desenhava as roupas dos integrantes dos Sex Pistols e como a banda foi montada com o propósito de chocar a

sociedade e a opinião pública, uma das formas que encontraram para isso foi incluindo suásticas á sua indumentária. O uso desse adereço se tornou famoso e chegou a outros países, incluindo o Brasil, porém a intenção era puramente o choque, não havia nenhuma ligação com ideais nazistas. O uso de elementos nazistas na moda ocorreu não só na cultura punk, mas também em outros contextos, essa prática é conhecida como “nazi-chic” no mundo da moda. Com a ascensão dos grupos de extrema-direita dentro da cultura skinhead e o fortalecimento do neonazismo na Europa, os punks abandonaram o uso de adereços que remetam ao nazismo. Apesar de isso ser comum na época em que o texto foi escrito, a mídia, de modo geral, ainda nos dias de hoje não faz uma distinção muito clara entre punks e grupos neonazistas.

O subcampo do crime reúne várias lexias, por se tratar de uma reportagem que aborda brigas de diferentes grupos punks. O texto retrata a fase inicial do movimento, período que, segundo os próprios punks, havia muitas brigas e quando ainda se organizavam em gangues. Esse subcampo também é bastante importante para entendermos como a mídia historicamente vem associando as gangues ao universo punk, mesmo que essa prática de se organizar em gangue tenha sido abandonada ainda no início da década de 1980.

As lexias destacadas nos mostram que o punk está associado ao perigo, isto é, como o próprio título diz, trata-se de uma “ameaça” aos demais cidadãos. As lexias reforçam a ideia de que os punks são criminosos: “sacaram revólveres e começaram a atirar. O Alemão, da turma do Marrom, e Carlinhos apontou o revólver para a sua cabeça”. Vemos que há semelhanças com outro relato qualquer sobre confronto de gangues rivais. “Na noite seguinte, o delegado lotou seis carros policiais com investigadores e um comissário de menores e foi ao Sbroc [clube onde aconteciam eventos punks]”: mais uma vez, notamos que o punk é considerado um caso de polícia, perigoso, portanto há a necessidade do uso de força policial para lidar com ele.

Dentro do subcampo agressão/agressividade, vemos que a construção de uma imagem de perigo em torno do punk em relação às suas práticas: “nas lutas, as correntes passavam de adorno a armas”; “a filosofia dos Punks do Terror é simplesmente a violência pela violência”. Nas lexias destacadas vemos a agressividade desse grupo ser ressaltada. Segundo a voz de autoridade presente no texto, polícia, a violência é algo inerente ao punk, isto é, é parte integrante dele, por isso a polícia e a população devem estar sempre atentas.

Uma recorrência nesses textos analisados é o uso da temática da guerra para abordar os conflitos envolvendo os punks. Isso reforça a noção de que é um movimento que resolve seus problemas mais por meio do confronto físico e menos por meio do debate de ideias.

No campo de caracterização do grupo percebemos, assim como no primeiro texto da Revista Veja, que o punk é ligado à escatologia e à falta de habilidade artística. Na legenda das imagens do texto “A ameaça punk”, temos o seguinte: “A moda punk – culto à promiscuidade física e social – chega a São Paulo numa de suas variações mais típicas (ainda que plagiada): a violência”. Na lexia destacada vemos desde o início que, segundo o enunciador, o punk se estabeleceu em São Paulo como um grupo violento e que, além disso, é uma cópia de algo do exterior, uma argumentação semelhante ao que encontramos no primeiro texto da Revista Veja. O enunciador afirma também que os punks “usam roupas sujas” e exaltam “o sujo o podre e o grotesco”, mostrando que a preocupação é mais com a aparência e com a sujeira do que com a consolidação de um movimento artístico propriamente.

Esse caráter violento, agressivo, grotesco e ameaçador construído por meio das lexias que destacamos é reforçado pela composição de imagens que se encontra no meio da página logo abaixo do título em caixa alta. Vemos uma série de armas brancas, como machado indígena, correntes, canivete, pessoas que supostamente integram o movimento punk e adereços diversos, como pulseiras e jaqueta de couro com rebites. Abaixo da imagem temos a legenda que diz que o punk é uma moda que cultua a escatologia e a violência.

6.2.4.2 Festa dos punks termina com prisões (Anexo H)

Tabela 7 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 2 da Folha de S. Paulo)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Grupo Folha	2	Símbolos nazistas	Prisões; Polícia militar; Dezenas de punks estavam sendo detidos; Distrito policial; Fichados; Juizado de menores; Intervenção policial; Presas; Reforço policial; Viaturas; Tropa de choque	Pancadaria; Bombas de efeito moral; Cassetetes; Pedras e garrafas foram jogadas; Banheiros quebrados; Depredação de materiais do Sesc Pompéia; Brigas;			Jovens que tumultuaram o ambiente; Fenômeno gerado nas periferias e subúrbios; Criativo com tão poucos recursos;

O segundo texto foi publicado no jornal Folha de S. Paulo em 29 de novembro de 1982 com o título de “Festa dos punks termina com prisões”. O texto trata do incidente acontecido no segundo dia do festival *O Começo do Fim do Mundo*, organizado pelos punks de São Paulo a fim de promover uma união entre grupos da capital e do ABC paulista, já que existiam divergências entre esses grupos de punks.

Mais uma vez, no subcampo preconceito, vemos a imagem do punk associada à do neonazismo. Nesses primeiros textos essa associação era mais contida, mas presente. Como dissemos anteriormente, o uso de suásticas e elementos que remetem ao nazismo alemão era usado no início do punk para chocar a opinião pública, mas nos próximos textos analisados veremos que mesmo que os punks já tenham abandonado essa prática, a mídia insiste em aproximar punks e grupos neonazistas.

Apesar de o texto não narrar um crime propriamente dito, encontramos lexias que foram colocadas nesse subcampo. Assim como ocorreu em outros casos, o enunciador coloca o punk

como caso de polícia: “a intervenção policial começou às 16h10, com a invasão do local onde se apresentavam 20 grupos de música punk”, “os policiais levaram sete pessoas presas”. Percebemos que o relato é de um grupo que representa algum tipo de perigo à sociedade, tendo de ser levados pela polícia. Apesar de essa imagem ser construída a partir das lexias que destacamos, vale dizer que nesse texto aparece uma voz contrária. O jornalista Luciano Borges assistia à apresentação e apresenta seu relato sobre o caso: “muitos dos punks são garotos com menos de quinze anos, que precisam de diálogo. Além disso, aparatos [policiais] assim já estão fora de moda”. O jornalista se manifesta no texto dizendo que a força policial utilizada foi desnecessária e equivocada.

Dentro do subcampo da agressividade/agressão destacamos algumas lexias, como o trecho de abertura do texto: “prisões, **pancadaria**, e protestos”, “houve incidentes (banheiros quebrados, depredação de materiais do Sesc-Pompéia e brigas)”. Nota-se aí que o comportamento agressivo ganha destaque no texto por meio das escolhas lexicais do enunciador. O foco não é a manifestação cultural promovida pelo festival organizado pelos punks, mas sim as atitudes violentas.

Como grupo, o punk é caracterizado como baderneiro, desorganizado, porém criativo mesmo tendo poucos recursos, de acordo com as lexias usadas pelo enunciador. Na lexia “assim terminou ontem o 1º Festival Punk, com a presença de jovens, que ‘tumularam o ambiente’ segundo os moradores que solicitaram a presença da Polícia Militar”, vemos a estratégia de ceder voz a uma terceira pessoa que não é o enunciador para legitimar o discurso e dar veracidade à informação. O fato de “tumularam o ambiente” aparecer entre aspas e ser um enunciado dos moradores (não se sabe quem exatamente) mostra que é uma fala que simula não ser do enunciador da matéria, ainda que o enunciador a tenha escolhido para compor seu texto.

6.2.4.3 Jovem é espancado em novo ataque de punks (Anexo I)

Tabela 8 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 3 da Folha de S. Paulo)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Grupo Folha	3	Assassinado em junho após sair de um restaurante com colegas que participaram da parada gay	Preso/s/as; PM; indiciados por tentativa de homicídio; apreendeu; carceragem; acusados de matar	Espancado, ataque de punks, vítima; cirurgia de reconstrução facial; rapaz agredido foi escolhido a esmo; espancado a socos e pontapés; lesões na cabeça e na região cervical e fraturas na face; internado; cirurgião de reconstrução da face; ataque ao adolescente; encontrado por PMs caído na rua e descalço; agressão; “chegaram batendo, só isso que posso dizer”; agredido; atingido por socos e pontapés; “ele está bem machucado. Os agressores foram cruéis e optaram por machucar o rosto”; agressão; trauma; passará por avaliações neurológicas; morto; mortos a facadas; briga entre punks; quatro pessoas foram mortas a facadas por pessoas que se identificaram como punks; assassinado		Têm ocupação; são estudantes; têm empregos fixos; mora em bairros da classe média baixa	

O texto do jornal Folha de S. Paulo publicado em 22 de outubro de 2007 tem o título “Jovem é espancado em novo ataque de punks”. A manchete aparece no topo da página seguida pelo subtítulo: “nove pessoas foram presas, entre eles [sic], dois menores de idade; a vítima terá de passar por cirurgia de reconstrução facial”. A partir do primeiro contato com o texto, o leitor é exposto a um quadro de violência associada ao movimento punk.

O que chama atenção nesse texto é o uso exagerado de lexias dentro do campo semântico da violência. Parte disso ocorre pelo fato de a notícia narrar um episódio realmente violento de agressão física. Porém notamos que as escolhas lexicais são utilizadas de modo exaustivo, de modo a detalhar as ações do grupo de punks. Sobre isso, van Dijk afirma que: “em muitos discursos públicos na Europa, e especificamente, na imprensa conservadora, podem-se encontrar muitos detalhes sobre o desvio e os crimes das minorias, porém muito poucos detalhes sobre as formas de racismo às quais são submetidas” (2000, p. 47). Apesar de o autor falar do contexto europeu e do racismo contra as minorias que lá estão, esse trecho é bastante ilustrativo sobre o caso aqui estudado. O enunciador assume que esse é um crime que merece o nível de detalhamento que vemos e isso contribui para tornar o texto bastante carregado em relação às ações violentas.

Quando vemos a repetição de “cirurgia de reconstrução da face”, tem-se a imagem de que foi um crime brutal e por um motivo banal. O rapaz (vítima), segundo a própria polícia (voz de autoridade no texto) “foi escolhido a esmo” e, segundo um amigo que estava com a vítima no momento da agressão, os punks “chegaram batendo. Só isso que posso dizer”. Ou seja, além da violência extrema, o grupo de punks pratica essa violência sem motivo algum, o que intensifica o grau de periculosidade dessas pessoas. Aparece também no texto outra voz de autoridade, porém agora da área da saúde, para dar um parecer sobre o ataque: “ele está bem machucado. Os agressores foram cruéis e optaram por machucar o rosto”. E após todo o processo médico, a vítima “passará por novas avaliações neurológicas”.

Após a narração do crime e de suas consequências para a vítima, o enunciador caracteriza o grupo de punks, autor do crime, nele está Johni Raoni Falcão Galanciak. Segundo o enunciador, “todos os presos têm ocupação: quatro são estudantes e cinco têm empregos fixos [...] a maioria mora em bairros da classe média baixa”. Em alguns textos, como este, notamos a importância de se descrever os personagens da narrativa quanto a sua ocupação, posição na sociedade e classe social. Essa descrição é associada ao perfil violento do grupo ou do indivíduo. Neste caso específico vemos que o destaque do fato de pertencerem a classe média baixa é importante para o enunciador, já que ele escolhe trazer essas informações ao enunciatário.

O texto é concluído com outros casos de violência praticada por grupos de punks. Inclusive casos ideologicamente paradoxais, como por exemplo, o crime contra pessoas que participaram da Parada Gay. Além do texto escrito, há também o uso do texto visual. Uma fotografia de dois supostos autores do crime é colocada ao lado direito do texto com a seguinte legenda: “policial observa jovens acusados de espancar rapaz em SP”.

Esse é mais um caso da construção da estética do medo em relação aos punks. Além da associação à violência por motivos banais, à criminalidade e à delinquência no texto escrito, essas características são reforçadas pela imagem de jovens em uma delegacia sendo observados por um policial. O jovem mais à frente está com uma indumentária típica do punk, sendo essa uma forma de estimular o campo visual, ou seja, o leitor associa a violência descrita no texto com aquele tipo de aparência física.

6.2.4.4 Batalha de gangues acaba com um morto e outro ferido em Pinheiros (Anexo J)

Tabela 9 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 4 da Folha de S. Paulo)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
Grupo Folha	4	Explosão de uma bomba na parada gay	Preso; sob suspeita; investiga; detidos/as; delegacia; boletim de ocorrência; acusado; absolvido; condenado por formação de quadrilha; suspeita de lesão corporal	Gangue/s; morto; ferido/s; briga generalizada; assassinado a facadas; estado grave; briga; morreu; várias facadas no corpo e pauladas na cabeça; agredir; facada na nuca; atacados; bombas de efeito moral; carro depredado; estado gravíssimo; desfigurar; briga de rua; espancados; esfaqueados; vítima; ferimentos	Batalha; confronto;	Transtorno bipolar	

Este texto da Folha de S. Paulo trata da briga entre punks e skinheads, caso que levou à morte de Johni. O título do texto, assim como o anterior, marca a violência que acompanha o movimento punk: “Batalha de gangues acaba com um morto e outro ferido em Pinheiros”. Já no título vemos que a violência surge dentro da temática da guerra (batalha) entre dois diferentes grupos (gangues): punks e skinheads. O resultado dessa guerra é, além do combate entre os dois grupos, um morto e um ferido.

Além da narração do caso do assassinato, o que obviamente traz uma forte presença do campo semântico da violência, como é possível verificar na tabela acima, chamamos a atenção para a confusão criada nesse texto. O enunciador faz uma distinção entre punks, skinheads neonazistas e skinheads não nazistas: “punks se reuniram com skinheads não

nazistas – grupo contrário a neonazistas, estes intolerantes a gays negros e punks”. Quando esses grupos são assunto de notícias na grande mídia, não se explica a origem histórica e a razão de ser de cada um deles. O que ocorre geralmente é uma confusão entre punks, skinheads e grupos neonazistas diversos. Sabemos que a história desses grupos é complexa e por vezes se mistura e que ainda isso não seria facilmente explicado e esclarecido em uma notícia de jornal. Porém a confusão e a falta de informação dessas notícias, inclusive desta que analisamos neste momento, contribui para que o enunciatório crie imagens que não necessariamente correspondem à realidade.

Quando o enunciador expõe esses grupos no texto sem uma contextualização minimamente explicativa, o leitor fica sem referencial. O que se tem é apenas aquela (falta de) informação contida no texto, pois os grupos são caracterizados como gangues violentas que “protagonizaram briga generalizada”. A lexia “gangaue” já implica em grupo violento, e as descrições do conflito e das agressões reforçam essa ideia. O seguinte trecho ilustra bem a confusão que é feita entre esses grupos e como a falta de informação sobre eles pode levar a conclusões equivocadas: “oito pessoas envolvidas no confronto foram detidas – algumas tatuagens em referência ao nazismo. Levados à delegacia acabaram liberados”. O enunciador chama a atenção para o fato de pessoas envolvidas terem sido detidas, porém o trecho que segue essa informação é confuso, pois não se sabe de quem são as “tatuagens em referência ao nazismo”. Dessa forma o enunciatório que não conhece punks ou grupos neonazistas é levado a crer que ambos os grupos podem ser adeptos do pensamento nazista. Essa confusão é ainda mais reforçada quando outros veículos de informação, ao falarem sobre este mesmo caso do assassinato de Johni, afirmam que os integrantes dos dois grupos migram de um para o outro e que essa atitude é relativamente comum nesse meio.

Ao lado direito da fotografia que compõe o texto, há outro texto menor que também faz parte da notícia e que se refere especificamente à personalidade de Johni e utiliza a voz da mãe do rapaz para construir sua argumentação. Johni sofria de transtorno bipolar, fato que também é ressaltado no texto da *Veja SP* sobre o caso. A voz da mãe aparece de modo a negar a natureza violenta do filho, porém aí há um contraste com o tom dado pelo enunciador. Enquanto há um discurso de defesa por parte da mãe, vemos que o enunciador o contradiz isso dando informações que dizem justamente o contrário.

Por exemplo, a mãe diz: “meu filho gostava de som punk, foi influenciado pelo pai, que inclusive ia a shows com ele”; “segundo ela, Galanciak não era ligado a gangues”. Voz do enunciador: “em 2007 o jovem foi acusado de agredir e desfigurar o skinhead Guilherme Witiuk Carvalho, 17”. Vemos que o confronto dessas duas vozes é desigual, pois à medida

que uma mãe tem uma imagem de protetora do filho, portanto defendê-lo-ia naturalmente, o enunciador, jornalista, tem uma imagem de profissional que está ali para narrar os fatos. Isto é, as informações do jornalista profissional contradizem as da mãe e são teoricamente imparciais, se considerarmos um leitor leigo que não tem conhecimentos de processos de comunicação discursiva. Uma conclusão a que se pode chegar é que Johni era violento e participava de um grupo com as mesmas características. Fato esse que é também comprovado pela imagem que se encontra ao meio do texto, a de um skinhead caído no chão com uma poça de sangue próxima à sua cabeça. A temática da guerra fica, assim, mais clara e mais visual, como se o garoto caído fosse uma das vítimas de uma guerra urbana.

6.2.4.5 Tensão nas ruas (Anexo K)

Tabela 10 – lexias organizadas por campos semânticos (texto 5 da Folha de S. Paulo)

Campos semânticos		Violência				Caracterização do indivíduo	Caracterização do grupo
		<u>Preconceito</u>	<u>Crime</u>	<u>Agressividade/Agressão</u>	<u>Guerra</u>		
Veículo midiático							
	5	Declarações homofóbicas; “não é só aqui. Há um ressurgimento do neonazismo no mundo”; os ataques se dividem entre os homofóbicos e as brigas de gangues; neonazistas; ataques a gays	Delegada; inquérito policial; depoimentos; indiciado; preso; suspeito; condenação; prisão; investiga	Conflitos entre punks e skinheads; gangues; conflito; morto/e/reu; os ânimos estão mais acirrados entre as gangues; conflito; esfaqueado; agredir; briga; o clima é tenso nas ruas e nas redes sociais; a revanche é iminente; se vingar; vítimas; agressores; brigas de gangues	Confronto; ataques	Quem ousa agir sozinho ganha reconhecimento	A relação entre os grupos está mais tensa; jovens entre 16 e 28 anos, com ensino médio e fundamental e das classes C e D; por vezes até migram entre os grupos

O último texto a ser analisado foi publicado na Revista São Paulo, publicação da Folha de S. Paulo, na semana de 2 a 8 de outubro de 2011. Essa reportagem faz um balanço dos conflitos físicos envolvendo grupos urbanos a partir do caso do assassinato de Johni.

O título “Tensão nas ruas” escrito em caixa alta, com realce em vermelho e com uma imagem de uma pichação neonazista ao fundo mostra o teor do texto. O medo mais uma vez é um elemento presente a partir das escolhas lexicais levantadas e expostas na tabela e enfatizado com as escolhas pictográficas. O subtítulo do texto demonstra que ele tem a intenção de ser educativo no sentido de informar a população desavisada dos perigos que esses grupos podem representar: “delegada associa aumento de conflitos entre punks e skinheads a declarações homofóbicas de deputado; saiba quem são e onde agem as gangues”. “Delegada” é uma lexia que remete ao campo da autoridade no campo criminológico, isto é, essa autoridade ocupa uma posição social que legitima seu discurso. O fato de ser uma

autoridade no assunto traz certa confiabilidade naquilo que é dito. Portanto, a partir dessa premissa, o enunciador pretende educar o enunciatário de modo que ele fique ciente das características dessas “gangles”.

Nesse texto a ênfase é em relação ao punk e outros grupos relacionados a ele serem relacionados à criminalidade: “o inquérito policial sobre o conflito, no qual o punk Johni Galanciak, 25, morreu esfaqueado, chega a seis volumes com cerca de 1200 páginas e depoimentos de 120 pessoas”. As informações, inclusive as numéricas, conferem certa gravidade relacionada ao caso do assassinato e, conseqüentemente, da ação desses grupos. Não se trata apenas de brigas entre grupos de amigos, mas sim de “gangles” com características criminosas e que é uma preocupação da polícia, pois o caso possui um longo inquérito com um alto número de depoimentos.

Na segunda página, mais uma vez as escolhas lexicais criam um clima de medo nas ruas: “Para a polícia, a revanche é iminente. 'Já estão pensando em se vingar da morte de Johni [...]”.

O medo e a criminalidade se tornam ainda mais reforçados na reportagem quando analisamos o texto visual que se encontra nela. Podemos ver uma espécie de mapeamento do perigo. Há um tipo de mapa na segunda página e acima dele lemos “onde costumam ocorrer os ataques”. Mostram-se então os locais de maior perigo, são eles: Rua Rodolfo Miranda (Hangar 110), Rua 24 de Maio (Galeria do Rock), Rua Bela Cintra, Rua Hadock Lobo, Rua Augusta e Avenida Paulista. Consta na parte inferior direita do mapa que essas informações são do Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância). Abaixo do mapa encontram-se os pontos de encontro, os destinos e os modos e horários de ataques desses grupos.

Assim como no texto anterior, neste também há uma confusão quanto ao ideal desses grupos urbanos. O enunciador não faz uma distinção clara entre um e outro e tem-se a impressão de que todos são violentos, homofóbicos e se organizam em gangles. A falta de preocupação em aprofundar o discurso com informações sobre as particularidades de cada um contribui para a criação de estereótipos negativos.

6.3 Campos semânticos dos textos analisados

Abaixo estão as lexias de todos os textos agrupadas segundo os campos semânticos encontrados a fim de fornecermos uma informação mais unificada e visual para posteriormente fazermos a apreciação crítica desses dados.

Preconceito	Símbolos nazistas
	Ódio
	Homofóbicas
	(Neo)Nazista
	ataques a gays
	“não é só aqui. Há um ressurgimento do neonazismo no mundo”
	Declarações homofóbicas
	Assassinado em junho após sair de um restaurante com colegas que participaram da parada gay
	Explosão de uma bomba na parada gay
	Racista
	Intolerância
	Suástica nazista

Crime

Matar

Vítima

Assassinato

Facção

Crime

Morte

Sequestrado

Morto

Tiros

Sacaram revólveres e começaram a atirar

Atira na cabeça

Primeira delegacia

Depor (depoimento)

Escrivão de polícia

Escolta da polícia do exército

Delegado

Carro policial

Investigadores

Prisões

Dezenas de punks estavam sendo detidos

Fichados

Juizado de menores

Presas

Reforço Policial

Viaturas

Tropa de choque

Indiciados por tentativa de homicídio

Apreendeu

Carceragem

Acusados de matar

Sob suspeita

Boletim de ocorrência

Absolvido

Acusado por formação de quadrilha

Agressividade/agressão

Cultivar a agressão, a violência e o autoflagelo
 Gangue/s
 depredar/ção
 briga/r
 confusão
 lutas de rua
 Bater/endo
 espancar/mento
 esfaqueado/aram
 chutes
 pancadaria
 facada/s
 ferido
 Morreu/morte
 Luta
 Confusões
 Violência
 (vítimas) Feridas
 Traumatismo craniano
 Internado na UTI
 Agredido
 Atacado
 Atingido
 As correntes passavam de adorno a armas
 Correntada(s)
 Machadada na cabeça
 Apanhado
 Atacaram a correntadas e socos
 Aleijado
 Massacrando
 Violência pela violência
 Bombas de efeito moral
 Cassetetes
 Pedras e garrafas foram jogadas
 Banheiros quebrados
 Depredação de materiais do Sesc Pompéia
 ataque de punks
 cirurgia de reconstrução facial
 rapaz agredido foi escolhido a esmo
 lesões na cabeça e na região cervical e fraturas na face
 internado
 ataque ao adolescente
 encontrado por PMs caído na rua e descalço
 “chegaram batendo, só isso que posso dizer”
 “ele está bem machucado. Os agressores foram cruéis e optaram por machucar o rosto”
 trauma
 passará por avaliações neurológicas
 mortos a facadas
 briga entre punks
 quatro pessoas foram mortas a facadas por pessoas que se identificaram como punks
 briga generalizada
 assassinado a facadas
 estado grave
 várias facadas no corpo e pauladas na cabeça
 facada na nuca
 carro depredado
 estado gravíssimo
 desfigura
 Conflitos entre punks e skinheads
 os ânimos estão mais acirrados entre as gangues
 o clima é tenso nas ruas e nas redes sociais
 a revanche é iminente
 se vingar

Guerra

Ataque

guerra

armas

batalha

Confronto

Novos ataques

Travavam violentas lutas

Inimigos

Guerra declarada

Caracterização do indivíduo

Rola no chão para ficar bem imundo e sai para a rua com cara de cruel

Adora o lixo e o podre, é pessimista e prega a decadência

Só terá sucesso se cuspir no público e receber de volta – claro – uma enxurrada de cusparadas

Subversivo

revoltado

psicopata

armado

Comportado

Com cabelo moicano

Tatuagem

Três cicatrizes

Valentia

Dócil

Sorridente

Amável

Exorcizado

Medo

Encrenqueiro

Violento

Ódio

Gostava de bater e de beber

Têm ocupação

são estudantes

têm empregos fixos

mora em bairros da classe média baixa

Transtorno bipolar

Quem ousa agir sozinho ganha reconhecimento

Caracterização do grupo

A música e a filosofia punk foram execradas pela sociedade britânica

Exotismo

Moda maltrapilha

Contradição

Nonsense

Absurdo total

Deboche tropical

Uma grande contradição

Não contribuiu em nada dentro da agitada história do rock

Pobres

Marginalizados

Disparate

Multidão de desocupados

Imbecilidade

covardes

nenhum estofo intelectual

violentos

delinquentes

baderneiros

estúpidos

perigo

arruaceiros

armados

tatuagem

Selvageria

Inimigos

Agressores

Imbecis

Depredando

Grupo radical

Ideologia radical

Anarquistas

Violentas

Ódio

Grupos rivais

Ritual

Ameaça

Moda

Culto à promiscuidade física e social

Originais

Revoltados

Exalta o sujo, o podre, o grotesco

Drogados

Barulho

Imitação;

Jovens que tumultuaram o ambiente

Fenômeno gerado nas periferias e subúrbios

Criativo com tão poucos recursos

A relação entre os grupos está mais tensa

jovens entre 16 e 28 anos, com ensino médio e fundamental e das classes C e D

por vezes até migram entre os grupos

6.4 O léxico na perspectiva sociocognitiva da ACD

Quando van Dijk (2008) discorre sobre a manipulação, o autor toma cuidado de não dar a essa noção um tom simplista e maniqueísta. Fora do contexto teórico dos estudos discursivos, talvez quando se fala em manipulação tenha-se uma ideia de coisa maligna, arquitetada minuciosamente por um grupo ou pessoa para prejudicar ou destruir outro grupo ou pessoa. A noção de manipulação discursiva e mental proposta pelo autor, no entanto, não adquire essa ideia polarizada, uma vez que a manipulação ocorre de acordo com elementos mais dispersos e nem sempre pensados previamente por aquele que enuncia um discurso.

Como percebemos, um enunciador dificilmente reconheceria seu próprio discurso como manipulador, porém, apesar disso a manipulação existe, independente de sua vontade. Com base nesses pressupostos e no referencial teórico no qual nos apoiamos neste trabalho, podemos afirmar que os discursos que analisamos são manipulados e manipuladores, além de constroem um estereótipo.

É certo que a grande mídia têm um poder de comunicação, informação e alcance muito grande, sendo que seu discurso é visto como fonte de informação imparcial muitas vezes. Por mais que essa discussão sobre imparcialidade já esteja superada em círculos acadêmicos, isso não necessariamente é verdade para os receptores do discurso midiático. Porém, esse não é a única forma de poder exercida pela mídia. Além de ser tida como fonte confiável, a mídia tem também o poder do acesso a determinadas informações, discursos e materiais de vários tipos, aos quais os demais cidadãos não têm. O enunciatório desse discurso, então, terá como fonte única aquilo que a mídia oferece como informação verdadeira, confiável e imparcial, em muitos casos. Segundo van Dijk,

uma análise mais profunda de dominação, definida como abuso de poder, requer o acesso especial aos (ou controle sobre) recursos sociais escassos. Um desses recursos é o acesso preferencial aos meios de comunicação de massa e ao discurso público, um recurso compartilhado pelos membros das elites 'simbólicas', tais como políticos, **jornalistas**, acadêmicos, escritores, professores, e assim por diante. (2008, p. 237. Grifo nosso)

Os jornalistas, enunciadores dos discursos analisados aqui, tiveram, em sua maioria acesso a documentos, imagens, depoimentos aos quais não tivemos. Nosso contato com tais acontecimentos se dão então por meio da interpretação daqueles enunciadores.

Vimos que nos textos analisados, alguns aspectos foram explorados por todos eles, como o campo semântico da violência, explorado à exaustão com a repetição de lexias. O termo

ganguê, por exemplo, foi utilizado em um total de 37 vezes em 7 textos, perfazendo uma média de cerca de 5 repetições do termo por texto.

Vimos que o campo semântico da violência foi o mais vasto dentre todos, os subcampos, como preconceito, crime, agressão/agressividade e guerra foram as formas como esse campo apareceu nos textos. A associação entre punks e violência é o lugar comum desses textos. Com base no quadrado ideológico proposto por van Dijk (2005), já citado anteriormente, os possíveis endogrups seriam os grupos não-punks, isto é, a parcela da população que seria prejudicada por sua característica tipicamente violenta, segundo os enunciadores. Já os exogrups seriam os punks e outras tribos urbanas relacionadas a eles. Coloquemos algumas informações desses textos nessa perspectiva para ilustrarmos melhor a organização desses textos. É importante que se diga que na maioria dos casos as faces “ênfase aspectos negativos do *Eles*” e “minimizar aspectos positivos do *Eles*” do quadrado são as que aparecem com mais força nesses textos, o que acontece em razão de não haver uma unidade bem marcada de quem seria *Nós* em cada texto.

O quadrado tem dois polos: o de ênfase e o de minimização. Dessa forma, organizamos o quadrado de van Dijk nas tabelas a seguir de modo a ilustrar melhor como as escolhas lexicais são polarizadas nos textos. Colocaremos poucos exemplos em cada um dos polos para que não fiquemos repetindo informações já mencionadas, essa organização serve para mostrar como a informação é organizada nos discursos.

Tabela 11 – Lexias dentro do quadrado ideológico

		Nós (endogrupo)	Eles (exogrupo)
Veja – Texto 1	Ênfase	Não há	“Uma pessoa punk deve cultivar a agressão, a violência e o autoflagelo” (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: agressividade)
	Minimização	Não há	Não há
Veja – Texto 2	Ênfase	“Nove deles, inclusive Galanciak, já fichado na polícia, acabaram presos em seguida”. (endogrupo: polícia. Aspecto positivo: fichar e prender delinquentes)	“Os delinquentes fazem parte da Vício Punk, uma das doze gangues que atuam na cidade e que volta e meia protagonizam episódios covardes e de extrema violência” (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: covardia)
	Minimização	Não há.	“Infelizmente, há bandidos imbecis da pior espécie que vestem a bandeira do movimento punk para praticar agressões gratuitas”

			(exogrupo: punks. Aspecto positivo minimizado: reconhecimento de que há indivíduos que prejudicam o movimento) – há apenas esta única ocorrência de aspecto positivo reconhecido nos punks.
Veja – Texto 3	Ênfase	“A investigação está a cargo do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP).” (endogrupo: polícia. Aspecto positivo enfatizado: investigação do caso de assassinato)	“São jovens unidos por uma ideologia e que se reúnem muitas vezes para brigar” (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: perfil violento)
	Minimização	Não há.	“para animar o filho naquele dia, o professor de história Marcos Galanciak, 51 anos, levou-o [Johni] a um passeio até a região do Paraíso. (exogrupo: punks. Aspecto positivo minimizado: boa relação familiar.
Globo. com	Ênfase	“Não adianta a gente achar que tem um lado bom e um lado ruim. As pessoas, quando se envolvem nesse tipo de gangue, estão em risco” (endogrupo: polícia. Aspecto positivo enfatizado: alertar a população quanto ao perfil violento dos punks)	As tatuagens mostram claramente a mudança. A tinta mais fraca, já antiga, marcou a palavra punk. Nas novas marcas estão símbolos nazistas. (exogrupo: punks/skinheads. Aspecto negativo enfatizado: falta de clareza nas ideias, propensão à violência)
	Minimização	Não há.	“Em uma guerra não existem ganhadores ou perdedores, somente milhares de mortos sem nenhum propósito” (exogrupo: punks. Aspecto positivo minimizado: perfil contra a violência)
Diário de S. Paulo	Ênfase	A polícia está à procura de câmeras de circuito interno que ajudem a identificar os agressores. (endogrupo: polícia. Aspecto positivo enfatizado: zelo pela segurança da sociedade)	velho conhecido da polícia e integrante da Devastação Punk, uma das gangues de jovens mais violentas que age em São Paulo pregando ódio. (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: perfil violento e propensão ao crime)
	Minimização	Não há.	Não há
Grupo Folha – Texto 1	Ênfase	“A segurança da estação São Bento do metrô diz que lá dentro nunca sai briga. Quando os assistentes dos shows de rock começam a dançar e, para manter o ritmo, dar trombadas e pontapés nos outros, os guardas intervêm e acabam com o baile” (endogrupo: segurança pública. Aspecto positivo enfatizado: preocupação com o bem-estar geral)	“A moda punk – culto à promiscuidade física e social – chega a São Paulo numa de suas variações mais típicas (ainda que plagiada): a violência.” (exogrupo: punk. Aspecto negativo enfatizado: violência)

	Minimização	Não há	Não há
Grupo Folha – Texto 2	Ênfase	“Os policiais, contudo, queriam que os jovens permanecessem no interior do teatro para ‘garantir a segurança da vizinhança’” (endogrupo: polícia. Aspecto positivo enfatizado: zelo pela segurança pública)	“Prisões, pancadaria e protestos – assim terminou ontem o 1º Festival Punk, com a presença de jovens, que ‘tumultuaram o ambiente’”. (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: perturbação do bem-estar)
	Minimização	“O aparato policial enviado ao local era desnecessário” (Endogrupo: polícia. Aspecto negativo minimizado: violência policial)	“Entre as quase mil pessoas presentes no Sesc Pompéia, penteados e trajes exóticos, mostrando que é possível ser criativo mesmo com poucos recursos” (exogrupo: punks. Aspecto positivo minimizado: criatividade)
Grupo Folha – Texto 3	Ênfase	Não há.	Indiciados por tentativa de homicídio, formação de quadrilha e roubo. (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: criminalidade)
	Minimização	Não há.	Não há.
Grupo Folha – Texto 4	Ênfase	Dois PMs que chegaram de moto ao local foram atacados e pediram reforço. (endogrupo: polícia. Aspecto positivo enfatizado: prestação de serviços de segurança à sociedade)	Algumas tatuagens em referência ao nazismo. (exogrupo: punks/skinheads. Aspecto negativo enfatizado: neonazismo, confusão de ideias)
	Minimização	Não há.	“Meu filho gostava do som punk [...] Ele foi absolvido. Foi acusado só porque vestia uma jaqueta preta” . (exogrupo: punks. Aspecto positivo minimizado: perfil não violento, inocência).
Grupo Folha – Texto 5	Ênfase	Mapa contendo o roteiro da violência praticada por grupos urbanos. (endogrupo: polícia/jornalistas. Aspecto positivo enfatizado: alertar a população quanto aos perigos de grupos urbanos como punks).	“A revanche é iminente”. (exogrupo: punks. Aspecto negativo enfatizado: vingança, violência).
	Minimização	Não há.	“Os caras perigosos mesmo não têm ficha na polícia”. (exogrupo: skinheads. Aspecto positivo minimizado: alerta para indivíduos que representam perigo).

Na tabela acima, demos um exemplo de cada polo a fim de ilustrar melhor como as informações são dispostas no texto. Nota-se que os polos de ênfase de ambos os grupos são muito mais utilizados do que suas minimizações. A partir disso, podemos dizer que são textos

que trabalham num eixo de afirmações, ou seja, afirma-se o caráter violento de punks e skinheads, como exogrupos, e o caráter de proteção à sociedade da polícia e de jornalistas, como endogrupos. Essa polarização acaba por criar imagens negativas de grupos urbanos como os punks.

Notamos uma constante criminalização do punk como um todo, pois, segundo o discurso analisado, esse grupo está constantemente em contato com violência e crimes. Criminaliza-se o grupo, informando a aparência física, os locais frequentados, as classes sociais a que pertencem, a profissão etc. Essas características são associadas à violência própria dos grupos e todo e qualquer aspecto positivo que o punk possa vir a ter é suprimido, exceto por algumas raras passagens dos textos. Pode-se dizer que essa característica recorrente é uma manipulação da informação, e que ela prejudica os punks criando um estereótipo bastante negativo e favorece grupos com mais poder, pois “a manipulação é uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes que servem à reprodução de seu poder” (VAN DIJK, 2008, p. 237).

O que observamos é que o poder que a grande mídia detém confere a ela uma posição privilegiada. Todos os discursos podem ser manipuláveis e todos eles são controlados quanto ao seu conteúdo, seja ele um discurso de minorias, ou de grupos dominantes. O que muda, porém, é a posição de poder ocupada por um e por outro. Como já dissemos na introdução, o poder que a grande mídia tem diante do punk é incomparável.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. [...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 2011, p. 9 e 10).

Essas afirmações de Foucault nos fazem pensar sobre como o poder recai sobre os discursos e quais limitações o primeiro impõe ao último. O discurso punk, tendo muito menos poder do que a grande mídia, encontra obstáculos em um procedimento básico de sua operação na sociedade, sua divulgação. Já a grande mídia dispõe de um aparato muito mais eficiente na divulgação e perpetuação de seu discurso, porque o poder que ela possui também está presente na sua capacidade de conferir um valor de verdade ao que é dito.

O poder é exercido e expresso diretamente por meio do acesso diferenciado aos vários gêneros, conteúdos e estilos do discurso. Esse controle pode ser

analisado de modo mais sistemático nas formas de (re)produção do discurso, especificamente em termos de sua produção, matéria, articulação, distribuição e influência (VAN DIJK, 2008, p. 44 e 45).

Isto significa dizer que o discurso da mídia dispõe de mais recursos e mais liberdade para ser divulgado e produzido, de modo que a grande mídia, como parte da elite simbólica, sustenta o aparato ideológico que mantém o poder na sociedade. Essa manutenção é feita, neste caso, a partir da comunicação.

Considerando todo discurso ideológico, eles promovem uma reconstrução e ressignificação da realidade social e fazem isso de acordo com interesses de quem produz esses discursos. Desse modo, o valor de verdade do discurso da mídia associado ao seu poder de alcance torna o punk um objeto caracterizado negativamente. Isso nos remete aos modelos mentais, sobre os quais falamos anteriormente.

A partir das análises de todos os dados, chegamos a um ponto crucial: a construção de um modelo mental a respeito do punk. Qual seria, então, esse modelo? Acreditamos que é possível dizer em primeiro lugar que não se trata de um modelo positivo. Também podemos afirmar, mais especificamente, que o punk é um grupo violento, agressivo, com propensão à criminalidade, que agride sem motivos ou por motivos banais etc.

Lembremos que os modelos mentais são únicos e individuais e também crenças socialmente compartilhadas. Ou seja, é um modelo baseado na composição do processo cognitivo da memória de longo prazo, o que fixa na mente dos receptores uma imagem muitas vezes estereotipada de certo grupo ou indivíduo.

Por fim, assume-se, portanto, que um enunciatório ideal que conhece o punk por meio do discurso da grande mídia, dificilmente o compreenderá em suas variadas manifestações. Esse enunciatório terá contato com uma parte do movimento punk que não representa o todo, fato esse que contribui para a criação de um modelo mental estereotipado, de um grupo de jovens delinquentes, violentos, criminosos e preconceituosos.

CONCLUSÃO

Ao termos contato com o material antigo exposto neste trabalho, percebemos algumas semelhanças e diferenças entre o modo como a mídia representa e caracteriza o punk em seu discurso. Notamos que no período de surgimento desse movimento aqui no Brasil, o caráter de novidade conferia ao punk certo aspecto exótico. Por esse motivo alguns autores se interessaram em documentá-lo, como por exemplo, Antônio Bivar, escritor, que escreveu o livro *O que é punk* (2006) a partir de suas vivências com esse grupo na Europa e no Brasil, e Fernando Meirelles, diretor de cinema, que produziu o documentário *Garotos do subúrbio* (1983).

Além dos documentários e registros em livros que mostramos anteriormente, fizemos também um breve apanhado histórico da presença do punk na mídia. Notamos que naquele material que reunimos, o caráter de novidade também interessava os periódicos de grande circulação. Vimos que, pelo fato de as informações serem escassas, havia muita confusão dentro do próprio punk e também na relação da mídia com ele. Algumas reportagens construíram um perfil altamente escatológico sobre o punk, como a da Veja (1978) enquanto outras já chamavam atenção para a violência presente no meio punk, como a da Folha de S. Paulo (1979).

Já no grupo de textos do ano de 2011 que selecionamos, conseguimos ter acesso a um material muito mais vasto, dada a facilidade para encontrá-lo na internet. Neste grupo, então, conseguimos fazer um balanço mais acertado sobre a quantidade de textos que abordavam a violência do punk. Mais da metade deles trata de episódios violentos, o que demonstra um interesse maior em noticiar casos como este.

Tendo em vista os resultados analíticos a que chegamos, concluímos que o discurso da mídia em relação ao punk é majoritariamente afirmativo. Isto é, é um discurso que trabalha muito mais nos polos de ênfase do quadrado ideológico de van Dijk do que nos polos negativos, isso significa que se afirmam as qualidades ou ações negativas do exogrupo, no caso os punks, e afirmam-se as qualidades ou ações positivas dos endogrupos, no caso os jornalistas, a polícia ou outro que esteja em uma oposição ideológica com os punks. Podemos afirmar que houve uma preferência por parte da mídia por noticiar episódios de violência, considerando o recorte inicial do corpus. E afirmamos também que dentro desse universo da violência, o punk é estigmatizado tanto em nível individual quanto em nível coletivo.

Esse estereótipo de jovem violento, delinquente, ligado à criminalidade, agressivo etc. é resultado de processos discursivos que culminam nesse ponto. Esses processos discursivos

são relações de poder inerentes a toda dinâmica comunicacional, o que acontece nesse caso é a assimetria de poder existente entre esses dois grupos sociais: punks e grande mídia. Aí se encontra o grande problema enfrentado pelo punk nesse contexto, pois como objeto do discurso da mídia, o ele dispõe de poucos recursos para resistir a esse poder que é muito maior, van Dijk esclarece esse jogo de poder na seguinte passagem:

Muito mais óbvios e consequentes são os padrões de acesso à *mídia de massa*: quem tem acesso preferencial aos jornalistas, quem será entrevistado, citado e descrito nas reportagens jornalísticas e de quem serão as opiniões capazes de influenciar o público (2008, p. 90).

Nesse sentido, vimos que as entrevistas, citações, descrições e opiniões emitidas geralmente colocaram o movimento punk em uma posição desprivilegiada, e em momento algum fizeram questionamentos quanto à suposta natureza violenta daquele grupo. Existe um controle de conteúdo, assim como em todo discurso, porém esse controle, como percebemos nas análises, acaba sendo prejudicial para a parte mais fraca, ou seja, o punk, objeto do discurso.

Conforme mostramos, o punk é um movimento não necessariamente formado por minorias, mas em geral se coloca do lado delas, defendendo seus interesses e lutando por seus direitos. Dessa forma, é de se esperar que tenha pouco acesso a contextos comunicativos. Segundo van Dijk (2008, p. 97), as minorias raramente têm acesso a esses contextos, inclusive ao discurso da mídia de massa, acadêmicos, governamentais etc.

Uma estratégia utilizada por esses discursos é citar fontes confiáveis, como a polícia ou médicos, ou seja, pessoas integrantes de grupos que representam uma autoridade no assunto. Vimos, por exemplo, pareceres médicos sobre o estado de saúde de pessoas agredidas por punks e dados estatísticos fornecidos pela polícia.

Ainda segundo van Dijk, “a mídia vai dar atenção especial para esses resultados de pesquisas que se ajustam muito bem aos estereótipos dominantes, tais como ao das *ganges juvenis*, das drogas, do crime ou dos problemas culturais da jovem mulher imigrante” (2008, p. 101). Isto significa dizer que esses dados fornecidos por autoridades no assunto serão geralmente utilizados para dar veracidade e reforçar aquele discurso que se mostra muitas vezes discriminatório ou criador de estereótipos.

É importante que lembremos de não separar o discurso da estrutura social, pois são elementos indissociáveis, pois “o discurso é uma prática, não apenas de representação no mundo, mas de significação no mundo, constituindo e construindo o mundo em dignificado”

(FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). O discurso constrói identidades e relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Assim, o discurso da mídia de massa é eficiente em criar uma identidade agressiva ao punk, dificultando suas relações sociais com demais grupos e naturalizando crenças acerca desse grupo que não necessariamente refletem sua realidade.

Não pretendemos negar o fato de que a violência é uma parte do movimento punk. Esse caráter idealmente nasceu com esse movimento no âmbito estético, pois a estética punk é violenta no sentido de romper com outras. A música punk, por exemplo, é violenta, pois quebra com padrões rítmicos e estruturais. O posicionamento político radical também se manifesta de modo violento no discurso punk. O fator mais preocupante, porém é a violência física que acabou por se tornar uma realidade incômoda a esse grupo. Depoimentos de punks presentes no documentário *Botinada* (MOREIRA, 2004) confirmam que no início, havia muitas brigas entre os próprios punks, e muitas por motivos banais. Além disso, todos os casos citados neste trabalho são uma realidade que faz parte do universo punk em alguns contextos. O que questionamos por último aqui é a preferência da mídia por escolher noticiar muito mais esse tipo de ocorrência do que aspectos positivos desse grupo.

O punk sempre enfrentou conflitos internos. Questões ligadas ao seu amadurecimento sempre foram algo complicado de se resolver. Há, porém, vários casos em que conflitos foram resolvidos de outras formas que não a violência física. Podemos citar aqui casos em que conflitos ideológicos foram resolvidos através da arte.

Na década de 1980, por exemplo, nos Estados Unidos e na Europa, o punk passava por transformações políticas profundas. Ao mesmo tempo em que ele se tornava mais politizado e consciente, a violência nesses locais também era um problema a ser enfrentado. Se ouvirmos a canção *Chickenshit conformist* da banda californiana Dead Kennedys, vemos que os próprios punks repudiavam a transformação do punk em um mero estereótipo: “Punk's not dead / It just deserves to die / When it becomes another stale cartoon” (O punk não morreu / apenas merece morrer / quando se torna mais uma caricatura obsoleta). Citemos outro caso em que a violência, dessa vez, é criticada em outra canção punk da mesma banda: Punk ain't no religious cult / Punk means thinkin' for yourself / You ain't hardcore 'cause you spike your hair / When a jock¹¹ still lives inside your head (O punk não é um culto religioso / punk significa pensar por si mesmo / você não é hardcore por espetar o cabelo / enquanto um atleta estúpido vive na sua cabeça). Para manifestar o posicionamento contrário à primeira Guerra

¹¹ Jock é uma palavra muito específica da cultura dos Estados Unidos, ela se refere a um estudante universitário que pratica vários esportes e geralmente é conhecido por ser ignorante e abusar de sua força para praticar bullying.

do Golfo, a banda punk Bad Religion convidou o intelectual Noam Chomsky para participar de um álbum compacto chamado *New world order: war #1*. O linguista participa com o que é conhecido como *spoken word*, um gênero de discurso em que o enunciador discorre livremente, em geral, sobre um tema político, enquanto do outro lado do compacto, há duas canções de protesto da banda.

Esses são apenas alguns casos em que o punk faz sua crítica por meios não violentos. Poderíamos citar outros casos, pois essa é uma prática frequente dentro desse grupo. Além disso, se pensarmos no contexto brasileiro, podemos lembrar o caso citado sobre a crônica de Emediato publicada no jornal O Estado de S. Paulo, à qual Clemente Nascimento da banda Inocentes responde desmentindo aquelas informações exageradas presentes na crônica. Podemos ainda citar os resultados obtidos em nossa monografia, intitulada *O discurso da rebeldia: uma análise de canções punk* (MELÃO, 2008). Nela analisamos canções de 6 bandas punks brasileiras com a finalidade de compreender as particularidades do discurso punk em sua manifestação mais usual, a música. Concluímos naquele trabalho que o discurso punk se caracteriza principalmente pela rebeldia contra uma série de instituições, movimentos sociais, musicais que considera repressores ou limitadores. Vimos que os conflitos com outros grupos é muito comum na cultura punk, porém a música, sua principal ferramenta de manifestação, é o meio mais utilizado para expressar sentimentos e opiniões contrárias a de outros grupos ou instituições e até mesmo dentro do seu próprio meio.

As iniciativas coletivas organizadas por punks citadas no capítulo sobre o punk na metrópole paulista também são exemplos de como esse movimento se organiza do ponto de vista político e cultural. Apesar dos esforços desse grupo em expressar um ideal e criar uma cultura independente baseada nos valores nos quais acreditam, praticamente nada disso é objeto do discurso da mídia. A preocupação majoritária dela quando o punk ocupa o centro de sua narrativa são os episódios envolvendo violência. Esse tipo de caracterização é tanto injusto quanto perigoso. Injusto, pois, como dissemos, existe uma parcialidade, apenas um lado (o mais complicado) é mostrado ao público pela mídia de massa e perigoso, pois aquele enunciatário que tem pouco ou nenhum conhecimento desse movimento certamente o compreenderá de um modo não muito abrangente.

Acreditamos que a mídia de massa tem um compromisso em informar, porém isso nem sempre é feito de um modo eficiente. Sabemos da impossibilidade de retratar a realidade, pois discurso e poder estão intimamente ligados, não é possível construir um objeto dentro de um discurso sem que ele seja moldado, deformado, limitado etc., porém aquele que tem o discurso tem o poder de comunicar e informar, isso pode ser feito por meio da persuasão, ou

por meio da manipulação e o que percebemos aqui é que pelo menos uma parte do discurso analisado é manipulado e não tem preocupações em informar o leitor acerca daquele objeto sobre o qual se fala.

O problema que propomos analisar aqui foi a concepção do punk como objeto do discurso da mídia de massa. O estereótipo negativo alimentado por escolhas lexicais relacionadas à violência e delinquência é prejudicial ao punk enquanto movimento musical e social, pois ele acaba sendo limitado de várias formas. O potencial que esse movimento poderia ter é eliminado e permanece nos guetos e nos pequenos espaços de atuação do punk. Parte disso se deve também ao caráter desse próprio movimento se constituir dessa forma e se recusar a utilizar grandes meios de comunicação (apesar de essa ser uma questão complexa e controversa).

Talvez o pouco poder que o punk possui em relação à mídia de massa somado ao seu caráter de ostracismo faça com que a imagem concebida dele seja essa que vimos ser construída aqui para boa parte das pessoas. Talvez esse problema não seja superado tão cedo, ou talvez o punk encontre um meio de expressão que o permita se manifestar mais eficientemente, ou ainda, talvez o punk encontre um modo de fugir ainda mais do olho do poder que o mantém sob vigilância da mídia. Pode ser que o punk, em sua atitude mais característica, não se importe com esses estereótipos que a mídia lhe impõe, pode ser que ele encontre em si mesmo tudo o que precisa, um modo próprio de fazer e divulgar sua arte, sua política, seu estilo e sua filosofia de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A AMEAÇA punk. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 07 jun. 1979.

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Global, 1978.

BATALHA de gangues acaba com um morto e outro ferido em Pinheiros. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 set. 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Fundamentos do léxico. In: _____. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BOTTOMORE, Tom et al. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 183-186.

CAIAFA, Jeanice. *Movimento punk na cidade, a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COISAS nossas: favelas, buracos nas ruas – e agora o punk. **Revista Veja**. São Paulo, 21 jun. 1978.

DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

'ELE achou no movimento forma de se manifestar', diz mãe de punk morto. **G1 São Paulo**, São Paulo, 11 set. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/ele-achou-no-movimento-forma-de-se-manifestar-diz-mae-de-punk-morto.html>. Acesso em: 25 nov. 2011.

EMEDIATO, Luiz Fernando. *Geração abandonada*. São Paulo: EMW, 1982.

ESSINGER, Sílvio. *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001a.

FESTA dos punks termina com prisões. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 29 nov. 1982.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

GUIMARÃES, Arthur. Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas. **Veja São Paulo**, São Paulo, 14 set. 2011. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2234/crimes-gangues-paulistanas>. Acesso em: 25 nov. 2011.

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Loyola, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

JOVEM é espancado em novo ataque de punks. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 out. 2007.

KRISTEVA, Julia Word. Dialogue and novel. In: *Moi, T. (ed) the Kristeva reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986a.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1979.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. Crítica da filosofia do direito de Hegel. MARX, Karl. In: MARX, Karl e outros. *Temas de Ciências Humanas*. Vol. 2. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 2.

MELÃO, César Augusto. *O discurso da rebeldia: uma análise de letras de canções punk*. Monografia (Graduação em Letras) – Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Orientador: José Gaston Hilgert. São Paulo, 2008.

_____. O discurso da rebeldia: uma análise de um texto punk. Estudos Semióticos. [online] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 86–93. Acesso em 13/12/2011.

MOREIRA, Gastão. *Botinada – A origem do punk no Brasil*. Produção de Gastão Moreira. São Paulo: ST2, 2006. DVD (110 min.): DVD 5 NTSC, son., color.

O'HARA, Craig. *A filosofia do punk – mais do que barulho*. São Paulo: Radical Livros, 1992.

OLIVA, Daigo e Mondini, Mateus. *Fodido e xerocado, por favor, olhe para mim*. São Paulo: Augusta Edições, 2007.

OLIVEIRA, Vantiê Clínio C. de. *O movimento anarco-punk*. Natal: editor Vantiê Clínio Carvalho de Oliveira, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica á afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert e PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

_____. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Éditions Klincksieck, 1985.

PUNK encenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead. **Diário de S. Paulo**, São Paulo, 04 set. 2011. Disponível em: http://www.diariosp.com.br/_conteudo/2011/09/133475-punk+encenqueiro+e+espancado+ate+a+morte+por+grupo+skinhead.html. Acesso em: 25 nov. 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Measure for measure*. Oregon: University of Oregon, 1999.

_____. *Medida por medida*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SINKER, Daniel. *Não devemos nada a você*. São Paulo: Edições Ideal, 2008.

SOUZA, Bruna Mantese de. Straight-edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na Metrópole, etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

_____. *O século da canção*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

TEIXEIRA, Regiane. *Tensão nas ruas*. **Revista São Paulo**. São Paulo, 2 a 8 out. 2011.

TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras, 2005.

_____. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Ideology and discourse*. Catalunya, 2000. Disponível em: <<http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Ideology%20and%20discourse.pdf>>.

Acesso em: 22 abril 2010.

_____. Structures of news in the press. In: _____. *Discourse and Communication*. Berlin: De Gruyter, 1985, p. 69-93.

_____. News schemata. In: *Corpus linguistics and beyond*. Amsterdam: Rodopi, 1987.

VEIGA, Edison, et. al. Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano. **Veja São Paulo**, São Paulo, 30 out. 2007. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2032/acao-das-gangues-ja-provocaram-morte-seis-pessoas-este-ano>. Acesso em: 25 nov. 2011.

ZIMA, P. Les mécanismes discursifs de l'idéologie. *Revue de L'Institute de Sociologie (Solvay)*, 4.

ANEXOS

ANEXO A

Música

Coisas nossas

Favelas, buracos nas ruas, miséria — e agora o punk

Punk pode ser aquele que faz buracos nas calças, remenda a camisa novinha com milhões de alfinetes, rola no chão para ficar bem imundo e sai para a rua com uma cara cruel. Mas punk também pode ser aquele que adora o lixo e o podre, é pessimista e prega a decadência. Mais autêntica, uma pessoa punk deve cultivar a agressão, a violência e o autoflagelo. Um cantor punk, por exemplo, só terá sucesso se cuspir no público e receber de volta — claro — uma enxurrada de cusparadas. Na Inglaterra, onde nasceram, a música e a filosofia punk foram execradas pela seriedade britânica. O resto do mundo virou-lhe as costas e adotou, no máximo, o exotismo de sua moda maltrapilha. O Brasil deu risadas. Também pudera, o que é que esse tal de punk tem que o Brasil não tem?

Certamente foi essa a pergunta que o jornalista Marco Antônio de Lacerda, 25 anos, e o fotógrafo Nem de Tal (Bernardo Magalhães), 27, fizeram ao criar o audiovisual "O Punk na República dos Tupiniquins", em exibição no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. "Se o punk é o pobre, o lixo e a violência, então podemos dizer, sem medo de errar, que o Brasil é a vanguarda do punk no mundo inteiro", diz a letra desta obra. E grita: "Punk no Brasil é contradição, nonsense, absurdo total. Mas é também o deboche tropical, *'la salerosidad'*. Importamos punk da Europa mesmo já o tendo em nosso dia-a-dia. Nossa vida é punk, nossa música é punk, nossa poesia é punk, são punk nossas ruas, nossas cidades, o próprio sistema em que vivemos", sintetiza o audiovisual.

FILHOS DA CRISE — Em 35 minutos, texto, música e 280 fotos contam a história do punk e convencem, sem dúvida, que o Brasil, mais uma vez, está na frente, e isto sem apresentar um único som ou imagem do primeiro autopro-

clamado grupo punk brasileiro, o Joe-lho de Porco. O que é mais lixo, uma calça esburacada ou as ruas de nossas cidades? E o que é mais pobre, os desempregados da Inglaterra que vivem com o auxílio do governo, ou as centenas de milhares de habitantes de nossas favelas? "Parecia uma grande contradição que o punk tivesse chegado ao Brasil como uma moda importada", diz Lacerda. "Quando Chico Buarque disse que o punk está nas nossas ruas, apenas ajudou a oficializar uma realidade."

A filosofia do lixo no Brasil: deboche

Na verdade, como movimento musical, o punk não contribuiu em nada dentro da agitada história do rock. Tudo começou com Sid, um inglês de 20 anos que, em 1975, resolveu emendar sua calça com 200 alfinetes de fraldas. Foi o primeiro passo para a formação do conjunto Sex Pistols, os Pistolas Sexuais, onde Sid é o guitarrista. A eles se ligaram jovens ingleses pobres, entre 11 e 20 anos, e marginalizados que não encontraram emprego ao sair das escolas. "Queremos música rebelde, música de rua, música de crise, música contra

os assassinos detrás das mesas das grandes corporações, negociando com a morte, o sofrimento humano", diziam os Sex Pistols.

Malcom McLaren, empresário do conjunto, define o punk-rock como a "música do branco oprimido pela sociedade, pelo desemprego e que por isso ficou conhecido como o rock de fila dos desempregados". Dizem os sociólogos que o movimento punk, acima de ritmos ou violência, é apenas a consequência da crise econômica que a Inglaterra vem atravessando há vários anos.

ALFINETADOS — "O punk, nitidamente, é uma manifestação de jovens das classes pobres inglesas", explica Lacerda. "Ele é um retorno ao inesperado negror dos tempos em que ainda não se conhecia sequer o ácido lisérgico." O mais intrigante, na opinião de Lacerda e Nem de Tal, são os evidentes sinais da penetração punk no Brasil. "Tudo indica que não há lugar para semelhante disparate na cultura brasileira, a menos que voltássemos ao tempo que antecedeu o tropicalismo." Mesmo assim, Lacerda e Nem encontraram em Minas um conjunto punk, nascido na periferia de Belo Horizonte. No palco, eles tentam se comportar como seus ídolos, os Sex Pistols, mas reivindicando o direito de ser mais autênticos. "Afinal", dizem, "nossas calças têm muito mais buracos." No Brasil, enfim, o punk serviria muito mais para dar nome a uma realidade, velha conhecida: "Se na Inglaterra o punk é o rock dos desempregados, aqui é o samba da multidão de desocupados que vaga pelas praças da República, pelos cinemas do subúrbio. Quem sabe algum dia esses jovens se reúnam e resolvam protestar contra a absurda organização que os obriga ao ócio?", profetiza Lacerda.

Ao ser apresentado pela primeira vez em Belo Horizonte em março o audiovisual reuniu uma platéia de mais de 1 200 pessoas numa discoteca. Quase todas elas compareceram à estréia vestidas a caráter, alfinetes espalhados pelo corpo. Finda a apresentação, pouca gente sabia o que fazer com a fantasia.

ANEXO B

POLÍCIA

Ação de gangues já provocou morte de seis pessoas este ano

Uns pregam o anti-semitismo, outros, o patriotismo, e há os que nutrem ódio por nordestinos, negros, gays...

Edison Veiga, Fabio Brisolla, Leonardo Genzini e Maria Paola de Salvo | 30/10/2007

O punk Johni Galanciak, de 21 anos, foi detido em outubro de 2006 (foto) ao tentar jogar ovos no governador José Serra. Na semana passada, voltou a agir: é acusado de espancar um jovem no Bom Retiro

Helvio Romero

Na cabeça de uns, espalhafatosos moicanos azuis, verdes ou vermelhos espetados com gel. Na de outros, só o brilho da careca. Dentro delas, nenhum estofo intelectual para serem representantes, como costumam pregar, de qualquer corrente ideológica que seja, mas imbecilidade suficiente para sair por aí depredando, batendo e até matando. "Gosto de beber, conhecer novos punks, brigar e agitar muito. Sou um cara subversivo e tento de alguma forma destruir esse sistema", diz o estudante Johni Raoni Falcão Galanciak, 21 anos, em sua página no site de relacionamentos Orkut. "Por isso, tomem cuidado." Na madrugada do último domingo, ele estava entre os 25 punks acusados de espancar e desfigurar o rosto do estudante G.C., de 17 anos, na Avenida Tiradentes, a pouco mais de 100 metros da sede das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota). Nove deles, inclusive Galanciak, já fichado na polícia, acabaram presos em seguida. O restante conseguiu fugir. Os delinquentes fazem parte da Vício Punk, uma das doze gangues que atuam na cidade e que volta e meia protagonizam episódios covardes e de extrema violência. Suspeita-se que o rapaz que apanhou até sofrer um traumatismo craniano e múltiplas fraturas no maxilar seja ligado a um grupo rival de skinheads.

Esse foi o segundo ataque de punks em uma semana. No dia 14, delinquentes mataram, a facadas, o balconista Jaílton de Souza Pacheco no Terminal Parque Dom Pedro II, no centro. Os punks queriam pagar 60 centavos por um pedaço de pizza que custava 1 real, o que motivou a discussão. Dois homens e uma mulher foram presos. De grande repercussão, a morte do turista francês Grégor Erwan Landouar, esfaqueado nos Jardins em 10 de junho, teve uma explicação homofóbica. A vítima havia participado da Parada Gay. "Ele disse em

juízo que ficou revoltado quando viu duas pessoas do mesmo sexo se beijando e resolveu matar a primeira pessoa que encontrasse pela frente", conta o promotor Maurício Ribeiro Lopes, referindo-se a Genésio Mariuzzi Filho, o "Antrax", preso sob a acusação de ter matado o francês. "Trata-se de alguém que faz o mal sem remorso ou culpa, como um psicopata." No mesmo mês, membros da gangue Devastação Punk mataram o garçom John Clayton Moreira Batista, também nos Jardins, por ele ter se recusado a emprestar um isqueiro.

Pelo que se vê, há fartura de casos policiais relatando punks, skinheads e sabe-se lá o que mais envolvidos em depredações, brigas e assassinatos. Só neste ano, a ação dessas gangues resultou na morte de seis pessoas. O número de óbitos pode parecer pequeno se comparado, por exemplo, aos catorze homicídios cometidos em um único fim de semana na capital. Mas trata-se de baderneiros violentos e estúpidos o suficiente para representar um perigo à solta. "Está havendo um tipo de guerra entre essas tribos urbanas depois que mataram o líder de uma das facções", afirma a delegada Margarette Barreto, titular da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi). Criada em 2005, a Decradi mapeia as principais gangues de São Paulo. Em seu sistema, há cerca de 3 000 fotos de arruaceiros e suas armas. Quando um deles se mete em confusão, é fichado. Assim, a polícia tenta patrulhar e acompanhar a ação de grupos como Ameaça Punk, Vício Punk, Devastação Punk, Phuneral Punk, Carecas do ABC, Carecas do Subúrbio, Front 88, Impacto Hooligan, Brigada Hooligan, entre outros. Uns pregam o anti-semitismo, outros, o patriotismo, e há os que nutrem ódio por nordestinos, negros e homossexuais. A maioria desses moicanos ou cultores de músculos, no entanto, mal conhece as teorias que defende e apenas repete bordões ouvidos de terceiros. Com suas roupas características (skinheads usam coturno, suspensórios, calças camufladas; punks vestem camisetas de bandas e calças rasgadas), são freqüentemente identificados em alguns pontos da cidade. Circulam por lojas da Galeria do Rock, pela Avenida Paulista, por bares da Treze de Maio e boates da Rua Augusta. Segundo testemunhas, os punks que protagonizaram o último episódio dessa batalha urbana saíam da casa noturna Hangar 110, um reduto alternativo no Bom Retiro. "Aqui dentro não ocorre briga porque tenho seguranças e mantenho tudo sob controle", afirma o proprietário Marco Antônio Badin. "O problema é que essa molecada confunde anarquia com baderna e protesto com violência." E a violência vem armada: correntes, socos-ingleses, tacos de beisebol, machadinhas, tchacos (dois bastões unidos por uma corrente) e sprays de pimenta.

O analista de sistemas Willian Almeida, de 23 anos, conhecido como Zugão e integrante do grupo Punk Subúrbio desde os 13 anos, costuma andar sempre armado com correntes, faca e soco-inglês, pelo qual nutre uma espécie de gratidão. "Numa das brigas, ele estava dentro da minha jaqueta e evitou que tomasse uma facada no peito. Salvou minha vida", lembra Almeida, que afirma ter perdido três amigos para as lutas de rua. Baixista da banda Ódio em Excesso, Almeida conta que foi atacado pelo menos cinco vezes por skinheads. Acabou machucado em duas brigas. Há três anos, saía de um show em São Mateus, na Zona Leste, quando foi abordado por três carecas, armados de espadas. O amigo que o acompanhava ganhou cortes pelo corpo e Almeida, um braço quebrado. "Os caras costumam aparecer de repente e já chegam na porrada, sem dizer nada. Ou você bate ou apanha."

Em geral, os membros dessas facções são jovens de classe média baixa. Muitos trabalham como office boys, seguranças, vendedores, auxiliares de escritório ou se apresentam como estudantes. Frequentam os mesmos lugares e compartilham os gostos musicais (reggae, ska e punk – de variadas vertentes). Bandas como Toy Dolls, Virus 27, Skrewdriver e Four Skins fazem a cabeça dos skinheads. Os punks preferem Cólera, Inocentes, Garotos Podres, Plebe

Rude, Ramones, Sex Pistols, Olho Seco e The Misfits. Alguns líderes dessas bandas se sentem desconfortáveis com a onda de violência entre seus fãs. "Infelizmente, há bandidos imbecis da pior espécie que vestem a bandeira do movimento punk para praticar agressões gratuitas", diz Michel Stamatopoulos, o Sukata, baixista dos Garotos Podres. Para não serem tachados de catalisadores de violência, os Garotos Podres têm evitado shows em São Paulo. Ultimamente, apenas duas ou três das cinquenta apresentações anuais que fazem ocorrem por aqui.

Quem acompanhou a história das gangues paulistanas acredita que as "tretas" – como eles se referem às brigas – se intensificaram com a chegada do filme *Warriors, Os Selvagens da Noite* (de 1979), dirigido por Walter Hill. A fita mostra o conflito entre gangues nova-iorquinas depois da morte do líder da maior delas. Por aqui, as brigas viveram o auge nos anos 80, entre facções da capital e do ABC. Atualmente, essa guerra não mais opõe tribos de São Paulo e tribos do ABC. "Quem passou a juventude nos anos 80 sabe que os punks tinham um discurso anárquico, de contestação, protesto, mas não eram violentos nem preconceituosos", diz Patrícia Linn Bianchi, promotora do caso dos skinheads que obrigaram dois jovens a se jogar de um trem em Mogi das Cruzes – um morreu e outro perdeu o braço. "Essas gangues fazem releituras equivocadas desses movimentos. São arrogantes, segregacionistas e precisam de um manto para agir." Ou seja, são covardes, selvagens e merecem cadeia.

Unidos pela tatuagem

A polícia tem cadastro com tatuagens para auxiliar na identificação dos agressores
Principais grupos

Quem são, como agem e o que pensam os membros de gangues envolvidos em episódios violentos

A Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) identificou algumas das gangues envolvidas em crimes na região metropolitana. Entre elas estão Devastação Punk, Ameaça Punk, Vício Punk e Vingança Punk. A vertente dos skinheads é representada por Impacto Hooligan, Carecas do ABC, Carecas do Subúrbio e Front 88. Integrantes da facção Vício Punk são apontados como os responsáveis pelo espancamento do menor G.C. em frente à Estação Tiradentes do metrô, no último dia 21. É o mesmo grupo relacionado ao assassinato de um membro do Front 88, na Rua Augusta, em abril. O caso de maior repercussão do ano ocorreu em junho, quando o turista francês Grégor Erwan Landouar morreu após ser esfaqueado por Genésio Mariuzzi Filho, conhecido como Antrax, ao sair do restaurante Ritz, nos Jardins. Antrax, que confessou o crime, pertence ao Vingança Punk.

Filosofia

Quando surgiram, na década de 70, os punks ficaram conhecidos por criticar "o sistema", o que quer que isso significasse. Já a marca dos skinheads, que nasceram no mesmo período, são o racismo e o nacionalismo exacerbado. Não à toa, o ídolo de parte do grupo é o ditador nazista Adolf Hitler (foto). Nas facções paulistanas, no entanto, essas características se misturam. "Os grupos Devastação Punk e Vício Punk também são racistas", afirma a delegada Margarette Barreto, do Decradi. "Não é muito clara a linha ideológica de cada um." A maioria dos agressores mal conhece as teorias originais de cada movimento e apenas repete bordões ouvidos de terceiros. São jovens entre 16 e 26 anos, boa parte de classe média baixa, entre eles estudantes, office boys, auxiliares de escritório, seguranças e vendedores de camisetas e

adereços

do

estilo.

Visual

Cabelo colorido com corte moicano é uma das características dos punks. Já os skinheads (cabeça raspada, em inglês) são, claro, carecas. As duas tribos usam calças camufladas e coturnos. Os skinheads são vistos com suspensórios (no caso dos neonazistas White Powers, de cor branca). Os punks vestem camisetas com nome de banda e, muitas vezes, exibem tatuagens malfeitas, correntes e braceletes. Os skinheads trazem adereços nacionalistas. Alguns tatuam a bandeira do Brasil no corpo.

Gírias

Banca: grupo punk, gangue

WP: como os punks se referem a todos os skinheads, não só aos da facção neonazista White Power

Nazi: skinhead, careca

Rato: subclasse, lixo de esgoto: como os skinheads chamam os punks

Treta: briga, confusão

Armas

Tanto punks quanto skinheads costumam circular com correntes, socos-ingleses, tacos de beisebol, canos, machadinhas, tchacos (dois bastões unidos por uma corrente), furadores de gelo, facas e sprays de pimenta. Há casos de skinheads que portam revólveres e até espadas.

Lugares que costumam freqüentar

Punks e skinheads circulam principalmente pela região da Avenida Paulista. Na Rua Augusta, a boate Inferno é um dos points, assim como os bares da Treze de Maio. Costumam circular também pela Alameda Itu, próximo ao Bar do Bocage, e na Galeria do Rock, onde compram roupas. Na alternativa casa noturna Hangar 110, no Bom Retiro, ocorrem os shows das bandas prediletas desses grupos.

O que eles ouvem

Bandas como Toy Dolls, Virus 27, Skrewdriver e Four Skins costumam tocar nos iPods dos skinheads, que também curtem gêneros como a Oi! music e o RAC (Rock Against Communism), conhecido como "rac and roll". Já os punks preferem Cólera, Inocentes (foto), Garotos Podres, Ramones, Sex Pistols, Olho Seco, The Misfits, entre outros grupos.

Chutes, pancadaria, facadas...

Os sete casos graves registrados neste ano

21 de outubro. O menor G.C., 17 anos, foi espancado por um grupo de 25 punks, que saíram de uma casa noturna no Bom Retiro. Nove foram detidos.

14 de outubro. O balconista Jaílton de Souza Pacheco foi esfaqueado e morto, no centro, por três jovens que se identificaram como punks. Motivo: ele se recusou a fazer um desconto na venda de um pedaço de pizza.

22 de junho. Punks esfaquearam e mataram o garçom John Clayton Moreira Batista, nos Jardins, por ele não ter lhes emprestado um isqueiro. Quatro adultos e quatro adolescentes – que faziam parte do grupo Devastação Punk – foram detidos pela polícia.

10 de junho. No dia da Parada do Orgulho Gay, o turista francês Grégor Erwan Landouar foi assassinado nos Jardins. Dois jovens, identificados como punks, foram presos. Um deles, Antrax, é tido como líder da gangue Vingança Punk.

13 de abril. Munidos com barras de ferro e facas, dez punks agrediram skinheads na Rua Augusta. Ricardo Sutanis Cardoso morreu e Rogério Moreira ficou ferido.

4 de março. Ex-PM e seu filho mataram a facadas dois adolescentes na Penha, Zona Leste. Tudo ocorreu depois de uma briga entre dois grupos punks rivais.

10 de fevereiro. O professor universitário Alessandro Faria de Araújo (o primeiro à esq.) foi espancado nos Jardins. A polícia identificou e prendeu cinco dos acusados, que pertenceriam aos grupos Carecas do ABC e Devastação Punk.

Tags: Edição 2032

<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2032/acao-das-gangues-ja-provocaram-morte-seis-pessoas-este-ano>

ANEXO C

Punks, skinheads e outras gangues: selvagens e covardes

ANEXO D

CRIME

Johni Punk, mais uma vítima da selvageria entre gangues paulistanas

Jovem que abraçou o movimento enquanto enfrentava uma dura jornada de tratamento psiquiátrico morre em briga

Arthur Guimarães | 14/09/2011

A transformação de Johni: visual comportado na entrada da adolescência e com o cabelo moicano no momento em que era preso, em 2006

Reprodução Arquivo Pessoal / Helvio Romero

No último sábado (3), Johni Raoni Falcão Galanciak, de 25 anos, acordou reclamando de uma noite muito maldormida. Fazia sol e, para animar o filho naquele dia, o professor de história Marcos Galanciak, 51 anos, levou-o a um passeio até a região do Paraíso. Ele saiu de casa paramentado, já pensando em engatar ao fim da tarde um outro programa: conferir a apresentação da banda inglesa de punk Cock Sparrer, grupo da década de 70 que se exibiria às 18 horas no Carioca Club, em Pinheiros. Além da calça jeans e da bota preta nos pés, o rapaz vestia a inseparável jaqueta negra com inscrições antinazistas sobre uma camiseta da seleção da Polônia, país natal de seu avô paterno. Quando chegaram às imediações da Avenida Paulista, pai e filho almoçaram juntos num bar. Em seguida, o pai lhe deu 100 reais para comprar o ingresso, custear o transporte até a casa de shows e aparar o topete no estilo moicano. No cabeleireiro, ele raspou as laterais da cabeça para deixar expostos alguns de seus maiores orgulhos: uma tatuagem com o símbolo dos anarquistas e três cicatrizes, herança de brigas do passado. Marcos foi até o salão e, de lá, os dois se despediram. “Valeu, paizão!”, agradeceu. Foi a última vez que se viram.

Ao chegar acompanhado por amigos ao Carioca Club, por volta das 17 horas, Johni reuniu-se com outros quinze colegas, quase todos eles punks. O tempo por ali fechou com a chegada de seus maiores inimigos nas ruas, uma gangue de skinheads neonazistas. Com cerca de quarenta integrantes, eles apareceram soltando rojões e partiram para cima do grupo menor, segundo testemunhas. O confronto deixou como saldo várias vítimas feridas. Uma delas, Fábio dos Santos Medeiros, 21 anos, foi levado ao Hospital das Clínicas com traumatismo craniano e,

até a última quinta (8), encontrava-se internado na UTI. Esfaqueado mais de dez vezes durante a pancadaria, Johni, que era conhecido pela valentia, gabando-se de nunca fugir de uma luta, não resistiu aos ferimentos e morreu dentro da ambulância. Na semana passada, a polícia seguia algumas pistas para tentar chegar ao autor do assassinato. Antes de morrer, Johni teria dito a um amigo o nome de um dos supostos agressores.

Thiago Teixeira/AE

Homenagem de amigos e familiares na calçada do Carioca Club, em Pinheiros: o confronto envolveu 55 pessoas

Filho único de dois professores de ensino médio formados pela Universidade de São Paulo (USP), Johni sempre estudou, fez seus deveres escolares e foi um filho dócil, sorridente e amável nas relações familiares. Aos 12 anos, enfrentou com aparente naturalidade a separação dos pais. Mas, aos 15, começaram a surgir indícios de que algo não ia bem com a sua saúde. “Ele sofreu uma crise, ficou atônito, fora do ar”, lembra a mãe, Patrícia Conceição, 48 anos. “Ficava falando sem parar e andando de lá para cá dentro de casa.” Diagnosticado com transtorno bipolar, passou a ser medicado com um arsenal de remédios para controlar a doença. O problema o fez perder uma namorada, tentar o suicídio por mais de uma vez e esquecer os planos universitários e profissionais, já que o coquetel administrado era composto de drogas cujos efeitos colaterais incluíam uma sonolência implacável. Nos últimos tempos, tomava cinco remédios por dia.

Ao mesmo tempo em que caminhava pela difícil jornada do tratamento, Johni mergulhou de cabeça no universo punk. Desde criança, era fascinado pelas histórias do pai, antigo vocalista da banda Excomungados, que chegou a lançar discos nos anos 80 e gozava de prestígio nesse circuito. “Meu filho acabou sendo mais punk do que eu”, conta Marcos. Na conversão ao movimento, além de raspar o cabelo ao estilo dos ídolos, adotou os apelidos de Johni Punk e Johni 38 (segundo a polícia, uma alusão ao calibre do revólver). Ao entrar nesse mundo, começaram a surgir os desafetos e as brigas que empurraram o rapaz a um redemoinho de confusões.

Em seu histórico estão registradas pelo menos dez grandes encrencas. Em 2006, Johni foi sequestrado e esfaqueado na Zona Norte por um grupo de “nazistas” — sem nenhum estofamento intelectual, a maioria desses imbecis que saem por aí depredando, batendo e até matando mal conhece as teorias racistas que defende. Em 2007, envolveu-se em uma briga na Avenida Tiradentes e ficou preso quase um ano e meio, acusado de ter participado do espancamento de um líder neonazista. Na cadeia, chegou a ficar em uma cela de evangélicos para ser exorcizado durante um surto. A pedido dos detentos, foi transferido para o Hospital de Custódia de Franco da Rocha. Absolvido por falta de provas, voltou para as ruas. Ele também colecionava participação em protestos. Em 2006, terminou detido quando planejava jogar ovos no prefeito Gilberto Kassab e no então governador eleito José Serra. Há quatro meses,

nova passagem pela polícia: dessa vez, por urinar em um carro da Rede Globo e chutá-lo, além de portar bombas caseiras durante a Marcha da Maconha. A despeito das confusões fora de casa, nunca se afastou da família. Em maio, resolveu ser batizado numa igreja católica. Apesar de ser filho de agnósticos, a família deixou que ele escolhesse a religião por conta própria.

Reprodução Arquivo Pessoal

Com parentes, em maio: ele quis ser batizado numa igreja católica

Seu assassinato ocorreu no vácuo de uma onda que preocupa as autoridades. Segundo a polícia, existem hoje 25 gangues atuando na capital. Esse movimento é monitorado pela Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi). “São jovens unidos por uma ideologia e que se reúnem muitas vezes para brigar”, afirma a delegada Margarette Barreto, titular da área. A investigação está a cargo do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP). “O crescimento da violência entre eles é preocupante”, diz o delegado Jorge Carrasco, diretor do DHPP. Prova disso é que, nos últimos dias, membros de grupos de intolerância já estavam usando as redes sociais da internet para comemorar a morte do punk e programar novos ataques. “Tudo indica que essa guerra está longe de acabar”, lamenta o pai.

Tags: [gangues](#), [punk](#), [skinhead](#), [violência](#), [2234](#), [crime](#)

ANEXO E

11/09/2011 23h04 - Atualizado em 11/09/2011 23h04

'Ele achou no movimento forma de se manifestar', diz mãe de punk morto

Johni Raoni Galanciak foi assassinado durante briga na Zona Oeste de SP. Jovem punk levou cerca de 20 facadas e morreu a caminho do hospital.

A mãe do jovem punk que morreu esfaqueado no último fim de semana na Zona Oeste de São Paulo diz que o filho não andava armado. “Ele achou no movimento punk uma forma de se manifestar”, justifica a professora Patricia Conceição. Johni Raoni Galanciak, de 25 anos, foi morto a facadas durante uma briga entre punks e skinheads em Pinheiros. A mãe disse ter medo dos skinheads. “Eu tinha muito medo. Ele andava com jaquetas, com emblemas antinazismo. Então, isso era uma provocação muito grande”.

Um rapaz de 30 anos, que estava no meio do conflito na semana passada, disse acreditar que o resultado disso “vai ser a guerra”. “Ele não foi o primeiro a morrer nem vai ser o último. O resultado disso vai ser a guerra”, conta um amigo de Johni. “A gente está correndo um risco permanente de ser agredido, de ser atacado. Eles perderam a vergonha, eu acho”, completou.

O amigo dele levou cerca de 20 facadas nas costas e no peito e morreu a caminho do hospital no sábado passado. Fábio dos Santos Medeiros, de 21 anos, foi atingido na cabeça e continua internado em estado grave. Os dois jovens estavam em trincheiras opostas de um combate que vem crescendo também nas redes sociais da internet.

De um lado, estão os punks e os skinheads que são contrários à intolerância. Do outro, os skinheads que defendem o nazismo. É comum que os integrantes mudem de um grupo para outro ou troquem completamente de lado. Segundo a polícia, o preso acusado de esfaquear Johni Raoni também já foi punk e era amigo da vítima, mas hoje ele é um skinhead neonazista.

As tatuagens mostram claramente a mudança. A tinta mais fraca, já antiga, marcou a palavra punk. Nas novas marcas estão símbolos nazistas. Em uma imagem exclusiva, o jovem de 19 anos, conhecido como “Treze”, chega à delegacia com a mãe. Depois de prestar depoimento e negar a autoria do crime, ele foi preso temporariamente. O jovem foi reconhecido por testemunhas. Se condenado, pode pegar de 15 a 30 anos de prisão por homicídio qualificado.

Um parente da vítima, que não quer se identificar, diz que os punks foram surpreendidos por uma emboscada. “Não estamos falando de delinquentes juvenis. Nós não estamos falando de garotada que,

como Romeu e Julieta, brigou a turma de baixo contra a turma de cima. Nós estamos falando de um segmento ideológico da população que prega o neonazismo”, disse.

Grupo radical

Durante dois anos, o estudante David Vega, de 22 anos, fez parte de um grupo radical: o movimento skinhead nacionalista. Ele abandonou o grupo e escreveu um livro em que conta o que viu e viveu. “Quando você está aliado a uma ideologia radical, os seus ânimos vão lá em cima. Você enxerga o mundo pela verdade que você julga que ninguém consegue enxergar”, lembra o estudante e ex-skinhead, que conta como saiu do movimento: “Eu já não aguentava mais. Eu estava cansado de tudo isso. De sair na rua e não ter a tranquilidade de pegar um metrô e sentar sem ter de ficar preocupado. Eu queria paz”.

O movimento skinhead nasceu entre jovens brancos e negros da classe operária britânica no fim dos anos 1960. Eram identificados pela cabeça raspada e pelo tipo de música que ouviam. Foi só no fim dos anos 1970 que a política e as questões raciais surgiram e provocaram rachas e subdivisões. No Brasil, o movimento apareceu em São Paulo, no início dos anos 1980.

Hoje, a polícia do estado já identifica 25 grupos diferentes de skinheads. Nem todos defendem o nazismo. Os White Powers são os mais radicais. Defendem a raça branca e são contra judeus, negros, nordestinos e homossexuais. Os Carecas são nacionalistas, anarquistas e contra comunistas e gays. Já os Antifascistas são contra o preconceito e contra o nazismo. Existe ainda uma linha de skinheads tradicionais, que combatem o preconceito e são desconectados da política. Os punks são anarquistas, contra qualquer tipo de autoridade e também repudiam o preconceito.

“Não adianta a gente achar que tem um lado bom e um lado ruim. As pessoas, quando se envolvem nesse tipo de gangue, estão em risco”, diz a delegada Margarete Barreto. Para a delegada especialista neste tipo de crime, o comportamento dos jovens pode dar dicas aos pais sobre o envolvimento com gangues radicais. “O tipo de literatura que eles lêem, o tipo de amigo que eles têm, as conversas que eles mantêm na internet, as tatuagens que eles ostentam, as roupas. Existem regras para entrar neste grupo. Então, ele se afasta da família porque muitas coisas ele não pode dizer para ela”, lembra Margarete Barreto.

Em uma das jaquetas de Johni, uma frase se destacava ao lado de símbolos contra o nazismo: “Em uma guerra não existem ganhadores ou perdedores, somente milhares de mortos sem nenhum propósito”.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/ele-achou-no-movimento-forma-de-se-manifestar-diz-mae-de-punk-morto.html>

ANEXO F

04/09/2011 20H03

Punk encenqueiro é espancado até a morte por grupo skinhead

Johni Galanciak era velho conhecido da polícia. Ele já se envolveu em brigas, agressão ao ex-governador Serra e assassinato

A intolerância provocou mais uma morte. Desta vez, a vítima é o punk Johni Raoni Falcão Galanciak, de 25 anos, um velho conhecido da polícia e integrante da Devastação Punk, uma das gangues de jovens mais violentas que age em São Paulo pregando ódio. Em sua ficha criminal constam desde envolvimento em agressões até suspeita de assassinato.

Johni foi morto por gangues de skinheads, durante briga envolvendo mais de duzentas pessoas na porta da casa noturna Carioca Club, em Pinheiros, Zona Oeste, no início da noite de sábado. Um outro adolescente que também participou do confronto, Fábio dos Santos Medeiros, de 21 anos, sofreu traumatismo crânio-encefálico e, até o fechamento desta edição, permanecia internado na UTI do Hospital das Clínicas, em estado considerado grave.

A família de Johni passou o dia ontem em busca de autorização judicial para cremar o corpo do rapaz. Mas até o final da tarde o corpo continuava no IML. A cerimônia de cremação está prevista para hoje, no cemitério São Pedro.

A polícia está à procura de câmeras de circuito interno que ajudem a identificar os agressores. Oito suspeitos chegaram a ser levados ao 14 Distrito (Pinheiros), na noite de sábado, mas acabaram sendo liberados por falta de provas.

foto: Arquivo/Diário SP

PROTESTO

Em outubro de 2006 Johni foi detido por atirar ovos no ex-governador José Serra durante um comício. O ódio era nítido em seu rosto

INTERNET

Segundo a polícia, a agressão havia sido tramada pelos skinheads pela internet. As gangues sabiam que, naquela noite, grupos rivais estariam em massa na casa noturna porque uma banda punk tradicional da Inglaterra faria show.

As gangues de skinheads, vindas de bairros da periferia, se encontraram na Estação Clínicas do Metrô e seguiram para o Carioca Club. Pelo menos três grupos diferentes participaram da briga, que atraiu também pessoas que nada tinham a ver com as ideologias dos grupos.

A PM precisou usar bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral para dispersar a multidão. No local foram apreendidos dois skates, seis bolinhas de gude, três facas, um pedaço de lâmina e um estilingue.

Rapaz gostava de bater e de beber

Na página que mantinha em um site de relacionamento, Johni Galanciak se autodefinia da seguinte maneira: "Gosto de beber, conhecer novos punks, brigar e agitar muito. Sou um cara subversivo e tento, de alguma forma, destruir esse sistema. Por isso, tomem cuidado". Johni tinha o corpo tatuado e costuma andar com roupas de couro, cabelos Pintados e carregando soco inglês.

25 facções que pregam ódio atuam nas ruas

Ritual para ser do grupo exige covardia

Para entrar no grupo Devastação Punk o iniciante tem de provar que é violento. A prova consiste em agredir, sem motivo, algum rival ou quem a gangue mandar. A vítima, geralmente, é um homossexual.

Difícil de entrar e impossível sair

Esse lema levou Johni e outros punks a agredir, em 2008, um jovem que tentava deixar o grupo para entrar em outra facção. Johni Galanciak também era suspeito de assassinar, em junho de 2007, o garçom John Clayton Moreira Batista, porque o rapaz se recusou a emprestar um isqueiro.

45% dos crimes são combinados na web

http://www.diariosp.com.br/_conteudo/2011/09/133475-punk+encenqueiro+e+espancado+ate+a+morte+por+grupo+skinhead.html

Reportagem de Valdir Sanches e fotos de Luis Gauert.

Não estavam caracterizados de punk, embora houvesse mesmo alguns neste ponto são contradições com suas camisetas escritas "Sociedade Beneficente" e "Sociedade Beneficente de São Paulo".

Was o Punk Maron, que antecedeu se apresentar desarmado, conhece antes as bebetudes do mundo do terror. Ambulava ele a

ANEXO H

Festa dos punks termina com prisões

Prisões, pancadaria e protestos — assim terminou ontem o 1.º Festival Punk, com a presença de jovens, que "tumultuaram o ambiente", segundo os moradores que solicitaram a presença da Polícia Militar. Até o início da noite dezenas de punks estavam sendo detidos ainda no local, sendo levados até o 7.º Distrito Policial, para serem fichados, enquanto menores eram encaminhados ao Juizado de Menores.

A intervenção policial começou às 16h10, com a invasão do local onde se apresentaram 20 grupos de música punk. Os policiais levaram sete pessoas presas, além de instrumentos musicais e até um aparelho de gravação de vídeo-teipe, segundo alguns dos presentes. Em consequência das prisões, organizou-se um protesto em frente ao teatro, obrigando a ida de reforço policial, com várias viaturas do tático móvel e policiais da Tropa de Choque.

Segundo o jornalista Luciano Borges, que assistia à apresentação dos punks, o aparato policial enviado ao local era desnecessário, tornando a situação pior, "pois muitos dos punks são garotos com menos de quinze anos, que precisam de diálogo. Além disso, aparatos assim já estão fora de moda". Um dos organizadores do encontro punk, que se identificou apenas como Fábio, tentou inutilmente conversar com o oficial que comandava a operação. "Mas ele não ouve ninguém, como muitas pessoas que ainda não entenderam que o movimento veio para ficar, devendo ser por isso entendido pela sociedade", afirmou.

Os policiais queriam, contudo, que os jovens permanecessem no interior do teatro, para "garantir a segurança da vizinhança". Alguns moradores incentivaram a polícia a jogar as bombas de efeito moral e a

Foto: Clotilde M. Neto. Entre as quase mil pessoas presentes no Sesc-Pompeia, penteados e trajes exóticos, mostrando que é possível ser crível mesmo com poucas recursos.

usar os cassetes contra os jovens, que eram observados à distância por uma multidão de curiosos. Algumas pedras e garrafas foram jogadas a esmo, até que no início da noite os tumultos terminaram em inúmeras prisões.

"NO SÁBADO"

Houve quem tentasse parecer com eles. A mocinha de Pinheiros vestiu minissaia e meias coloridas, passou nos lábios batom cor de uva, arrepiou os cabelos com laquê e ajeitou extravagantes óculos escuros. Qual o quê, não deu certo. O estilo punk-chic, de-

reuniu, sob um mesmo céu cinzento, desde os abertos velhinhos da Escola da Terceira Idade até gente de teatro, os intelectuais entediados de sem-pre, casais avançados, fotógrafos free-lancers.

No pátio, o rock comendo solto, aconteceu de tudo. Um punk com um crucifixo pendurado no rosto tomou um pique, enquanto uma garota ainda nova, de olhos sombreados e um "A" de anarquismo pintado na face, passeava com seu nenê. E ninguém entendia, a não ser eles próprios, como se pode ser tão criativo com tão poucos recursos. Em cima do preto, cor

básica para os punks, e jogando com detalhes em branco e uma profusão de tachinhas de metal, tiras de couro, correntes, os indetectíveis alfinetes e até clips de papel, eles inventam roupas louquíssimas, que já mais se comprometem com os tênis sujos, a calça lee rasgada.

Nada faltou ao primeiro festival punk que a cidade acompanhou: houve incidentes (barras quebradas, depredação de materiais do Sesc-Pompeia e brigas), palavras de ordem ("Vamos destruir o sistema"), estrelinhas do PT e símbolos nazistas e muito som no palco.

Jovem é espancado em novo ataque de punks

Nove pessoas foram presas, entre eles dois menores de idade; vítima terá de passar por cirurgia de reconstrução facial

Crime ocorreu no centro de SP, a poucos metros da sede da Rota; para a polícia, rapaz agredido foi escolhido a esmo

DA REPORTAGEM LOCAL

Um adolescente de 17 anos foi espancado a socos e pontapés por um grupo de cerca de 20 punks anteontem à noite, no centro de São Paulo, segundo a polícia paulista. Nove deles foram presos, entre eles dois menores de idade. E o segundo ataque de punks na capital paulista em uma semana.

O estudante Guilherme Witniuk Ferreira de Carvalho, 17, sofreu lesões na cabeça e na região cervical e fraturas na face. Ontem à noite, ele permanecia internado no hospital, mas seu quadro de saúde era estável. Ele deve passar por uma cirurgia de reconstrução de face.

O ataque ao adolescente ocorreu na avenida Tiradentes, no Bom Retiro (centro de SP), a poucos metros da sede da Rota (Ronda Ostensivas Tobias de Aguiar), da Polícia Militar. Ele

estava com cinco amigos quando foi cercado pelo grupo. Os amigos escaparam ilesos.

Carvalho foi encontrado por PMs caído na rua e descalço. Dois amigos do jovem, que testemunharam a agressão, reconheceram os nove jovens presos. O restante conseguiu fugir.

Karoline Ribeiro de Castro, 18, Hudson Guimarães Rodrigues, 19, Johni Raoni Falcão Galanciak, 21, Antonio Thiago Borges de Oliveira, 24, Bruno Finotti Rezende, 26, Thiago Pedro Sousa Severino, 18, Bruno Ribeiro Brito, 19, uma garota de 16 anos e um jovem de 17 foram indicados por tentativa de homicídio, formação de quadrilha e roubo —o tênis de Carvalho foi levado durante as agressões.

Com o grupo, a polícia apreendeu um bilhete que pregava a união entre os punks. Segundo a Secretaria da Segurança Pública, a investigação indica que Carvalho e os amigos foram escolhidos a esmo. Não há indícios de crime por intolerância racial ou sexual ou por conflito entre grupos rivais.

“Chegaram batendo. Só isso que posso dizer”, diz o estudan-

te Maurício Sciaciote Simões, 18, que estava com o jovem agredido. A família de Carvalho não quis falar com a imprensa.

Segundo Sérgio Eduardo Migliorini, cirurgião bucomaxilofacial do Hospital Nossa Senhora de Lourdes, onde o estudante está internado, ele foi atingido por socos e pontapés. “Ele está bem machucado. Os agressores foram cruéis e optaram por machucar o rosto.”

Carvalho estava consciente. “Perguntei se lembrava da agressão e ele me disse que sim, mas não me aprofundei para não aumentar o trauma.”

O jovem passará por novas avaliações neurológicas. A previsão é de que ele passe por uma cirurgia de reconstrução facial na quinta ou sexta-feira.

Todos os presos têm ocupação: quatro são estudantes e cinco têm empregos fixos. Eles residem em regiões diferentes da capital paulista e da Grande São Paulo. A maioria mora em bairros de classe média baixa.

Segundo a polícia, o grupo se encontrou para participar de um show punk na região do Bom Retiro. Os sete adultos,

entre eles uma jovem, ainda estavam ontem na carceragem do 2º DP (Bom Retiro). Os dois menores foram para a Fundação Casa (antiga Febem).

Esse foi o segundo ataque de punks em uma semana. No último dia 14, dois homens e uma mulher foram presos acusados de matar o atendente de uma pizzaria no centro de SP. Ele teria se recusado a dar pedaços de pizza sem cobrar.

Desde o começo do ano, outras quatro pessoas foram mortas a facadas por pessoas que se identificaram como punks. O francês Grégor Erwan Landouar, 35, foi assassinado em junho após sair de um restaurante com colegas que participaram da Parada Gay.

No mesmo mês, um garçom também foi morto em um bar nos Jardins (zona oeste) porque teria se recusado a emprestar um isqueiro. Em março, dois jovens foram mortos a facadas após uma briga entre punks na Penha (zona leste).

(GUILHERME FERREIRA DE CARVALHO, DANIELA TÓFOLIE JOSÉ ERNESTO CREDEINHO)

Sérgio Alberti/Folha Imagem

Policial observa jovens acusados de espancar rapaz em SP

➔ LEIA MAIS 3

ANEXO J

U4 cotidiano ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 2011

FOLHA DE S. PAULO

Batalha de gangues acaba com um morto e outro ferido em Pinheiros

Punks e skinheads protagonizam briga generalizada em frente a casa noturna na Cardeal Arcoverde

Johni Galanciak, do movimento punk, é assassinado a facadas; jovem ferido está em estado grave no HC

DE SÃO PAULO
DO "AGORA"

Um confronto entre grupos punks e skinheads em frente a uma casa noturna no bairro de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, acabou com um jovem morto e outro ferido na noite de anteontem.

A briga aconteceu pouco antes do show da banda punk Cock Sparrer, no Carioca Club, rua Cardeal Arcoverde.

A via é um dos pontos mais movimentados da noite paulistana. Na hora da confusão, cerca de 400 estavam ali.

O punk Johni Raoni Falcão Galanciak, 25, morreu no Hospital das Clínicas, após levar várias facadas no corpo e pauladas na cabeça.

Ele já havia sido preso pelo menos duas vezes, uma delas após jogar ovos no então governador José Serra (PSDB), em 2006, e outra sob suspeita de agredir um jovem em frente à estação Armênia do Metrô, no centro, em 2007.

Já o jovem Fábio dos Santos Medeiros, 21, levou uma facada na nuca. A polícia não soube informar a qual gangue o jovem pertence.

Ele tem uma tatuagem com a bandeira nacional num dos braços, o que indica que seria "nacionalista", ligado ao movimento skinhead. A polícia investiga se o confronto

foi marcado pela internet por conta de alguns comentários no microblog Twitter.

Às 18h30, punks se reuniram com skinheads não-nazistas — grupo contrário a neonazistas, estes intolerantes a gays, negros e punks.

Às 19h, eles seguiram juntos até o Carioca Club, onde se depararam com neonazistas. Ali, começou o confronto que reuniu cerca de 200 pessoas, segundo a polícia.

Dois PMs que chegaram de moto ao local foram atacados e pediram reforço. A confusão só acabou após a chegada de mais policiais, que usaram bombas de efeito moral. Em meio à briga generalizada, um carro foi depredado.

Quando a confusão foi controlada, Galanciak e Medeiros foram achados feridos na calçada. Numa ambulância da casa noturna, Galanciak foi levado ao Hospital das Clínicas, onde morreu. Medeiros foi colocado num carro da PM e levado ao mesmo hospital. Até ontem, seguia em estado gravíssimo.

DETIDOS

Oito pessoas envolvidas no confronto foram detidas — algumas com tatuagens em referência ao nazismo. Levados à delegacia, acabaram liberados. No boletim de ocorrência, eles constam apenas como "averiguados".

A casa noturna disse que enviou ofício à PM pedindo policiamento. Policiais fizeram ronda, porém, quando a briga começou, havia apenas dois PMs. (DIEGO SHUDA, GIBA BERGAMIM JR. E JOSMAR JOZINO)

Skinhead ferido durante briga de gangues na zona oeste

'Ele curtia o som, não era de gangue', diz mãe de vítima

DE SÃO PAULO

O jovem morto na guerra entre skinheads e punks sofria de transtorno bipolar e fazia tratamento desde os 15 anos no Hospital das Clínicas, de acordo com familiares dele.

"Meu filho gostava do som punk, foi influenciado pelo pai, que inclusive ia a shows com ele", disse a professora Patrícia Conceição, 48, mãe de Johni Galanciak, o Jonhi Punk. Foi o pai quem deu a ele os R\$ 80 para o show da banda punk Cock Sparrer.

Segundo ela, Galanciak não era ligado a gangues. Em 2007, o jovem foi acusado de agredir e desfigurar o skinhead Guilherme Witiuk Carvalho, 17.

"Ele foi absolvido. Foi acusado só porque vestia uma jaqueta preta", disse.

Carvalho, preso desde julho passado após agredir quatro pessoas, foi condenado por formação de quadrilha em 2009, mesmo ano em que foi acusado de participar da explosão de uma bomba durante a Parada Gay. "Meu filho saiu de casa de peito aberto. Foi identificado pela jaqueta com dizeres contra o nazismo e emboscado por skinheads."

BRIGA DE RUA

Uma pessoa morreu em confronto na zona oeste

LOCAL DO INCIDENTE

COMO FOI

1 Por volta das 18h30, um grupo de punks se reúne com skinheads não nazistas em uma rua de Pinheiros, de onde seguiriam para o show da banda inglesa Cock Sparrer

2 O grupo, de cerca de 30 pessoas, chega na frente da boate Carioca Club, onde havia dezenas de skinheads nazistas (grupo rival)

3 Inicia-se um confronto com skates, facas e bombas caseiras. Os jovens Johni Raoni Falcão Galanciak, 25, e Fábio dos Santos Medeiros, 21, são espancados e esfaqueados

4 Por volta das 19h30, a PM dispersa a multidão. Oito pessoas são detidas por suspeita de lesão corporal

AS VÍTIMAS

Galanciak chegou a ser socorrido, mas não resistiu aos ferimentos. Medeiros teve um traumatismo crânio-encefálico e respira com a ajuda de aparelhos

ANEXO K

Delegada associa aumento de conflitos entre punks e skinheads a declarações homofóbicas de deputado; saiba quem são e onde agem as gangues

► REGIANE TEIXEIRA

O conflito envolvendo punks e skinheads em frente a um clube em Pinheiros, que deixou um morto e completa um mês amanhã, ocorreu numa época em que os ânimos estão mais acirrados entre as gangues da cidade.

Segundo a delegada da Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), Margarette Barreto, a relação entre os grupos está mais tensa desde abril deste ano, quando foram feitas manifestações pró e contra as opiniões polêmicas do deputado federal Jair Bolsonaro (PPR-RJ) sobre homossexuais. Os atos ocorreram ao mesmo tempo no vão do Masp.

Bolsonaro afirma não compactuar com as gangues. “Essa delegada não pode generalizar”, disse à **sãopaulo**.

“No desfile de 9 de Julho também

foi assim. Um vai porque é a favor e o outro porque é contra. E eles sabem que vão se encontrar e que pode haver um confronto”, diz Margarette.

O inquérito policial sobre o conflito, no qual o punk Johni Galanciak, 25, morreu esfaqueado, chega a seis volumes com cerca de 1.200 páginas e depoimentos de 120 pessoas. Até agora, Guilherme Lozano Oliveira, 19, foi indiciado pela morte de Johni, e Jorge Roberto da Cunha foi preso como suspeito de ter agredido o skinhead Fábio Medeiros, 21 –que ficou internado dez dias na UTI antes de ter alta.

O assunto veio à tona também na última quinta-feira, com a condenação de Vinícius Parizatto a 31 anos de prisão por obrigar dois rapazes a pular de um trem em

movimento, em 2003, em Mogi das Cruzes (Grande SP). Testemunhas disseram que as duas vítimas foram ameaçadas pelos skinheads, que não teriam gostado das camisetas que eles usavam, de bandas punk.

A Decradi tem uma lista de 25 gangues identificadas na cidade. Os membros são principalmente jovens entre 16 e 28 anos, com ensino médio e fundamental e das classes C e D. Embora as ocorrências ainda não tenham sido convertidas em estatísticas, a delegada afirma que os casos estão crescendo. “Não é só aqui. Há um ressurgimento do neonazismo no mundo.”

Nas semanas seguintes à briga em Pinheiros, a circulação de punks e skinheads diminuiu nos principais pontos de encontro. ►

► VIOLENCIA

Onde costumam ocorrer os ataques

Mesmo assim, o clima é tenso nas ruas e em redes sociais. Para a polícia, a revanche é iminente. “Se estão pensando em se vingar da morte do Johni, eles devem saber que nós vamos tentar prevenir”, afirma a delegada.

Segundo a Decradi, os grupos se encontram nas estações de metrô Carrão, Bresser, Liberdade e Santa Cruz e frequentam bares no centro. As regiões com mais problemas envolvendo skins são a avenida Paulista, a rua Augusta, a 24 de Maio – onde está a Galeria do Rock – e a praça da República.

Os ataques se dividem entre os homofóbicos e as brigas de gangues.

• O ENCONTRO

Ocorre em estações como **Bresser, Tatuapé e Santa Cruz** (metrô) e **Osasco e Santo André** (CPTM)

• DESTINO

Os grupos vão a casas de show e bares no **centro** e na **região da rua Augusta**

• ATAQUES

Os ataques a gays costumam ocorrer **entre as 3h e as 4h** na região da Paulista e Augusta e no centro. As gangues atuam em **grupos de três a dez**. Quem ousa agir sozinho ganha reconhecimento. Após a ação, eles se dispersam e se encontram em **estações de metrô e terminais de ônibus**

No primeiro caso, as ocorrências acontecem entre as 3h e 4h da madrugada na região da Paulista e da Augusta. As vítimas são pegas de surpresa por não conhecerem os agressores.

Já as brigas de gangues surgem quando grupos de ideologias diferentes se encontram. É comum que punks e skinheads curtam o mesmo som e frequentem os mesmos locais. Por vezes, até migram entre os grupos.

A polícia também investiga a relação das gangues paulistanas com grupos neonazistas do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. “Há aqueles que começam a se sentir pressionados pela polícia e viajam para outros Estados”, conta Margarette. “Já estivemos no Paraná e recebemos investigadores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Trocamos informações.”

Conflito histórico

Nos anos 1980, quando o som punk ganhou projeção em São Paulo, as brigas eram entre os próprios integrantes do movimento – que se dividiam entre o centro, outros bairros e a região do ABC. O motivo da rivalidade não era claro, mas só o bairrismo já era razão para conflitos.

Já os grupos neonazistas surgiram no país por volta de 1988, segundo o historiador Alexandre Almeida, 40, que estuda o tema. Ex-morador de Santo André, no ABC, ele presenciou brigas de Carecas entre 1987 e 1992. No início dos anos 1990, foram os grupos de intolerância e de cincho nacionalista, como o Carecas do Subúrbio e o Carecas do ABC, que ficaram conhecidos por crimes de ódio.

O estudante David Vega, 22, viveu histórias em grupos de intolerância, relatadas no livro “Cadáveres Brancos” (ed. Giostri). Entre 2005 e 2007, ele conheceu membros dos Carecas do Subúrbio e Front 88.

Segundo ele, nos grupos há membros engajados politicamente e os que só querem ostentar poder. “Tem ‘rolês’ em que o pessoal sai para aprontar”, diz. “Os caras perigosos mesmo não têm ficha na polícia.” ★

(COLABOROU DANILA MOURA)